This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

LIVRARIA ACADÉMICA
J. GUEDES DA SILVA
8, R. Mártires da Liberdade, 12
PORTO - PORTUGAL - TELEF. 26988

OXFORD UNIVERSITY

ST. GILES', OXFORD OX1 3NA

Vet. Port. III B. 69

750

O OUTONO

O OUTONO

COLLECÇÃO DE POESIAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1863

..... Pergat ad imum.

HORAT. — *Art. Poet.*

A SUA MAGESTADE FIDELISSIMA

O SENHOR DOM LUIZ

SENHOR:

Ainda El-Rei D. Pedro V, que Deus haja, governava este reino, e para annos largos no-lo promettia a sua florente e virtuosa mocidade, quando eu solicitei e obtive do Senhor Infante D. Luiz a licença de offerecer a Sua Alteza a presente collecção de poesias.

Era um publico testemunho que eu desejava prestar de desinteressado e agradecido affecto ao Infante herdeiro dos espiritos do de Sagres, pelo summo favor com que na sua viagem a Africa Sua Alteza se dignára de me honrar na pessoa de meu filho, simples aspirante de marinha sob o seu commando.

Sua Alteza, apreciando n'aquelle mancebo, quasi creança ainda então, o seu enthusiasmo pelo bello, a sua paixão pelo mar e pela poesia, e o entranhado affecto com que lhe recitava de cór os mais sublimes

poemas de Hugo e Lamartine, de Byron e de Manzoni, concedia-lhe generoso largas horas da sua intimidade artistica; alumiava-o com as observações da sua critica; repartia com elle os fructos do seu saber, e tacitamente m'o confirmava no culto civilisador das boas artes.

Não é a vaidade que em mim falla; é a gratidão. Não é a um herdeiro do meu nome; é a Sua Alteza que eu exalto com estas verdades, já aliás registadas para a immortalidade por um dos nossos mais eloquentes historiadores, Rebello da Silva, na biographia de Vossa Magestade Fidelissima.

Prouve depois á Providencia levantar ao throno aquelle Infante de optimos auspicios: formado pelos estudos, pelas viagens, pelos trabalhos, pelas dores, e pela poesia.

Hesitei á porta do Paço com a minha humilde offrenda nas mãos, incerto se ousaria apresentar ao Monarcha, absorto nos interesses de todo um reino, um ramalhete que só fôra destinado a um Principe esclarecido, e com horas vagas para se entreter com amenidades de poetas; mas decidi-me: pago ao Rei o que ao Infante promettêra.

Ainda bem que a alma e coração que lá me namoravam no escondrijo volante de um navio, reapparecem aqui igualmente convidativos sob as abobadas do palacio. O homem que honrava a farda, avulta ainda com todos os seus dotes através da purpura.

Senhor: A affeição que Vossa Magestade Fidelissima consagra ás letras e ás artes, é, quanto a mim, um ditoso auspicio para o seu reinado.

Depois que a philosophia começou a saír da infancia, entrou-se logo a perceber que o bello e o bom, o verdadeiro e o util, eram emanações do mesmo principio eterno, e elementos, sob apparencia de antagonistas, mu-

tua e simultaneamente conspirativos para a felicitação da humanidade.

As fabulas dos grandes poetas a amansarem feras, edificarem cidades, reunirem povos, erguerem templos, crearem leis, costumes, artes e civilisação, tudo pelo influxo prestigioso de suas lyras, se não continham historia, encerravam sem duvida prophecia. A idade dos Orpheus não passou; está para vir, e de seculo para seculo se avizinha. Já n'esta ante-manhã se está presentindo o que quer que seja do seu clarão, da sua fragrancia, e do seu calor. É um dia que ha de vir crescendo harmonioso e doirado sobre as pedras dos nossos tumulos, fazendo depois florir os cyprestes de nossos filhos, e fructificar, e cada vez a mais, os dos nossos netos.

A poesia, na sua accepção ampla e verdadeira, é o antever de muito longe, o ousar denodado, o cravar olhos no sol do ideal sem trepidar, e ver no homem, tão claramente como o corpo que pede pão e vestido, um espirito que exige luz, um coração que só de amores se alimenta. Isto é a poesia, e esta poesia é a que está predestinada a ser politica.

Entre os que só olham para a terra e para a seara, para a machina, para a estrada e para o vapor, muitos rirão d'esta fé; mas não rirá por certo Vossa Magestade, que lê e medita Hugo; Vossa Magestade, comprazo-me de o acreditar, dá graças lá por dentro á Providencia de o ter mandado ao mundo n'esta era em que pelo apuro das intelligencias se estão preparando taes destinos, e ambiciona mais que tudo fazer do sceptro vara de propheta, que, dando nas rochas aridas, as desentranhe em fontes copiosas.

Com estas persuasões minhas ácerca das ambições generosas de Vossa Magestade, ainda mais me confirmei

na esperança de que alguns d'estes meus versos haviam de ser por Vossa Magestade recebidos com boa sombra; e logo que o fossem algum proveito poderia advir por elles á nossa terra.

Senhor: Em quanto o primeiro dos nossos poetas lyricos e dramaticos está, deposta a lyra, provando nas salas do governo que o engenho é para tudo, e que o reino da poesia pratica realmente se approxima, consagro eu religioso e devoto os remanescentes do meu estro, se porventura o tive alguma vez, á mais urgente de todas as tarefas sociaes para a presente idade d'este paiz.

Este livro vae cheio de versos que a philosophia, a caridade e o amor á patria me inspiraram. É portanto moralmente considerado um açafate de fructos do meu outono, como a *Primavera* fôra um ramalhete das boninas da minha adolescencia. Não são fructos de enlevar olhos por formosos e raros; mas como incluam substancia que talvez nutra, e sua virtude medicinal, e contenham algumas sementes proveitosas, já não serão por Vossa Magestade desdenhados.

Senhor: Tenho eu para mim que a politica n'esta idade alta, d'onde se avista para o occaso e para o nascente, já se não póde esquivar sob algum pretexto de trabalhar seriamente para as gerações futuras, começando pela infancia actual. Estas creanças, alegria, musica, vaga esperança e cuidado solicito das familias, estes debeis innocentes, estes cidadãosinhos ainda sem direitos formulados, estes esboços de homens e mulheres ainda sem encargos, estes espiritos que um arrebol de rasão apenas illumina, vão ser dentro em breves annos a nação toda. Encherão e dominarão a cidade. Nós dormiremos no cemiterio. Dos bens e males que elles fizerem, grande parte ha de ser lançada á nossa conta, como

á conta d'elles se carregará grande parte do mal e do bem que lá ao diante vier a surdir nos seus herdeiros.

Preparemos pois para tamanhas responsabilidades estas creanças; alumiemos-lhes o espirito, que será ensinarmos-lhes a amarem-se e a bemfazerem-se em si e nos seus, conhecidos e desconhecidos, proximos e remotos.

Sejamos como o seareiro previdente: não semeemos só para haver alimento na nossa mesa; semeemos muito principalmente para as sementeiras ulteriores.

Todas as variadissimas instrucções de que se ha de compor o dote que devemos á nossa descendencia, têem a primeira raiz na instrucção elementar. A escola primaria deve ser tão franca e tão obrigativa a todos, como a pia baptismal. O instituidor primario obrigam-no os sagrados canones da philosophia moderna a ser para os espiritos infantis um perfeito cura de almas, accessivel a todos, grave sem carranca, familiar e alegre sem mate no respeito, claro e amoravel na doutrinação, prégando pelo exemplo a bemquerença mutua. Um varão de conselho auctorisado, que as familias respeitem como um vice-pae de todas ellas, um individuo de eleição que saiba, possa e queira cultivar simultaneamente na população pueril o entendimento, o coração e o corpo: o corpo para a vida, para a saude, para a longevidade; o coração para as virtudes e para a harmonia; o entendimento para a sciencia e para a verdade;—o entendimento, quanto cabe em entes limitados, para aguia; o coração para pomba; o corpo, companheiro inseparavel de ambos, para athleta, que se atreva com as durezas e trabalhos que o aguardam inevitaveis ao longo da vida.

A tudo isto ha de attender com perfeita fé e caridade o instituidor, e forcejar pelo conseguir até onde lh'o permittam as suas forças, os seus recursos, e os designios

da Providencia, que é, ninguem já hoje o duvída, a progressista dos progressistas, e a mãe sempre solicita do genero humano.

Demos embora, ou nas más horas, aos egoistas, aos de curto alcance, aos apathicos, aos que só aspiram ao presente, que a regeneração cabal do futuro pela instrucção universal do povo em flor e em germen, poderá não passar de utopia; é já tão nobre e tão santo o crer n'ella, que todos os sacrificios lhe são devidos, e para ella convem se enderecem todos os esforços. O de que porém se não póde duvidar no actual adiantamento da philosophia, é que, se, postos sinceramente os meios para bem crear e educar, se não chegar ainda á perfeição, muito e muitissimo se ha de conseguir; e tanto basta para que o tenta-lo nos fique sendo logo obrigação.

Mas onde estão realmente os sacrificios que espantem e intimidem a quem tenha alma e discurso, entranhas e hombridade, quando se trata da reconstrucção, ou, por fallar com mais acerto, da fundação da verdadeira escola elementar? Em nos levantando um pouco acima dos preconceitos com que nos afizeram desde os primeiros dias, em nos começando a envergonhar de repetirmos que no ensino das primeiras letras não cabe novidade, nem philosophia, em nos convencendo devéras de que onde tudo no mundo cresce e se desenvolve, não é verosimil nem concedivel que os institutos elementares sejam os unicos fatalmente condemnados a nunca saírem do seu estado embrionario, selvagem, e anachronico, desde logo nos sentiremos naturalissimamente predispostos a crer que se deve olhar para estes viveiros do porvir, como para cousa immensa e a mais momentosa, em que ha muito que se póde e se deve fazer; e que esse muito para os resultados de afortunação, segundo as

idéas que se devem ter da Providencia e do progresso, não póde ser tão difficultoso como se figura a quem prefere ao investigar e discorrer o dormir á sombra mortifera das preoccupações hereditarias.

Cada idade do genero humano approxima-lhe novas luzes, e lhe traz novos encargos. Outros seculos virão revelando e pedindo mais e sempre mais no assumpto que tratâmos. Sem nunca se chegar á perfeição absoluta, ir-se-ha sempre tendendo e caminhando para ella.

Cada era trabalhe no seu andaimo; o andar que ella edifica ficará para fundamento do que para cima se lhe ha de levantar; os lanços que já lá ficam para baixo lh'o afiançam. Esta nova Babel é Deus mesmo quem no-la inspira.

A que se reduz a nossa tarefa de hoje? Medito n'isto ha muitos annos; consultei os factos; alumiei-me da experiencia; consolidei convicção; di-la-hei aqui a Vossa Magestade, que póde mais, e muitissimo.

Factos averiguados:

Os analphabetos invejam a instrucção para si, porque, mesmo na sua ignorancia, já reconhecem que ella é uma força. Se a não procuram, se offerecida a não aceitam, é porque os intimida a demora, a difficuldade, e o tedio do aprender.

Não só os analphabetos, mas ainda muitos dos que sabem ler, esquivam seus filhos á escola, pela certeza experimental de que ali se lhes consumiriam enfadonha e miseravelmente annos e annos, com pouco e ruim fructo para a intelligencia, com muito e notorio estrago para a innocencia e para os costumes, sem nenhum lucro perceptivel, proximo nem remoto; sendo de mais a mais esses annos de supplicio dos seus queridos innocentes, lucros cessantes na economia domestica, para a qual

esses pequenos entes podem já contribuir com mil serviços valiosos.

Os paes que possuem coração, e as mães, que não possuem quasi outra cousa, confrangem-se com a lembrança de que os tenros penhores de todas as suas affeições hão de ir ser de dia a dia suppliciados pelo phantastico delicto de não entenderem o que lhes não é intelligivel, de não amarem o que lhes é por mil modos odioso e repugnante.

Os miseraveis innocentes vêem na escola um carcere e um desterro; no mestre um juiz apaixonado e um algoz; no ensino um cahos; fogem dos bancos escolares sempre que podem; distrahem-se, até por instincto de vida, de uma applicação a que nem a intelligencia, nem a phantasia, nem o carinho, os affeiçoa; tomam odio prematuro aos livros, que os despojam das suas mais suaves horas, sem nada lhes darem, nem prometterem; regam-lhes as enigmaticas paginas com as lagrimas em que se desfazem os seus brios interiores aperreados, muitas vezes destruidos á nascença por uma escravidão ignobil, insensata, e inutil; na primeira hora em que o podem, dilacerám-nas com o mesmo asco e horror com que pisam e destroem no campo um reptil hediondo e peçonhento. Appello para as reminiscencias de quantos em pequenos cursaram aquelles ridiculos e mentirosos seminarios de instrucção e educação. Ainda mal, ou ainda bem, que Vossa Magestade o não sabe por si proprio! Vossa Magestade recebeu o primeiro ensino de Sua Mãe, como todos o deveramos receber, como todos o receberão sem falta, quando, realisada a utopia de hoje, as escolas publicas, já então bonissimas, se fecharem por superfluas, havendo em cada casa a instituidora natural habilitada para o ser, a mulher que deu a vida e o leite,

e a quem tocará ministrar completa toda a primeira amamentação da alma.

Estes são os factos; mas as causas d'estes factos deploraveis quaes serão? Estudei-as, e tambem as reconheci; quero aproveitar o lanço de as expor a Vossa Magestade; talvez se me não depare outro, e o caso é de consciencia.

Muito zombeteiro estulto, muito praguento sem alma, ha de fechar o livro n'este passo; mas como Vossa Magestade o leia, e ha de lê-lo, pouco importam aquelles desdens. Não sei se me escutará numero grande ou pequeno de portuguezes; sei que me vae escutar Vossa Magestade, e pesar na balança recta do seu juizo as rasões que lhe offereço, acolhendo-as, ou rejeitando-as, segundo lhes reconhecer, ou não, verdade.

Que é uma creança? É um ente novo, cuja indole se vae preparar. Póde preparar-se bem, ou mal. Preparada devidamente, o afortunará a elle, e por elle aos mais com quem o aguardam relações activas e passivas de todo o genero.

Este ente novo, recommendavel pela fraqueza, sympathico pelas graças, interessante pela innocencia, é crystallino e transparente por todos os lados. Vê-se-lhe por dentro, mergulhado em luz, tudo o que por lá viceja e florece; não recata, não dissimula, não finge; nada d'isso lhe ensinaram ainda. Ninguem passa que o não olhe; ninguem o vê que o não conheça a fundo e a intimo; e ninguem de coração o chega a conhecer, que o não adore como a um objecto puro, santo, melindroso, que está sem voz intimando todo o favor que merece, que está indicando sem sciencia todos os carinhosos soccorros de que necessita.

Que alto encargo não é pois o de quem ha de jardinar estas flores humanas!

Ha no menino um corpo medrançoso, mas fragil; im-

porta coadjuvar a natureza a desenvolve-lo. Ha um coração, terra de paraizo, em que só se devem semear os bons affectos. Ha um espirito avido, sofrego, insaciavel de conhecer o mundo, que o desatina com tantas novidades e mysterios. Aquelle corpo tem as forças em embrião; aquelle coração possue em germen os instinctos sociaes; aquelle espirito foi fadado com uma logica simples e recta, que pede instinctivamente a cada causa os seus effeitos, a cada effeito as suas causas.

Reconhecidos estes dados fundamentaes, está achado o epilogo da primeira creação; é mister segui-lo, sob pena de se incorrer em sacrilegio e impiedade; em deshumanidade e absurdo; em infanticidio e homicidio.

Nada d'isto se pôde enxergar em seculos pouco reflexivos; mas é já muito grande vergonha não o comprehender hoje em dia.

Nos paizes mais bem medrados pela cultura em entendimento e em amor, têem sido bem apparecidos, e escutados seriamente os alvitristas de educação pueril, humana e christã, luminosa e liberal. Os trabalhos praticos dos Pestalozzis, Lemares, Jacotots, e Frœbels, são credores de universal agradecimento; e algum dia alcançarão toda a honra que lhes é devida.

Defenda-me Deus da fatuidade de querer medir-me com o minimo dos homens d'essa polpa, na vastidão e profundeza das idéas; mas como cada homem, devendo justiça aos outros, a deve tambem a si, e lhe cabe reivindica-la, se lh'a denegam, direi, sem modestia nem orgulho, que o *Methodo portuguez,* segundo o traz comprovado a experiencia, é, não menos que as obras d'esses grandes engenhos, um beneficio, não para se agradecer, não foi feito para isso, mas para se aceitar e aproveitar-se, sem nenhuma duvida.

O *Methodo portuguez,* Senhor, por vezes o tenho repetido, abona mais a boa vontade que o talento do seu auctor. Não brotou, qual ao presente se acha, completo, adulto, e armado, do cerebro de um homem. Comparando-o nas successivas edições que d'elle se têem vindo filiando, sem custo se averigua, que o auctor metteu para a obra mais cabedal de zêlo, paciencia, e observação, que de engenho creador; que teve por collaboradoras as proprias creanças, com quem e para quem trabalhava; que foram as difficuldades mesmas, não previstas a principio, e surdidas depois inesperadamente, e em cardumes, as que a pouco e pouco suggeriram os expedientes que as haviam de destruir. A escola em que tanto tem lidado, não foi para elle por muito tempo senão uma quinta experimental, em que baldou muita semente, errou muito calculo de estações e de meteoros, quebrou e engeitou muito instrumento, de que se havia applaudido emquanto o ideava; mas como em todo aquelle grangeio andou sempre sincero e consciencioso, mais solicito de realidades de abundancia que de vanglorias miseraveis, o correr do tempo fez o seu officio: afugentou as illusões, assentou as verdades, sanccionou os processos prestadios, e veiu a converter a quinta experimental, que foi, na quinta modelo, que hoje é.

Defendendo portanto o *Methodo portuguez,* creado com tanto amor, e tão escrupulosa probidade, nenhum homem de juizo são, e honesto, dirá que advogo uma gloria minha, mas sim uma herança patria, em que eu suei, callejei, e envelheci, no meio dos cantares e das alegrias dos meus imberbes e innumeraveis cooperarios.

Toda esta cultura, desde a primeira arroteação até á actual prosperidade, tem sido singelamente executada á vista de toda a gente; toda a gente, quer o confesse quer

não, sabe portanto, e se o não sabe é porque acinte o não quer saber, que a nova escola, estudada na propria indole dos rapazinhos, edificada e aperfeiçoada com elles, satisfaz, ou a todas, ou, inquestionavelmente, ás principaes indicações da philosophia hodierna em taes materias.

Voltemos ao que ha pouco assentaramos como bases. Muito de industria repisâmos, e havemos de repisar, n'estas materias ainda não vulgares.

Que pede o espirito dos meninos?: Noções claras, legitimamente deduzidas, desde o mais simples até ao mais complexo; um processo de passo a passo, sem lacunas nem saltos, desde o natural conhecido e familiar, unico ponto de partida racional, até ás summidades do artificial, para onde é o itinerario. Muito bem; que faz então o *Methodo portuguez?* faz o mesmo que fez de certo o inventor da escripta e leitura; porque, não cessemos de o repetir: ensinar uma arte qualquer, é crea-la para quem ainda a não possue; e a mais segura carta de guia que para tal fim se póde seguir, é a historia mesma, documentada, ou conjectural, d'essa primitiva creação.

Não havia ainda escripta nem leitura. Um genio, esquecido hoje pela ingratidão dos seculos, mas como que inspirado pelo céu, sonhou um dia no quanto seria util fixar-se, se fosse possivel, em vestigios perduraveis, a linguagem dos sons, reflexo instantaneo das idéas e affectos. O pensamento havia sido, por um dom divino, convertido em falla; importava forcejar em que a falla se convertesse, por outro dom quasi tão divino como o primeiro, em signaes fixos, rigorosos, tão claros, tão intelligiveis, como ella; mas que podessem chegar a distancias de logar e tempo, a que as fugazes ondulações sonoras do ar não abrangiam.

Achado isso, se jamais se podesse desencantar, ficava

o homem supérstite a si mesmo, immortal na convivencia dos seus similhantes. Perpetuar-se-ía a lembrança dos tempos, dos successos, dos descobrimentos, dos inventos. Nenhuma conquista momentosa do espirito, ficaria mais em contingencias de esquecimento. Cada idade, dotada *in integrum* com o melhor das noções das idades precedentes, edificaria sobre bases mais altas, mais amplas, e mais solidas, a sua tarefa de progresso.

Era sublime o sonho d'aquelle Prometheu. A Divindade que lh'o inspirára, não o desamparou no temerario commettimento.

Para chegar á resolução do problema que se propozera, começou racionalmente por averiguar, para a reconhecer, a mechanica da linguagem fallada, que era para elle o unico ponto possivel de partida.

¿Se inventasse um signal, um traço, uma figura, um caracter, gravado, ou pintado, correspondente a cada palavra, a cada um dos membros distinctos, de que a phrase pronunciada se compunha?... Estendeu a consideração pelo innumeravel dos vocabulos, e esmoreceu. Como crear tantos signaes?... Como distribui-los, sem perturbação, pelos vocabulos?... Com que fio encaminhar a memoria para os reconhecer a cada um, e a todos, e de relance, em tão abstruso labyrintho?...

O genio, quando verdadeiro, não recua diante da difficuldade insuperavel: pára, reconcentra as forças, e reconsidera. Reconsiderou, e disse: Sejam embora innumeraveis para mim as palavras, de cujas diversas combinações resulta a multidão, ainda mais espantosa, dos periodos; talvez que assim como logrei estrema-las no periodo, possa estremar n'ellas membros componentes, e que esses, os quaes eu já entrevejo se reproduzem identicos em muitas palavras diversas, não sejam em tão

avultada quantia, que um esforço da vontade e da memoria os não possa dominar. Assignaladas que sejam as parcellas constitutivas das dicções, assignaladas ficarão as dicções, que são a somma d'essas parcellas.

Recitou pausadamente as palavras; convenceu-se por este exame attento, de que a extensão d'ellas era desigual; que umas se proferiam n'um tempo indivisivel, outras em dois, outras em tres, outras em mais. Eram as syllabas que se lhe revelavam. Com effeito, syllabas perfeitamente identicas occorriam na formação de termos diversissimos. Mas, por infortunio, a multiplicidade das syllabas aterrava ainda a memoria; teve de parar de novo, e de novo reflectir.

A decomposição do discurso em palavras, conduzíra-o á decomposição das palavras em syllabas; a decomposição das palavras em syllabas, não podia deixar de o conduzir agora á tentativa de decompor as mesmas syllabas em elementos.

A phenix ideal, que por duas vezes lhe fugíra, já não podia mais esquivar-se-lhe; estava colhida no intimo do seu ninho; a multidão das syllabas, de cujas combinações resultava a multidão muito mais avultada das palavras, como as combinações das palavras originavam as combinações infinitas dos periodos, a multidão das syllabas, repetimos, era effectiva e decididamente resultado de pouquissimos elementos sonicos, primordiaes, bem distinctos, e sem esforço reconheciveis.

D'estes elementos os principaes, e os menos, eram vozes simplices; os secundarios, em pouco maior quantia, eram inflexões modificadoras d'essas mesmas vozes.

Creou para cada voz um signal visivel, a que se chamou vogal; para cada inflexão de voz, outro, que recebeu o nome de consoante.

No seu curto alphabeto ficaram para sempre fixados os equivalentes visuaes de todos quantos sons tinham até ali enxameado confusos e fugazes no commercio dos espiritos.

Taes foram (postas de parte as incompletas, vagas e confusas escripturas symbolicas, geroglificas, etc.), taes indubitavelmente foram os primordios da arte de escrever, filha legitima da arte de fallar, mãe e socia da arte da leitura.

Gloria-se o *Methodo portuguez* de haver sido o primeiro que attentou n'este facto importantissimo, para extrahir d'elle consequencias praticas da maior vantagem.

O mestre e os alumnos, ao exemplo d'aquelle inventor, começam trabalhando n'um objecto que todos elles possuem em commum, que todos elles apprehenderam sem esforço, e que todos amam por isso mesmo; este objecto é a lingua do seu paiz. Os vocabulos, pausadamente proferidos, dão-lhes logo as syllabas; as syllabas, pronunciadas e ouvidas com attenção, patenteiam a um e um os elementos constitutivos.

D'este facil exercicio nascem ainda dois proveitos que se lhe não pediam: acclara-se e apura-se a pronuncia; corrigem-se mil barbarismos de dicção.

Contrahido em poucos dias, e folgando, o habito de analysar a palavra até aos seus elementos sonicos, sem esforço se entra no correlativo processo de recompor dos elementos sonicos a palavra inteira e viva.

A esta synthese chamou-se leitura auricular, como escripta auricular se chamára áquella analyse.

Ahi chegado, aquelle homem creador inventára as letras, dando por nome a cada uma o proprio som que ella era destinada a representar.

O mestre, que achou as letras já inventadas, não tem

mais que apresenta-las a seus alumnos, mnemonisando-lhes as fórmas para que se aprendam á primeira vista, se fixem para sempre na memoria, e se não possam de fórma alguma permutar ou confundir.

Um singelo artificio satisfez a tudo isto: cada letra, que d'antes não era mais que uma combinação fortuita de traços, sem rasão de ser, e sem péga para a phantasia, appareceu como sombra exacta de uma certa figura conhecida. Essa figura tinha uma historia, em que entrava, como parte essencial, o som, que se pretendia, porque assim o digâmos, tornar visivel. Conhecida a historia, era impossivel encarar a figura sem mentalmente se lhe ouvir o som. Apresentada a sua sombra, a letra, a reproducção do mesmo som era instantanea e infallivel.

O alphabeto foi aprendido repentinamente; não admira: se elle se havia feito folgasão e pueril na indole, rigorosamente motivado em todas suas partes, e expurgado absolutamente das ligas de valores heterogeneos, das falsificações absurdas, de que no antigo systema se acompanhava o nome de cada letra, com grave escandalo da logica, e difficultação subsequente no ensino!

Sabido o alphabeto, achar-se-íam a subitas, com espanto e alegria, na estrada real da leitura ocular, os que a tempo se haviam adestrado na leitura auricular, se por desgraça as crueis semrasões das alcunhadas orthographias sabias, irreconciliaveis inimigas da instrucção popular, não tivessem adulterado a formosissima simplicidade primitiva do invento.

Cada som na infancia, isto é na perfeição, da arte, foi necessariamente representado por um só caracter, e cada caracter era restricto a um som unico; assim, o ler e o escrever, eram instantaneos e segurissimos.

Muitas causas diversas vieram destruindo de lingua em lingua, e de era em era, aquella simplicidade tão discreta e proveitosa, até ao ponto de que hoje em dia qualquer palavra escripta offerece muitas vezes ao principiante tantas questões previas para ser decifrada, quantas as letras de que a mesma palavra se compõe; e pouco menor numero de questões, cada palavra fallada que se pretende escrever. Uma só letra póde corresponder a dois, tres, quatro, cinco, seis, e sete elementos sonicos, como um elemento sonico póde ser traduzido em caracteres diversissimos; d'aqui, enormes, quasi insuperaveis, embaraços para a escripta e para a leitura. Nem para uma, nem para outra d'estas desgraças, tinha remedio a escola velha, nem jamais o procurára; o *Methodo portuguez* buscou-o, e, se o não descobriu radical, porque o estrago produzido pela pseudo-orthographia era incuravel, descobriu paliativos que o minoraram.

Ás difficuldades da leitura, resultantes da multiplicidade dos valores de cada letra, acudiu com as possiveis regras que determinassem qual d'entre os valores possiveis convinha a cada letra em cada hypothese. Essas regras, para nunca perder de vista o agrado, a attracção, a seducção para o saber, metrificou-as, rimou-as, deu-as a cantar.

Pelo que pertence ás questões e questiunculas da orthographia (estranha sciencia que não tem em todo o Portugal dois sabios perfeitamente concordes!) o *Methodo portuguez* nada ousou directamente.

Espiritos confusos, ou de má fé, pregoaram, calumniosa e despejadamente, que o novo ensino era incompativel com isso que elles appellidavam orthographia; quando a pura verdade, sabida e provada, era esta: que o *Methodo portuguez*, a poder de analysar com os seus alum-

nos cada uma das palavras que se haviam de ler, e cada uma das palavras que se haviam de escrever, lhes ía gravando cada vez mais fundo na memoria alguma cousa, e muito, d'isso que em geral se condecora com o titulo pomposo e falso de orthographia.

Ninguem das escolas velhas saíu jamais que a soubesse; nas escolas methodicas encontram-se creancinhas que parecem tê-la adivinhado, e, graças ao diuturno martelar da analyse, poderiam empyricamente corrigir a muitos mestres primarios do antigo regimen.

O auctor do *Methodo portuguez* desejava, e deseja ainda, para as escolas elementares, e para a universalisação da leitura, uma escripta extremamente simples, exacta, e rigorosa; mas o *Methodo portuguez* ensinou a ler o que estava escripto á moda do tempo, e ensinou mesmo a escrever em conformidade com essa leitura.

A pontuação, de que nunca se fizera o devido caso nos institutos da puericia, foi tida em grande conta nas escolas methodicas. Mnemonisou-se e explicou-se o tom e a pausa de cada um d'esses signaes, de que resulta sentido, alma, vida, e a graça propria a cada periodo; a creança, que pela curteza da sua idade não póde ainda comprehender senão a minima parte do que lê, lê-o todavia agora por tal modo, que parece entende-lo a fundo, e o faz gosar de seus ouvintes.

Omittindo o mais que se innovou com boa mão para o ensino prompto da calligraphia popular, não luxuosa, mas sufficiente, clara, e exacta, e para a leitura, igualmente mnemonisada, dos numeros, tanto arabigos como romanos, pequenos beneficios esses que a ingratidão póde pagar á sua moda, mas já não logrará escurecer, repito que, em relação ao espirito da infancia, nenhum *methodo,* senão o *portuguez,* poz ainda até hoje por obra n'este

reino (e não quero fallar dos outros, para não parecer jactancioso) o que o bom senso e a humanidade estavam indicando e exigindo.

Tornou-se o estudo, de abstruso que sempre fôra, eminentemente claro; de arido e importuno, ameno e convidativo; de desconnexo e desordenado, deduzido; de diffuso e somnolento, conciso e animado.

A logica nativa dos animos novéis, a ancia instinctiva de descortinar as causas, os effeitos e os prestimos, propensões naturaes, irresistiveis, da primeira idade, tudo foi devida e religiosamente observado, servido, satisfeito.

A allegação é esta; as provas estão nas escolas regeneradas; mórmente se se compararem com as suas incriveis antagonistas.

Pelo que pertence ao physico, e á saude dos alumnos, ponto foi esse a que não attendeu menos o auctor do *Methodo portuguez,* sincéro amigo do futuro.

É a actividade corporal uma lei imposta pela natureza aos annos crescentes. Contrariar esta lei sem demonstrada necessidade, é affrontar sacrilegamente a natureza, e empecer aos seus olhos o recto e normal desenvolvimento do individuo. A creança, como tantos outros animaes no começo da vida, necessita de grandissima agitação; dir-se-ía que um mestre invisivel de gymnastica a está continuamente impellindo para o uso, até ás vezes turbulento, das extremidades superiores e inferiores, do tronco, dos pulmões e da voz. As pessoas adultas, sobretudo as já decadentes, esquecidas de terem ellas mesmas sentido outr'ora em si aquella fatalidade irrequieta e irresistivel, forcejam por cohibir esses effeitos espontaneos de uma energia latente, em que já não podem tomar quinhão, e, abusando egoisticamente da força e da auctoridade, condemnam as pobres avesinhas de Deus á immobilidade,

ao silencio, á escuridão, e a todas as funestas consequencias physicas, intellectuaes, e moraes, que de taes causas se originam; infligem a almas viçosas um envelhecimento prematuro, um infanticidio parcial, que outra cousa não é o choverem gêlo e trevas sobre tão mimosos rebentos e botões de primavera.

Quererá isto dizer que recusâmos á idade madura, protectora natural da idade insipiente, o direito, e a obrigação, de inspeccionar a desenvoltura pueril, e de lhe cohibir os excessos temerarios e perigosos? De nenhuma sorte; o que unicamente pretendemos, é que as repressões só comecem, onde os abusos principiam; e que para dentro da área que elles cercam e ameaçam de lônge, reine para nossos filhos o seu quinhão legitimo de liberdade. Os direitos das creanças não são ménos respeitaveis que os dos homens; são talvez ainda mais attendiveis, por isso mesmo que lhes fallecem a força e a arte para os fazerem valer.

Entre-se n'uma escola velha. Sente-se logo o que quer que seja de repugnancia, de terror, de reprovação instinctiva, de execração involuntaria, vendo n'aquelle espaço estreito, mal arejado, nem sempre bem alumiado, desgracioso, fetido, um bando de innocentes condemnados á immobilidade, ao silencio, ao pasmo estupido, sobre bancos duros e sem encosto, como os das galés, com as pernas pendentes, os olhos automaticamente fitos sobre o indecifravel e odioso enigma de uma pagina; isto em face de um mestre antipathico, tão captivo, tão desgraçado como elles, seu tyrannisado e seu tyranno alternativamente, e a cujos lados avultam os brazões millanarios do ensino desnatural, os instrumentos de dor e de vergonha, os impotentes auxiliares da impotencia d'elle: a vara, a ferula, as orelhas asininas.

¿Que fazem com effeito ali todos aquelles pobres amores, tão candidos, tão inoffensivos, tão reconheciveis imagens ainda de suas ternas mães, recem-arrancados de seus seios e de seus abraços, ainda cheirosos á suavidade do leite, ainda tepidos dos beijos, e tão saudosos da primeira e naturalissima escola em que aprenderam a falla, o andar, e, de envolta com as noções rudimentaes do mundo e da vida, o Padre Nosso, e a Saudação angelica, tão apropriada ás suas vozes virginaes e femininas?

As ameaças e os castigos chovem inutilmente sobre os miseros acorrentados. A indole nativa é n'elles mais forte que o terror que lh'a procura sopear: a desinquietação reina em todas as fileiras; surde por toda a parte o contrabando dos risos, das conversações á socapa, os toques disfarçados dos pés, as provocações das mãos, o commercio furtivo dos olhares, os suspiros do cançasso, as contorsões da impaciencia, as lagrimas involuntarias que sulcam muitas faces, a laceração raivosa das folhas, e a cada minuto os pedidos, nem sempre outorgados, de uma licença para saír.

Que significa tudo isto, espectadores homens e humanos? Tudo isto são protestos da natureza contra uma pressão absurda, inutil, contraproducente; quando não, aguardae a hora do levantar da escola: é uma debandada, um frenesi, uma furia; saltam fugindo uns por cima dos outros; a rua, ou a praça, são campo estreito para as suas carreiras, para as suas lutas, para os seus tripudios, para as suas guerras; é o delirio e o excesso da liberdade que se reconquistou; os livros aborrecidos tornaram-se projecteis; as vozes represadas, rebentam em celeuma; a arvore, a vidraça, o animal descuidoso, o passageiro indifferente, são outros tantos alvos ás pedradas; os mais pacatos vingam-se em arremedar, entre as risadas dos

circumstantes, a carranca, a voz, as posturas, e os movimentos do preceptor.

Breve: de indoles bondosas, soffredoras, femininas, fez-se pela irritação uma especie de ferocidade, que forma a contraposição mais singular com a debilidade das forças, com o macio das vozes, com o gracioso e attractivo dos semblantes.

O *Methodo portuguez* não se contentou de ser logico, preciso e luminoso: reconheceu como dever o aproveitar para os trabalhos que tinha de perfazer as tão provadas qualidades essenciaes e inauferiveis da puericia, procurando unicamente dirigi-las com acerto e amor para os seus fins, fins grandes e grandissimos, sob as mais tenues apparencias. Em logar de ter as creanças sentadas duas ou tres horas consecutivas, contra a vontade de Deus e d'ellas, fê-las marchar tambem, todas as vezes que a lição não requeria indispensavelmente olhos fitos sobre os livros, ou sobre o quadro da leitura commum.

Para estas marchas, não tumultuarias, mas concertadas, ás quaes o gosto dos meninos se accommoda ás mil maravilhas, era essencial toda a exacção do rythmo. As mãos palmeando, e os pés accentuando as passadas como no exercicio de marcha dos recrutas, ao mesmo tempo que marcam o rythmo, lá vão robustecendo as extremidades.

É o canto outro exercicio rythmico, excellente, que o methodo amigo da civilisação se não envergonha de ter aproveitado para amenisação das suas regras metrificadas e rimadas, e para os canticos religiosos, por onde abre e cerra a abençoada tarefa escolar de cada dia. Se é util aos meninos o cantarem, não é preciso pergunta-lo aos naturalistas e aos medicos; reconhece-se na tendencia que em toda a parte se nota na primeira idade para a

cantoria; tendencia que está por si mesma pedindo se aproveite e se encaminhe para o desenvolvimento do gosto musico, companheiro, amigo e fautor da civilisação, da sociabilidade e dos costumes.

A escola velha, os seus parciaes apaixonados, os espiritos ignorantes, e os animos rudes, improbaram e escarneceram sobretudo estas prelibações musicas na primeira educação, estas palmas, e este rythmo; fizeram mesmo d'essa pobre zombaria o seu melhor argumento contra o ensino philosophico, humano, e evidentemente fecundissimo. O auctor do *Methodo* já não tem a indecente humildade de lhes responder.

As vantagens da harmonia são evidentes. Cantam as salas e os theatros; cantam as officinas e as fabricas; os exercitos marcham, pelejam e triumpham, ao som de seus instrumentos; a religião mistura com os incensos as melodias nas suas festas; por que rasão a escola, que é um ninho, só a escola, sería excluida d'esta communhão universal da musica?!

Mas o rythmo tem por si para as nossas escolas outra rasão de maior momento ainda, se é possivel. Sem o rythmo rigoroso, pontualissimo, não se obteria jamais a simultaneidade do ensino; e a simultaneidade do ensino é o primeiro artigo de fé no credo sacrosanto da instrucção popular e universal. O mestre deve estar constantemente presente a todos os alumnos; os alumnos todos constantemente presentes ao seu instituidor. Os ouvidos de cem discipulos devem formar um só ouvido; as suas cem vozes uma só voz; os seus cem pensamentos um só pensamento; todos os seus olhares uma só vista.

Os ensinos mutuos, as turmas, as decurias, as lições individuaes, são a anarchia, o tumulto, o enxame dos zangãos; são immoralidade; são desbarate do tempo e das

forças, aniquilação da vontade, esterilisação do futuro, negação do ensino, escandalo da rasão, tragi-comedia disparatada, para o logar da mais seria e necessaria cousa d'este mundo.

Ora: a simultaneidade, que desterra e proscreve das escolas todas estas anachronicas miserias, a simultaneidade, que instrùe deveras, e em grande, tem no rythmo a primeira e impreterivel condição de sua existencia. Logo o rythmo, como tudo quanto para elle concorre, as palmas, o canto, as marchas, é um progresso, que, depois de mostrado e sentido, já se não póde sem escandalo rejeitar.

Satisfez pois o *Methodo portuguez*, quanto n'elle cabia, ás justas exigencias do espirito, e ás exigencias, não menos attendiveis, dos corpos, n'aquelle periodo da vida em que elles estão pedindo por todos os modos o desenvolver-se.

Os affectos, que formam, a par com a religião, a mais segura base para a moral, eram furiosamente sacrificados pela escola anti-methodica. A rigoridade, indispensavel n'um ensino que tinha de se impor á força, por não saber ser claro e aprazivel, desappareceu totalmente como superflua dos nossos institutos. É uma educação liberal; uma educação digna de homens. A rasão é consultada em tudo; tudo tem o seu *porquê* perfeitamente intelligivel; a memoria é auxiliada; larga-se com mão attenta quanta redea é necessaria ao movimento physico; a phantasia, que se apraz da variedade, é satisfeita; antegosta-se um poucochinho das artes, da musica, da pintura; não ha veto para o rir decente e comedido; sente-se no mestre um amigo e um pae; na applicação, um recreio regular e variado; nos palpaveis progressos quotidianos, uma satisfação para o amor proprio; as letras, são de

hora a hora mais familiares; os livros não são inimigos; já se não ha de entrar para o mundo odiando-os; o mestre ufana-se com o producto das suas diligencias, e já ama aos seus ouvintes, como cooperadores do seu bom nome, da sua gloria, das satisfações da sua consciencia, e dos seus sonhos regalados; a carranca d'elle desappareceu, desde que o desobrigaram de verdugo; o seu pequeno povo paga-lhe o amor na mesma moeda.

Por este lado, aceitos francamente os beneficios que o *Methodo portuguez* afiança, e effectivamente dá, onde gente acintosa e myope o não repelle, pouco resta para fazer; e o tempo, que sabe e póde mais que todos nós, ha de traze-lo; e Vossa Magestade, em Deus o espero, sem duvida o ajudará.

O *Methodo* é claro, accessivel a todos os entendimentos, mnemonico, artistico; o *Methodo* é caridoso, efficaz, rapidissimo; resta que aos mestres, que dignamente o professarem, se retribua o zêlo, melhorando-lhes a fortuna; que os paes, mal cuidosos da cultura intellectual de seus filhos, se obriguem, seria e inexoravelmente, a manda-los á escola; que n'ella haja praso rigoroso para a matricula e para os exames; e que emfim estes seminarios, já desbarbarisados por dentro, se tornem até no exterior convidativos; não magestosos, como os templos, os tribunaes ou os palacios, mas de uma simplicidade amavel e ridente como canteiro em jardim, que, sem grandes dispendios de architecturas, attrahe por mero condão de suas graças as abelhas, as borboletas, os olhos, e os sorrisos.

Senhor: Quando os esforços de nós todos, coadjuvados pelos de Vossa Magestade, houverem coberto d'estes bellos institutos a superficie do territorio portuguez, e a sabedoria dos legisladores tiver completado a obra, facilitando e provocando com altos premios o appareci-

mento, a diffusão profusissima de bons livros populares para todo o genero de iniciações e culturas, livros claros, formosos, sympathicos, baratissimos, gratuitos até para os pobres, gratuitos como os cantos das aves, a luz do sol, e o ar balsamico da primavera, por modo que o saber ler não seja, como até agora, uma prenda inutil, e até perigosa, então haverá raiado o arrebol da verdadeira politica, a ante-manhã de uma civilisação real, inexpugnavel, e de si, e por si mesma, recrescente.

Traçára eu limitar-me n'uma respeitosa pagina de dedicatoria, e eis-me já tão alongado pelo mar immenso das considerações utilitarias, das supplicas, e dos votos!

¿Apagarei agora, como descabido, o que deixo escripto? Á fé que não. É preciso que, á mingua de qualquer outro amparo, a verdade encontre ao menos um asylo d'onde sempre antigamente a proscreviam: ao pé do throno.

Um Principe liberal, moço, e instruido, não póde recusar-se a escuta-la, e de tão melhor grado soccorre-la, quanto mais a reconhece desvalida.

Ah! se terá chegado finalmente o dia! Se a este, já cansado, já millesimo pregão de mendicidade publica, os balcões doirados do palacio se abrissem, e a mão dadivosa de uma vice-providencia deixasse caír como esmola sequer para os descendentes, o pagamento de instrucção que aos ascendentes se negára!...

Senhor: Muitos titulos gloriosos tem a historia liberalisado aos Monarchas d'este reino; mas o mais invejavel, e todavia o mais accessivel, está ainda por colher. *Pae da Escola Popular* epilogará em si o *Conquistador,*

o *Povoador,* o *Lavrador,* o *Justiceiro,* o de *Boa memoria,* o *Perfeito,* o *Feliz,* o *Piedoso,* o *Desejado,* o *Grande,* o *Restaurador,* o *Victorioso,* o *Pacifico,* o *Magnanimo,* o *Reformador,* o *Libertador,* o *Virtuoso,* e o *Illustrado.*

A este Rei do presente e do futuro, já n'esta hora antevisto em Vossa Magestade, é que se gloría de haver offerecido os fructos do seu outono

De Vossa Magestade Fidelissima

Lisboa, 17 de março
de 1863.

o mais reverente e devoto subdito,

Antonia Feliciana de Castilho.

ADVERTENCIA

Em 1844 colligiu o auctor n'um volume, sob o titulo de *Excavações Poeticas*, poesias suas avulsas, umas então recentes e de todo ineditas, outras desenterradas do cemiterio litterario, chamado *imprensa periodica*.

O *Outono* é segunda miscellanea do mesmo genero; não lhe peçam unidade, chronologia, ou deducção de qualquer genero. É a segunda salinha de um museu pobre, particular, e sem classificação; não é mais nada.

As *Excavações* foram acolhidas com favor; o *Outono* ousa portanto contar com elle.

N'este, como n'aquelle repositorio, ha pelo menos a recommenda-lo, e á mingua de outro qualquer merecimento, a maxima variedade de assumptos, fórmas e estylos, de modo que, se ninguem se contentar de tudo, ninguem pelo menos deixará de topar aqui ou acolá em que pôr olhos.

Das quarenta composições poeticas encerradas no volume (das prosas intercalares não ha por que fallemos) umas são originaes, outras traducções, outras imitações; mas todas portuguezas de nascença, ou por naturalisação.

São originaes vinte e oito; a saber: *Novo Anjo,—No Transito do Senhor Rei D. Pedro V,—A Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando II,—A Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz,—Vaticinio,—Deprecação,—Agradecimento,—A madame Fortunata Tedesco,—Letreiro posto por baixo de um retrato de madame Fortunata Tedesco,—Á cantora Ersilia Agostini,—Á prima-dona Margarida Bernardi,*

—Despedida da prima-dona Margarida Bernardi,—Despedida de Neri-Baraldi,—Despedida á prima-dona Marietta Gazzaniga Malaspina,—Felicitação da companhia lyrica ao compositor portuguez Migone,—Os porteiros do Real Theatro de S. Carlos,—Monologo para ser recitado pela actriz Emilia das Neves e Sousa,—A Senhora da Nazareth,—Lenda dos Bailarins,—A constancia aldeã,—O rapaz dos burros,—Arte de ser feliz,—Versos para a abertura do asylo de Vianna do Castello,—Cantiga de Giraldo Sem-Pavor,—A tomada de Coimbra,—Versos no Pavilhão do Terreiro do Paço,—Inscripções no arco triumphal da rua direita do Sacramento,—O Almanach de Lembranças.

São traducções oito; a saber: *Adriana Lecouvreur,—Moreto,—O rapto de Europa,—A primavera no mar,—Traducçãosinha dedicada ao meu vizinho da esquina que faz criticas,—A invenção da azenha,—A invenção do cálamo,—Versos cantados na comedia «O Cavalheiro S. Jorge».*

São imitações quatro; a saber: *O Natal do pobresinho,—A invenção dos jardins,—As metamorphoses do macaco,—O amor.*

Fundem as composições originaes 2866 versos; as traduzidas 1326 versos; as imitadas 456 versos.

Procedeu-se á fastidiosa estatistica supra para se acudir com ella a quem porventura quizesse reprehender ao auctor haver pouca originalidade no volume.

A resposta mais cabal seria porém outra, bem susceptivel de largo desenvolvimento e demonstração.

Em resumo, visto para mais não haver tempo, nem valer a pena, eil-a aqui:

Abstrahindo da questão mesquinha de amor proprio, doença realmente de que o auctor não padece muito, entende elle que, em relação ao publico e á arte, as boas traducções e as boas imitações não têem menos valia que os bons originaes, e casos haverá em que lhes excedam.

Trazer para a familiaridade e fecundativo commercio intellectual dos nossos conterraneos, producções estimaveis de outros paizes, e de outras eras, conservar-lhes, ou restituir-lhes, depois de transplantadas, a sua graça originaria, e talvez não raro melhorada, se não é para se agradecer, não é tambem para se arguir.

Se o auctor houvesse por systema anteposto sempre a honrinha de sacar da sua propria substancia o fundo e a fórma de todos os seus poemas, não teria levado os seus caros leitores a ouvirem a *Invenção da azenha e a do cálamo,* cantadas por dois tão antigos poetas gregos, que até o nome se lhes apagou; não teria apresentado o *Rapto de Europa* de Moscho, um dos mais bellos e vividos quadros da musa hellenica; não teriamos visitado com Virgilio aquella curiosa choupana

de Similo na antiga Napoles; não fariamos idéa da inspiração e sensibilidade do genio dinamarquez, tão seductor no *Natal do pobrezinho*, e na *Primavera no mar*.

Outra ponderação, e mais nada; é ainda em defensa das imitações e traducções: não será porventura bom serviço ás letras nacionaes o provar por obras, possuirmos tão vasta, formosa, e bem registada lingua, que podemos trasladar para ella, sem quebra nem enfraquecimento, tudo quanto resôa entre gabos e applausos nos mais bem dotados idiomas peregrinos?

Como os outros sentem, não sei eu; o que sei é que todo me delicio quando vejo e provo quão sem custo a propria lyrica luxuosa dos italianos, com as suas rimas symetricas e abundantes, com as suas pausas fixas, com os seus esdruxulos, póde tornar-se portugueza. A *Adriana Lecouvreur*, com ser aliás um pobre drama, tem este valor muito real.

Como é já notorio que eu possuo em summo grau a virtude da obstinação quando se trata do que me parece bom, encerra o tomo nada menos de 1532 versos alexandrinos. Já se vê que teimo na diligencia. É porque contra este magestoso e elegante metro, nada ainda se ponderou que viso tivesse de argumento. Ao alexandrino compete como hexametro que é, a palma em nossa lingua, e espero que a ha-de conseguir. Dizem que é francez; tambem o conde D. Henrique o era, mas governou cá, e creou dynastia. O hexametro porém é mais e melhor que francez: é grego e romano; é de Homero e Virgilio nada menos.

Harmonia, creio que ninguem ainda excogitou negar-lh'a, e ahi é que bate o ponto essencial. «Ha alexandrinos errados e mal feitos»; boa duvida! em todos os metros acontece o mesmo; mas não são esses os que se recommendam: são os de Lobato Pires, os de Pinheiro Chagas, os de Mendes Leal, os de Thomaz Ribeiro, os de Pinto Ribeiro, emfim os de quem faz versos reconheciveis sem maiuscula. A pena será se continuarem a resistir a taes exemplos os que melhor podiam dal-o; e ponho em primeira linha o meu donoso e melodiosissimo poeta Bulhão Pato, com quem mexeriqueirinhos do soalheiro têem procurado inimizar-me, não sei porquê, nem para quê. As reprehensões que lhe dou por não poetar muito mais, e sempre, são explosões da correspondida amizade que lhe consagro; e bem o sabe elle que nunca nos encontrâmos sem que eu lh'as reitere.

Não ha mais advertencias previas que fazer.

Quanto ao titulo do livro, na precedente carta dedicatoria a El-Rei, fica dada sufficiente explicação.

D'aqui até ao dia das criticas illustradas, justas e decentes, nada mais.

NOVO ANJO

ELEGIA

NO SENTIDISSIMO FALLECIMENTO

DE

SUA ALTEZA IMPERIAL A SENHORA PRINCEZA

DONA AMELIA DE BRAGANÇA

Troa a bradar por Ella, heroica artilheria!
Volteae no alarido, ó sinos da oração!
Chora-te, ulula, infancia! Harpas da poesia,
dae aos echos sem medo a lugubre canção!

Como a estatua da dor ao tumulo abraçada,
a pobre mãe não sente o que em redor lhe vae;
essa urna é seu mundo; o universo lhe é nada;
harpas, infancia, bronze, afoutos pranteae.

Quanta dor exprimis, não se compara ao luto,
que os dias ennoitece á misera Rachel,
arvore sem raiz, e cujo extremo fructo
caíu, jaz a seus pés, immaturo, e já fel.

Qual outr'ora... e qual hoje! achou-se a mulher forte!
Vede-a viva e de pé nos abysmos da dor!
Quantas vezes no peito a fulminou a morte!
e respira, apegada á cruz do Salvador!

Orphã!... e de que Paes! Viuva!... e de que Esposo!
víra tudo que amou sumir-se-lhe no pó!
Só lhe restava um anjo em seu ermo espinhoso;
a luz que lhe ella dera, elle lh'a dava só.

Outro anjo, o da morte, o do ineffavel premio,
lh'o andava a namorar d'entre as palmas dos céus;
entendiam-se os dois; a mãe no avaro gremio
sumia o seu, convulsa, olhando os mausoléus.

—«Foge, ó mãe,—lhe murmura a vencida sciencia—
«nos ermos do Oceano um Eden[1] te sorri;
«co'a arvore da vida a mão da Providencia
«lá, onde ha salvo a mil, a salvará por ti.»—

Creu, voa, chega, implora; ás auras da saude,
no semblante sem côr vê rosas reflorir!
Ó no mar verde ninho! ó céu d'alma virtude!
graças, graças a vós! clareia-se o porvir!

Já bençãos mescla o povo ás orações e aos votos;
filha e mãe, sem terror já ousam de se olhar;
da infancia e da indigencia aos tugurios devotos
por suas proprias mãos já vão seus dons levar.

Mas o celeste amante!... é firme em seus amores;
espera, e não desiste. A fronte virginal
reflorida se creu... e eram do Empyreo as flores!
Desce o pallido véu da boda perennal!

A hora bate! os céus de par em par se abriram!
entre igneos cherubins alma esplendente vae!
á terra, ao firmamento, os seus olhares giram!
sae d'um seio de mãe, voa aos braços d'um pae!

[1] A ilha da Madeira.

Joven Alma feliz! nos jubilos eternos,
das virgens no alvo côro, entre o cantar sem fim,
d'uma santa no luto escuta os ais maternos;
tua foi; baixa a vê-la, ingenuo seraphim.

Na ante-manhã, lá quando o somno os olhos lassos
Lhe houver alfim cerrado, exhaustos de chorar,
risonha Lhe apparece; amima-a nos teus braços;
embala-a, como outr'ora usava a te embalár.

Foi-te mãe; sê-lh'o agora. Envolve-a de caricias.
Cantava-te ella amor? Canta-Lhe amor tambem;
d'ambas lhe canta a gloria. Envolve-a nas delicias
do que é teu, do que a espera, incomparavel bem.

Dize-lhe: —«Aqui na terra, é tudo fugitivo;
«remorsos o passado; o futuro fallaz;
«o presente afflicção. Quem morre, nasce. Eu vivo;
«vivo; impero; sou tua; e tu me chorarás?!

«Ora; espera; descansa. O anjo da guarda tua
«serei eu d'ora ávante; eu quem te inflore a cruz;
«eu, o teu Cyrenéu pela amargosa rua;
«eu, quem te eleve a fronte; eu, quem te esperte a luz;

«eu, que os maguados pés te afaste dos abrolhos;
«e onde um tumulo vês, te descubra um altar.
«Se uma lagrima ainda, ó mãe, turbar teus olhos,
«dize: o meu anjo bom não me quer ver chorar.»—

NO TRANSITO

DO

SENHOR REI DOM PEDRO V

I

Ad sidera palmas

No monumento publico
lidaste o dia inteiro,
desd'alva até ao vespero,
Joven, Real obreiro.

Limpa o suor da purpura
ao funebre lençol;
vae receber a feria;
descansa; é posto o sol.

Aos do porvir artifices
deste não visto exemplo:
juntaste um lanço amplissimo
da humanidade ao templo.

Foi-te a semana asperrima;
prostrou-te; mas, valor!
Chegaste ao dia setimo,
ao dia do Senhor.

Sobe aos eternos jubilos,
ao throno verdadeiro;
no rosto melancolico
abre o sorrir primeiro.

Olha do Empyreo os porticos
aureos com mil trophéus!
Ouve!... —«Bem vindo, ó Principe,
«bem vindo aos patrios céus!»—

Quatro Reaes Espiritos,
d'anjos sem conto á frente,
ao som d'argenteas citharas,
aos pés do Omnipotente,

alçam em côro um cantico
de hosanna triumphal,
ao que lhes junta glorias
á gloria perennal!

Quem são? O Avô philosopho,
Imperador soldado;
a Mãe virtuosa, o idolo
d'um reino libertado;

a Esposa, flor ephemera;
o idolatrado Irmão.
Tirando a c'rôa civica
por sua augusta mão,

—«Vem, Neto meu magnanimo
—diz o Guerreiro invi'to—
«eu não passei de Romulo,
«tu foste Numa e Tito;

«recebe-a pois; pertence-te;
«lá, duas abdiquei;
«em ti abdico a ultima;
«sinto-me em dobro Rei.»—

Então a Mãe, entre osculos
cingindo o caro Filho,
alça na dextra aureola
de sempiterno brilho,

e impõe-lh'a.—«Quando o tumulo
«me reclamou —lhe diz—
«tremi por nossa patria
«em mãos tão juvenis:

«Se escorregar no solio!...
«Se esquece a liberdade!...
«Se o rodearem perfidos!...
«Se o cega a magestade!...

«Se da lisonja ao halito
«o vicio o adormentar!...
«Se emfim lhe for patibulo
«o que eu lhe deixo altar!...

«Que transe, ó Deus, que angustias
«ao coração materno!
«Salvae-m'o Vós. E pallida
«me adormeci no Eterno.

«Não foi baldada a supplica;
«o Eterno me escutou:
«foste, inda imberbe, maximo,
«como nas cãs o Avô.

«Mas toda a c'rôa (e invejam-nas!)
«tem fatal peso; e a sorte
«multiplicou-o ao centuplo
«na que eu te dei por morte:

«tressuas sangue... ampára-la...
«trepidas... cae-te aos pés...
«baqueias; nobre victima,
«surge; immortal já és!

«A c'rôa d'astros fulgidos
«que á tua fronte imponho,
«não prostra, não faz miseros,
«não passa, não é sonho;

«estrellam-na carbunculos;
«foi co'os martyrios teus
«que os fabricou tão vividos
«a propria mão de um Deus.»—

—«Vem, adorado Conjuge,
—a terna Esposa exclama—
«cá se restauram vinculos
«que a morte não destrama:

«és meu, sou tua; o thalamo,
«que lá sumiste em dó,
«ornam-no aqui balsamicas
«rosas de Jericó;

«tolda-o docel ceruleo
«de estrellas fulgurante;
«é no aposento lampada
«lua jamais cambiante.

«Côro de virgens candidas
«nos fada amor sem fim.
«Um paraizo incognito
«nos serve de jardim,

«onde entre as francas arvores
«da VIDA e da SCIENCIA,
«nos rulha a pomba mystica
«ternuras e innocencia.

«Cá, saciarás a indômita
«cubiça do saber;
«cá, vida de relampago
«se abre em perpetuo ser;

«perpetuo ser! (ó extasi!)
«e ante o Senhor unidos!
«Olha esta c'rôa, dadiva
«da terra entre gemidos;

«cingi-a na hora funebre,
«em que tão só parti!
«saudades são; no Empyreo
«inda as guardei por ti.

«Flores que nutre a ausencia,
«a posse vos desterra;
«ereis do chão das lagrimas,
«volvei de novo á terra.»—

O Irmão, alma virginea,
c'roado de cecens,
lhe mostra ovante o innumero
dos ineffaveis bens.

«¿Ao valle das miserias
«que peso te prendia
—lhe diz—«que espero ha sèculos
«ver-te no eterno dia?

«Eras o primogenito,
«e eu precedi-te; eu sou
«quem ao fugir do ergastulo
«os teus grilhões quebrou.

«Abraça-me, e agradece-m'o.
«Olha e compara: o mundo,
«antro da insciencia e duvida;
«d'erros mar vasto e fundo;

«brenha de feras rabidas;
«vergel sobre vulcões;
«reino em que a morte é despota;
«urna das gerações;

«confuso abysmo em vortice,
«fallaz, horrendo, immundo,
«sem luz mais que um crepusculo...
«é isso, é isso o mundo!

«Cá, tudo é fausto e solido;
«cad'hora é de annos mil;
«de idade a idade, medra-nos
«sempre mais verde abril;

«respira-se nos zephyros
«amor, prazer, bondade;
«bebemos a sciencia
«na propria Divindade;

«em salas de oiro e porphyro,
«com tectos de oiro e azul,
«pousa-se em thronos lacteos
«de alto marfim curul;

«e á luz de mil sóes tremulos
«em lustres diamantinos,
«se lem nas sacras paginas
«mysterios e destinos;

«contempla-se o preterito;
«devassa-se o porvir;
«e ao Trino, ao Uno, ao Optimo,
«faz-se o louvor florir.

«Depois, festins e nectares,
«no mundo nem sonhados;
«passeios e tripudios
«por feiticeiros prados,

«d'onde, furtiva e tacita,
«vem cada ante-manhã
«flores colher punicias
«a aurora alva e louçã.

«Collinas, desde o pincaro
«vestem-se até ás faldas
«co'as selvas mais umbriferas
«de vivas esmeraldas.

« N'esses recessos placidos,
« aligeros Orpheus,
« os seraphins ternissimos
« cantam em côro a Deus;

« e ao seu concento magico
« respondem, resonantes,
« canoros e prismaticos
« Niagaras de brilhantes.

« Ouves ao longe Pindaros
« nas lyras a exaltar
« da crença os heroes martyres,
« e sobre o circo o altar;

« ouves em gruta flórida,
« matriz de sacra fonte,
« cantar novas delicias
« piedoso Anacreonte,

« ou Saphos, que abrasando-se
« em não indigno amor,
« votam ás virgens sabias
« as cordas do *Sinor*.

« Cad'arte, lá no infimo
« orbe terreno, escuro,
« almeja algum reverbero
« de um ideal futuro;

« todas aqui de subito
« o encontram já sem véus!
« A poesia, a musica,
« vem triumphar nos céus.

«Que digo! Outra prophetica
«ancia do instincto humano,
«foi sempre achar o archetypo,
«ver do universo o arcano,

«as causas dos phenomenos,
«as leis de cada ser,
«e ao grão complexo harmonico
«seu Génesis tecer;

«só quem o lodo esqualido
«despiu na sepultura,
«e alado rei, como aguia,
«sobe á suprema altura,

«póde acalmar taes ancias.
«Livres em Deus, só nós
«vemos o immenso, o minimo,
«o intimo. Veloz

«um nosso adejo os terminos
«alcança do universo.
«N'este espantoso dedalo,
«todo entre si diverso,

«como n'um bosque os passaros
«de ramo em ramo vão,
«de sol em sol liberrimos
«girâmos na amplidão;

«lustrâmos as myriadas
«de seus feudaes planetas;
«o conto, o nome, as indoles
«sabemos dos cometas.

« Em cada opaco ou lucido
« mundo, que roda, e vae
« na imprescriptivel orbita
« ao nuto de Adonae,

« achâmos (ó prodigio!)
« que luz, calor, grandezas,
« variam, variando-se,
« milhões de naturezas;

« mas todas vivas, próvidas,
« formosas de assombrar;
« todas co'o mesmo anhelito
« de sciencia e de adorar;

« todas em voz unisona
« enchendo a immensidade
« co'o psalmo solemnissimo
« de Gloria á Divindade!

« Servo fugido ao carcere,
« gosa o dominio teu!
« dá graças á innocencia
« que em ti resplandeceu,

« e foi, entre os heroicos
« teus dons fascinadores,
« como um argenteo lyrio
« em vaso de mil flores.

« Cingindo a fronte regia,
« como eu, d'estas cecens,
« Alma gentil sem macula,
« entra aos ignotos bens. » —

Disse.—Entre os Quatro Espiritos
o triste, alfim ditoso,
toma o diadema civico,
toma o de virtuoso,

aceita o de alma ingenua;
o das saudades... ai!
voltou á terra funebre;
tem-no os Irmãos e o Pae.

II

Solatia victis

Sob o céu festival, geme e negreja a terra;
a dor que ennoita o Paço, a todo o povo aterra;
pende os braços a industria; estão sem voz as leis;
chora o bronze do templo; ulula o da batalha:
é que a vista carnal só vê fria mortalha
onde brilhava ha pouco a purpura dos Reis.

Se ella ousasse do pó subir ao firmamento,
¡como ao clarão da fé e á luz do entendimento
em gala a multidão calcára o luto aos pés!
O feretro do Heroe não vae de nós bani-lo;
vae lançar-se á corrente indomita de um Nilo
que do nadante berço extrahirá Moysés.

Cobri-o de festões e bençãos á porfia;
junquem flores e louro a amargurada via
que desce do aureo throno ao Pantheon real.
Se o crepe nos insombra e nos alaga o pranto,
não é por Elle já: nosso mortal quebranto
provém d'esta viuvez que obumbra Portugal.

Não se deplora o justo em paz adormecido;
a entrada do moimento, onde vae ser descido,
rescende a Paraizo, é portico de luz.
Se alguem diante d'ella ousasse pôr cyprestes,
em louros os trocára o anjo, que tão prestes
fez radioso trophéu de uma espinhosa cruz.

Por vós só, que inda estaes co'o infortunio em luta,
continuae o chôro e o dó que vos enluta,
multidões que lhe heis dado o derradeiro adeus;
cada um no seu lar sente um vasio horrendo,
como quando, alta noite, a morte andou correndo
de pousada em pousada o Egypto á voz de Deus.

Chora o poeta, o sabio, o artifice, o guerreiro,
o religioso, o enfermo, o pobre; um reino inteiro;
cada qual sente murcha uma esperança em flor;
mas sobre tudo chora a escola, o ninho obscuro
onde se nutre e empenna a aguia do futuro,
e que a sente morrer faltando-lhe o calor.

Quem, entre tão geral, tão misera orphandade,
se atreve a mendigar, em nome da saudade,
um frio monumento, um bronze inerte e vão!
Temem deslembre um pae? Que pedra iguala a historia?
Um colosso caduco é symbolo da gloria?
Se a pyramide assombra, os Pharaós quem são?

Recuae, refugi, vaidosos monumentos,
d'ante o serio varão d'austeros pensamentos,
em quem o bom Trajano amára um grão rival;
e que ao publico bem pospondo illusões fatuas,
faria amoedar o oiro de mil estatuas,
por ver mais uma estrada, abrir mais um canal.

Se é mister um padrão a quem não teme o olvido,
alçae-lh'o ao menos tal, que em bençãos envolvido,
lhe atráhia lá de cima um paternal sorrir;
seja um templo de amor: a escola. No recinto
se entôe, e no frontão se doire: A PEDRO QUINTO
O POVO PORTUGUEZ CO'OS OLHOS NO PORVIR.

A SUA MAGESTADE

EL-REI O SENHOR DOM FERNANDO II

Pois que artista e poeta ao mesmo fogo interno
devem seu resplendor, e Deus os fez irmãos,
ao Rei artista em chôro o vate em dó fraterno,
sem ousar consola-lo, oscula, aperta as mãos.

Pousa-lhe mudo ao lado, e junta pranto a pranto;
mas quando vem de longe um echo animador,
dirá: — «Prestae-lhe ouvido! enviam-vos um canto,
lá d'entre o cyprestal, crença, esperança, amor».—

A SUA MAGESTADE

EL-REI O SENHOR DOM LUIZ

Se é peso enorme um sceptro ao braço mais robusto,
que será, quando cae da mão de um Divo Augusto
em dextra fraternal que a dor desfalleceu!
que será, quando vem de fructos avergado,
promessas verdejando, em prantos alagado,
como esse que hoje é vosso, e que era ind'hontem seu!

Haveis de o sustentar (bem sei) que a heroicidade
é já madura em vós, quando alvorece a idade;
haveis de ser Rei grande, após um grande Rei.
Mas que esforço e que estudo exige ess'alta empreza!
Quanto é mister vencer a propria natureza,
e antes de impo-la aos mais, saber impor-se a lei!

Nós, podemos chorar; nós, povos; nós, a turba;
mas a dor que enfraquece, e o animo perturba,
é-vos defeza a vós, bem que orphanado irmão;
no alteroso baixel, guarnição, equipagem,
passageiros, que monta! os fados da viagem
cifram-se no velar do homem do timão.

Responsavel commum no tumido elemento,
velae pois. Vôe embora a vista ao firmamento;
de lá vos clama esforço um Regio Inspirador.
Esforço! PEDRO-E-ÁVANTE em mais feliz reinado!
Recebeis todo um povo opprèsso e consternado;
trocae-lhe o luto em gloria, em jubilos a dor.

VATICINIO

Meia noite! o campo, mudo!
ermo horrivel a cidade!
só na etherea immensidade
se vem lumes a scismar!

Tu me abraça, eu te saúdo,
noite cara a amor e aos cantos.
Prophetisa, mãe de encantos,
pois sou teu, vem-me inspirar.

Que me importa o sol e o dia,
que só mostra o que é presente,
e em seu vórtice fervente
desatina as multidões?

Co'as estrellas, co'a poesia,
co'a mudez meditabunda,
só tu, noite alma e fecunda,
o ignorado á mente expões.

Se invocas o futuro,
se evocas o passado,
no teu sacrario obscuro
brilham clarões do Fado.

Ao Homem que hoje é symbolo
de um povo, o povo meu,
qual foi, qual é o horoscopo,
que amor emfim teceu?

Noite, ineffavel magica,
faze-m'o ver e amar;
do seu destino a Arbitra
lá vem rasgando o mar.

O ouvido, attento, sofrego,
n'esta mudez geral,
já Lhe presente o anhelito
do seio virginal.

De instante a instante acerca-se;
breve entre nós será.
¿É dom funesto, ou prospero,
o que desponta lá?

Falla, immortal fatidica;
revela o teu poder;
abre-me os teus oraculos;
sei teus mysterios ler.

Que ouvi no Estreito de Hercules?
Que ouvi na Herminia Serra?
Sons de festivos canticos!
Echos d'estranha guerra!

No monte baluarte lusitano,
ao bater da encantada meia-noite,
resurgiu Viriato, o ferreo açoite
do invencivel, 'té 'li feroz romano.

Com elle os seus valentes pegureiros
saltaram em tropel das sepulturas;
phantasmas com surrões por armaduras,
com maças espectraes inda guerreiros.

De olhos longos no pincaro mais alto,
para o Mediterraneo ei-los absortos.
Vem lá frota d'Italia! Ai, mortos! mortos!
como hão de rebater-lhe o fero assalto!

Ás columnas herculeas no entanto,
acostadas, co'as plantas nas vagas,
as sereias, de gloria presagas,
com diademas de myrtos em flor,
mandam bençãos nas azas do canto
ao baixel que das costas d'Italia,
como a concha da bella Acidalia,
traz as Graças, cortejo do Amor.

Côro das sereias

Vaga melodia,
cytharas e frautas,
pela undosa via
soam para os nautas
na mudez sombria.

Sós, n'um mar de prata,
sob a lua cheia,
musica tão grata
n'alma lhes retrata
a nativa aldeia.

Cuidam vir sonhando
musica nas aguas;
somos nós cantando,
nós que as suas maguas
vimos dissipando.

Côro dos espectros no Monte Herminio

Ouvi... ouçamos estes sons remotos,
que, não sei d'onde, cá nos manda o mar!
e a armada avança! que será! que votos,
hoste sem vida, nos convem formar!

As sereias

Armada doirada, toldada de flores,
de Lysia e d'Ausonia tremula bandeiras;
co'as vélas tufadas, co'as rodas ligeiras
avança em triumpho com bençãos d'amores.
Triumpho! triumpho! triumpho á tão linda
Sereia d'Italia! bem-vinda! bem-vinda!

Os espectros

Já não são pois do horrendo Capitolio
fulmineas aguias, capitães traidores!
É Deusa Amante! marciaes pastores,
a laurea serra lhe daria um solio.

As sereias

Mande-se, irmãs, n'um sonho este cantar nocturno
á Donzella Feliz; á Magestosa Flor,
que do mais regio tronco em terras de Saturno,
furtou por sua mão, e a traz soberbo, o Amor.

Vem para a Lusitania, a Italia do occidente,
patria de antigo povo em largo mundo rei;
berço de homens Tritões, que ao nosso mar fremente,
a Marte, a Adamastor, deram co'o jugo a lei.

Os espectros

Ai que terra de gloria a nossa terra!
Morta a lacial Bellona que a affrontava,
eis Lysia irmã da Italia, em vez de escrava!
Brotae, palmeiras, pela Herminia Serra!

As sereias

Nós, musas marinhas nas grutas de escumas,
outr'ora ás Sibyllas de Tibur e Cumas
ouvimos cantar:
Que um dia viria Maria aos dois povos
tecer fados novos,
e aos lustres herdados mais lustres juntar.

Os espectros

Ouvi! ouvi... que nome auspicioso!
symbolo de resgate e liberdade!
Maria! Ó quatro vezes venturoso
quem logra a vida em tão propicia idade!

As sereias

Ó Tronco Bragantino,
que o prospero destino
cobriu d'aureos trophéus,
sublime te alevanta:
amor te enxerta a Planta
mais cara a terra e céus.

Chove-te um Deus seus mimos.
Fructos vaes dar opimos
ao Luso Portugal:
co'a Regia descendencia
firmar a independencia
do teu paiz natal.

Os espectros

Sim, terras do terrivel Indovelico,
seculos dois por nós independentes:
paz e amor, liberdade e esforço bellico
vos dêem reis de Viriato descendentes.

As sereias

Lemos do Fado o livro aberto
á luz do facho d'hymeneu:.
Victor Manuel, Carlos Alberto,
D. Pedro Quarto, o neto seu,
turba de heroes e de heroinas
do mais esplendido fulgor,
á sombra placida das Quinas
vão renascer, graças a Amor!

Qual d'entre as ondas surge um astro,
lá vem a urna d'alabastro,
Virginea, Mystica, Vivente,
em cujo seio o Omnipotente
de destinos tão seus os germes quiz depor.

Os espectros

Dormimos oito seculos sepultos,
sonhando sempre gloria aos netos nossos.
Quem nos hoje animára os frios ossos,
que a Mulher tal podessemos dar cultos!

Esvaiu-se a visão. Calou-se o mar e a serra.
O tacito baixel que o grão futuro encerra,
á luz da Mãe de Amor, nos astros immortal,
vinha rasgando ufano o liquido crystal.

E a Princeza dormia. A azul immensidade
bafejava-lhe paz. Co'as flores da saudade
respirava, sonhando, as rosas do prazer.
Ah! d'essa alma virginea as commoções dizer,
só o anjo que a proteje acaso poderia.
Triste e risonha, a bella, a candida Maria,
vê traz si, a fugir-lhe, a patria, o berço, o pae
e a infantil liberdade. A Italia já lá vae,
sepulta, e para sempre! Em terra alem, distante,
que a proa inda não vê, vê Ella a cada instante,
a aguarda-la insoffrido, os olhos sempre ao mar,
um Rei Joven e Heroe, que Lhe ensinou a amar,
que A tornará feliz, e que o vae ser por Ella.

O solo que demanda é outra Hesperia bella:
ar, sol, torrão, varões, renome... é tudo igual!
Vae ter de novo a Italia entrando em Portugal.
Bosques de fructos d'oiro, alegres laranjeiras,
por quem dariam tudo as terras estrangeiras,
nem vós, nem vós faltaes a dar aqui a amor
sombras e inspirações, e á noiva a argentea flor.
Por isso a tão Saudosa Ingenua Virgem ri,
como a nublada aurora ás portas de rubi
do mundo que a festeja; indecisa um momento
entre os céus que alem deixa e um novo firmamento.
Dorme! dorme, ó Ditosa! a amor e á gloria vaes.
Embale-Te aura amiga; as horas festivaes
antecipem-Te em sonho as proximas venturas:
e a Santa Mãe, que em Ti se mira das alturas,
co'as bençãos do Senhor Te cubra. Acordarás
Soberana ámanhã. Virgem, repousa em paz.

Despertam-Te os canhões! lá vem festiva a terra!
vãs saudades... adeus! Teu jubilo as desterra.
É Lisboa! é Lisboa! a inclita! a real!
que por arcos de louro, alegre e triumphal,
Te saúda e Te hospéda! A voz da grão Lisboa,
de echo em echo a medrar, co'o Nome Teu reboa
aos ultimos confins do ufano Reino Teu.

Lá vem, lá chega o Rei que amor Te submetteu;
abraça-O; já sois um; subi ao throno; impéra
sobre Elle e sobre nós; os fados nos prospéra;
aperta solio e povo em novos e aureos nós;
a Elle, Inspiradora; exemplo a todos nós.
Olha como a Teus pés as Tagides formosas
Te alastram em tapete as mais fragrantes rosas!
celebra-Te a poesia; o templo Te bemdiz;
o pobre Te abençoa; ao pobre, hoje feliz,
dos louros Teus á sombra ao longo da cidade
banqueteia em teu nome a terna caridade.

Basta, Senhora! eu creio em Teu Real condão.
Futura Mãe de Reis, já Mãe da multidão,
escuta o que hoje um vate obscuro, amigo, serio,
Te exora fervoroso a bem de todo o imperio.

Vivas, salvas, festins, a noite envolta em luz,
vão passar. Ámanhã, de quanto hoje reluz,
tumultúa, pompeia, encanta, o que nos resta?
um louro aos pés calcado; os echos d'uma festa;
o aborrido cansaço; o escuro; a lida vã.
Tal d'este hoje fastoso o misero ámanhã.

Melhor, melhor triumpho, immenso, duradoiro,
compete ao Joven Par que ascende ao solio d'oiro:

Fundae a nova escola; a escola maternal:
cheia de luz e amor, como a alva matinal;
qual o meigo Jesus sem duvida a amaria.

Ao nome de Luiz, ao nome de Maria,
escriptos no frontão de asylo tão feliz...
sim, de Maria ao nome, ao nome de Luiz,
quem não vê que a ignorancia estulta e desdenhosa
vae recuar confusa? a infancia carinhosa,
colhe, por vós chamada ás fontes do saber,
os fructos da instrucção co'as flores do prazer.

Dos factos a evidencia em breve se irradia:
e com mais persuasão que a só philosophia,
attrahe, venceu, domina. O ensino vão e algoz,
da cáthedra usurpada, em que a estulticia o poz,
e em que ha mil annos queima as patrias esperanças,
desapparece. Então, co'os hymnos das creanças,
paes, mães, um reino todo, entrado a mais feliz,
abençoarão Maria, abençoarão Luiz.

DEPRECAÇÃO

EPISTOLA

A

SUA MAGESTADE A SENHORA IMPERATRIZ DO BRAZIL

DONA THEREZA

ADVERTENCIA

Achava-se o auctor na côrte do Rio de Janeiro, em abril de 1855, repartido entre as suas não mallogradas diligencias para a regeneração da escola primarja, e os ocios litterarios da sua cara e sempre saudosa poesia, quando um pobre velho portuguez, Silva, na villa de Uruguaiana, provincia do Rio Grande do Sul, casado, com filhos, indigente, e por suas virtudes estimado de todos os vizinhos, se viu inopinadamente precipitado pela fatalidade, que sempre o perseguira, no infimo abysmo do infortunio: condemnado por homicida, e sem culpa moral, a doze annos de trabalhos forçados.

Confirmada a sentença, restava-lhe, unico recurso, o indulto imperial; todos os vizinhos de Uruguaiana o invocavam, como perfeita justiça. Um requerimento documentado subiu respeitoso, mas urgente e instante, á presença do Soberano.

Por si mesma se defenderia a causa no juizo de tal Principe; ¿mas porque se não havia de coadjuvar por todos os meios possiveis? Pareceu que nenhum haveria mais efficaz, nem mais proprio, do que implorar por medianeira a Esposa mesma de

Sua Magestade Imperial, Senhora de cujas virtudes e beneficencia vive cheia a memoria, a admiração, a voz agradecida de todo o imperio. Afoutado pela fama de sua caridade, ousou o auctor dirigir-lhe, como conterraneo do infeliz, alem de homem, esta supplica, á pressa escripta, segundo era apertado o tempo, e mais empenhada em expor os factos com inteira pontualidade, do que em se ataviar de flores rhetoricas e poeticas. Estava o papel nas mãos a que era offerecido, no dia 3 de abril, vespera do anniversario natalicio da finada irmã do Imperador, a Rainha Fidelissima Senhora D. Maria II, e ante-vespera da quinta feira maior d'esse anno de 1855.

EPISTOLA

Era um velho, Senhora!: obscuro, pobre, honrado;
estrangeiro e bemquisto; humilde e venerado.
Após o dia, exhausto em grangear o pão,
entre os filhos e a esposa as graças, a oração,
por sua voz serena (austero patriarcha!)
subiam cada noite aos pés do grão Monarcha;
e dos céus cada dia, a paz, o esforço, o amar,
como bençãos caindo, arraiavam seu lar:
tepido ninho á sombra!, alegre de caricias!
d'entre tanta pobreza a respirar delicias!
Tudo ali era franco: a entrada, o rosto, as mãos;
como amigos aos bons, aos pobres como irmãos.
Aquillo, e um céu por cima, era todo o seu mundo;
que lhe importava o mais?

D'este rumor profundo!,
contradictorio!, immenso!, esp'ranças!, decepções!,
rara voz que bemdiz!, côro de maldições!,
enredos da ambição!, clamores de attentados;
rumor que, desde o servo aos summos potentados,

aturde noite e dia, e faz descrer do amor
o individuo, a familia! as nações!!; d'este horror...
que trabalha, atormenta, empeora a humanidade,
e a leva a duvidar da propria Divindade...
nada chegava ali. Se um sonho matinal,
bafejado por Deus ao leito imperial,
vos tivesse uma vez ao animo tranquillo
revelado, Senhora, aquelle manso asylo...
apenas do universo alguns nomes de amor
ouvireis resoar nas preces, que ao Senhor,
em reflorindo a aurora, em refervendo o dia,
em desmaiando a tarde, o côro entretecia.
Era o nome do Heroe, Nume do seu Brazil;
era o vosso; era o vosso, alma ingenua e gentil,
para consorte d'elle, anjo em princeza occulto,
que onde entra a dor, chegaes, vencei-la, haveis um culto;
eram, a par co'os dois, esses nomes de mel
á mente, ao peito, á voz: Leopoldina! Izabel!
da imperial estirpe esperançosas flores,
copia, grinalda vossa, e de um imperio amores.
Estes nomes, e a prece, em tão puro logar,
harmonisavam bem; eram como no altar,
entre as nuvens do incenso alvas e transparentes,
a magestosa palma, e os ramos florescentes.
Cousa doce de ver, suavissima de ouvir!
deleitoso presente, a que ria o porvir!
O porvir?! o porvir?!! quem se fia em seu riso?
Cae do Empyreo, o Archanjo; o homem, do Paraizo;
cego raio impendia á fronte do ancião!
terremoto imprevisto aguardava a mansão.
Tal, no ameno paiz[1], onde ereis semi-deia,
improvida folgava a genial Pompeia
á hora em que o Vesuvio, em seus nocturnos véus
envolvendo a cidade, o campo, o mar, os céus,

[1] Napoles, patria de Sua Magestade.

e mirando-a feroz, a morte lhe arrojava!
e co'a morte, o sepulchro; e n'elle o olvido...: a lava!
E fiar no futuro! e fiar no prazer!!
Mas o Archanjo, Senhora, a Deus igual quiz ser;
igual quiz ser a Deus o pae da raça humana;
e Pompeia, a formosa! a soberba! a romana!
depois de já nascido o sol da luz christã...
por Jove, seu avô[1], teimava em ser pagã.
Porém, no velho meu... (no vosso velho!) havia
orgulho que punir? ou impia audacia?

Um dia
uma esposa infeliz (Senhora!, o mundo as tem!)
chorosa, desgrenhada, envolta em sangue, vem...
do consorte fugida á bruta feridade,
do tecto bemfeitor invocar a piedade!
podiam recusar-lh'a? O primeiro seu ai
segurou-lhe um abrigo, e mãe e irmãos e pae!
respira! emfim respira!: a benção d'estes ares
a deve proteger contra quaesquer azares!
é parte da familia!: a mesa, o somno, o orar,
tem já communs com ella; o santo limiar
onde o Senhor a trouxe, ha de lhe ser barreira,
que suspenda no ingresso a fera carniceira!...
Enganou-se: a mansão que inviolavel suppoz
não tarda em ver entrar o furioso algoz,
ebrio!, os olhos de fogo!, o semblante convulso!,
ameaçadora a voz... e pavoroso o pulso!
treme a victima imbelle! em joelhos está!
invoca... não o amor! (o amor extincto é já)
mas compaixão sequer... do pranto e das feridas!
compaixão da innocencia! eleva as mãos unidas,
contra o furor crescente a supplicar mercê
ao Pae que tem nos céus!... e ao pae que ante si vê.

[1] Por Hercules, filho de Jupiter, diziam que fôra edificada Pompeia.

Leis da hospitalidade, ao solo brazileiro
sacras sois, quaes na tenda ao arabe guerreiro;
ou como outr'ora a Loth, ao patriarcha hebreu;
cumpriu-vos o ancião; solemne o braço ergueu
entre o falcão e a pomba! usurpador sublime,
guarda-a, repelle-o, folga, está frustrado o crime!
Na casinha de bem, de tanto amor capaz,
co'a enviada por Deus reamanhece a paz.

Mas o cruento drama era em meio.

Outro dia
que o velho solitario, ao seu lavor pedia
o sustento do corpo, e co'a enxada na mão
regava de suor o parco seu torrão,
encanecido, curvo, e sob o sol gemendo,...
rompe de uma emboscada, insano, armado, horrendo,
o feroz! o traidor!

Ó Brazil, o teu sol
não creára esse tigre: o monstro era hespanhol!
Do Cid, o campeador, dos heroes das Castellas,
vingadores leaes dos fracos e das bellas...
fallar ousava a lingua, altiva e marcial,
namorada e viçosa, o perfido, o brutal,
que, depois de ferir, de afugentar, a esposa,
ao velho que lh'a ha salvo assassina-lo ousa.
Sim! ousa assassina-lo! o vil punhal reluz
perto já!; o indefezo... o avista!; os braços nus
ergue súpplice; em vão, que a morte não recua!
treme, não já por si; pela familia sua!
vê os filhos... em luto!; a consorte... em viuvez!;
a protegida... entregue! a taes visões, (talvez!)
mais que á idéa da morte, assombrado!, em delirio!,
já que emfim lhe é mister lutar contra o martyrio...
luta. O punhal... lhe acorda as forças juvenis;

a vista do seu sangue... o activa; as mãos senis
alçam, por cego instincto, a enxada!, a boa enxada!,
a sua arma innocente!, a socia sua amada!;
contra o ferro inimigo a brande, por broquel,
mais que para offensora!; as iras do cruel
redobram!; cresce o p'rigo; irrita-se a pendencia;
é já mortal batalha.

Árbitra a Providencia
a decide.

N'um mar jazem de sangue os dois;
o velho, a agonisar; morto o forte.

Depois...
á justiça dos céus!, insondavel!, terrivel!,
seguiu logo a da terra; a da terra; a fallivel;
a que esgrime sem ver; a que pregou na cruz
ao bom e ao mau ladrão, e entre ambos a Jesus;
a que de povo a povo, a que de idade a idade,
faz o crime, virtude; a honra, iniquidade;
a que usa, n'um só dia, e no mesmo logar,
de si para si mesma appellar, aggravar,
desdizer-se; e nem sempre, onde se crê mais firme,
de justiça (talvez!) seu nome um Deus confirme.
A justiça mortal viu sangue, e um vivo:—É réu.—
Fita os olhos carnaes; aos d'alma, aperta o véu.
Não pergunta: ao passado, a consciencia do homem;
ao presente, se horror, se remorso, o consomem;
ao porvir, que será da familia infeliz,
da familia, innocente, em perdendo a raiz;
vê sangue!; a côr do sangue, o reflexo do sangue
a fascina! entre as mãos só acha o velho exangue;
não pune, se o não pune; e é preciso punir;
que lhe importa o passado? o presente? o porvir?
condemna. Condemnou.

Senhora! acreditae-o.
E a que pena? a morrer?!; a morte é como o raio:
troa, fere, passou. Ante o castigo seu
(miserrimo ancião!) ditoso o que morreu.

Doze annos!; preso!; mudo!; oppresso!; envilecido!;
descoroado das cãs!; infame no vestido!;
úm numero por nome!; o trabalho sem fim!;
e impossivel a esp'rança!! (olhos de seraphim,
perdoae, se vos baixo a este horror profundo!).
Doze annos n'um jazigo; extincto, e moribundo!
viuvo de mulher que traz por elle o dó!
pae de filhos sem pae! com familia, e tão só!
(olhos de seraphim! banhae-m'o em vosso pranto!)

Doze annos? e a velhice acaso espera tanto?
Doze annos?! mas ignora a justiça mortal
que um só dia em tal dor... por mil seculos val?
Doze annos?!! vezes doze os longos sóes do estio,
sem elle entrar co'os seus no seu pomar sombrio!
Vezes doze do outono a abundancia, o prazer,
das arvores que poz; sem elle um fructo ver!
Vezes doze do inverno as noites espaçosas,
tão sociaes 'té 'gora... agora tão saudosas!
Doze vezes emfim, primavera a sorrir
a toda a natureza... e sem deixar cair...
a descuido sequer!, na sua sepultura
uma florinha; um sol; um pio; uma verdura!.
Doze annos?!!! mas sabeis o que doze annos são,
no fundo de um abysmo, onde até a oração
se enregela talvez?!:

Cento e quarenta e quatro
mezes a desfilar em lobrego theatro!
Semanas... a exhaurir no calice da dor...
seiscentas vinte e seis sem dia do Senhor!

Dias...: a distillar... a gota e gota, lentos;
dias sem luz do céu... são: quatro mil; trezentos;
mais oitenta; mais tres! Horas, horas iguaes,
na angustia, ás do estertor; no odio, ás infernaes...
horas, quaes Deus não quer, e que Satan faz suas,
são cento e cinco mil cento e noventa e duas!
Doze annos!? doze?! doze?!!!; a dextra de um juiz
lança doze de um rasgo; a voz, depressa o diz;
são duas letras só! mas á provecta idade
duas letras... contém: o inferno e a eternidade!

A lei é cega e surda; afortunado o rei
que suppre, ouvindo e vendo, o incompleto da lei!
e a quem do Estado o jus, da humanidade amigo,
deixa dizer: —Perdão!— quando a lei diz: —Castigo.—
Prerogativa excelsa! o raio, attesta um Deus;
mas a clemencia o mostra, e nos torna mais seus.
Filha da bella Italia; Egeria em mundo novo!;
unida a joven Numa!, e estreia a joven povo!;
Senhora!; Imperatriz!; Deidade tutelar!;
é grande este infortunio!; é tremendo!! é sem par!!!;
merece-vos! Lutar co'a fortuna traidora,
desarma-la, vencê-la... é nobre; e vós, Senhora,
vós, que o podeis e usaes, vós, Senhora, o fareis.

Quando, alem de ámanhã, prostrado ao Rei dos reis,
ante as aras em luto, o chefe aos pobres lave,
enxugue, beije os pés e em sua mente grave
mais vivo resplandeça o preceito do amor;...
(é dia de indulgencia; hora do Salvador!)
presentae, co'o sorrir da terna caridade,
o infeliz, ao Consorte; o oppresso, á Magestade:
«—Hontem foi,— lhe dizei —o quarto sol de abril;
«sácro na Lusitania, e sacro no Brazil;
«o sol, a que ha brotado a irmã, que lá no Empyreo
«gosa, em sidereo throno, as palmas do martyrio;

«a que houve o berço, aqui; lá, o sepulchro seu;
«essa, cuja Odyssêa o largo mundo encheu,
«e por quem todos nós assim vertemos pranto;
«oh! em memoria d'ella! e por seu nome santo!,
«e por suffragio terno!, e derradeiro dom!;
«vós, que imperaes tambem, vós que tambem sois bom,
«resgatae, resgatae-lhe este homem, que era d'ella;
«por minha voz o implora essa alma augusta e bella!
«Este homem, já punido, e morto já, talvez,
«quiz entre nós viver... mas nasceu portuguez;
«dae-lhe o seu portuguez como um dom natalicio!» —

Do nome de Maria ao influxo propicio,
sem custo lhe obtereis, pelo vosso condão:
innocente, a justiça; ou culpado, o perdão.
Do vosso Imperador um aceno é divino;
o que n'elle podeis, póde elle no destino:
manda e fez-se: a prisão se descerra per si;
inda chora o casal, mas é chôro que ri;
a choça, outra vez fuma; ovante a vizinhança,
cantando o vosso nome, em torno aos lares dansa;
e os filhinhos... que ha pouco iriam... mundo alem...
párias... orphãos de pae... orphãos talvez de mãe...
co'o brio murcho em flor... a fé e a esp'rança morta...
arrancar á piedade o pão de porta em porta...
em seu campinho agora, alegres colibris,
volverão a entoar, por vós, que os redimis,
graças, bençãos, na aurora!, ao meio dia! á tarde!;
— «A nossa mãe, foi ella; a Mãe celeste a guarde; —
— dirão (e a voz da infancia echos no Empyreo dá;) —
«como ella nos ampara, o céu a amparará;
«o que aos filhos do pobre emprestou de clemencia,
«nos proprios filhos seus lh'o pague a Providencia.»

Sim, Augusta! ella só, que por um mede mil,
cingirá digna c'rôa ao feito senhoril;

não já essa de roble, outr'ora imposta á coma
do cidadão salvando um cidadão de Roma,
mas de amores na terra, e na patria, de bóes;
duplex c'rôa, invejanda aos maximos heroes.

E depois... (bem sabeis) por mui christã que seja,
nunca de todo esquece um'alma bemfazeja
venturas que espalhou, bençãos que mereceu;
do fundo coração, mago thesouro seu,
lagrimas que hão furtado as suas mãos amantes,
a estrellejam de luz, mudadas em diamantes!
E que póde a humildade aos sonhos prohibir?
nas horas, em que os maus o inferno ouvem rugir...
a consciencia, ao bom, canta, como a sereia,
que enleva a praia muda, arrôba a lua cheia:
sabem só elle e o céu mysterios que ella diz!

Feliz o velho! e vós... mil vezes mais feliz!

Pedi-vos um perdão, Senhora; outro podia
não menos supplicar da insolita ousadia.
Em vós, deslumbram: prole! esposo! irmãos! avós!...
mas de tanto esplendor desassombraes-me vós:
dentro na Magestade, a mulher-mãe contemplo!
trouxe ao Paço a oração, como a levára ao Templo.

Rio de Janeiro, 3 de abril de 1855.

AGRADECIMENTO

EPISTOLA 2.ª

A

SUA MAGESTADE A SENHORA IMPERATRIZ DO BRAZIL

DONA THEREZA

Salvo!, livre!, reposto em seus campestres lares!,
outra vez pae e esposo!, o interessante réu,
lá do fundo do sul, como eu d'áquem dos mares,
graças e adorações vos rende olhando ao céu.

Era um ninho amoroso; um temporal o arranca,
o vasa, o precipita, o fulmina!... ao fragor,
fada propicia acode, e co'a varinha branca
restaura n'um relance o ninho, e dentro o amor.

Vós fostes (e só vós podéreis sê-lo) a fada
capaz de realisar igual transformação;
vós, de um genio que impera esposa idolatrada,
vós, que tendes no sceptro a vara de condão.

Ah! bem hajaes, senhora!; a velhice e a innocencia
por vós ambos a Deus alçam em côro a voz.
Premio havereis, que abranja a augusta descendencia:
felizes sereis n'ella; ella, feliz por vós.

Oh dez vezes doirada!, oh vezes mil bemdita!,
a hora, em que aterrado ao cair do ancião,
aos ais dos filhos seus, aos ais da esposa afflicta...,
fui de rojo ante vós clamar: «Perdão! perdão!»

«Perdão! perdão!» vós mesma ao throno repetistes,
chorando, unindo ao seio as filhinhas gentis;
e o imperial perdão baixou; e vós, surgistes
maiores do que nunca, e eu, qual nunca, feliz.

Não! não foi minha lyra a auctora do prodigio;
foi a harpa de um anjo, anjo bom entre os bons,
que habita dentro em vós!, que vos dá seu prestigio!,
e faz, quando fallaes, ouvir celestes sons.

Quem vos resistiria?! o Deus que á mór grandeza
destinára esse imperio, esse mundo tão seu,
já de industria em seu throno a Pedro uniu Thereza;
á força que domina, a graça que a venceu.

Deu a mais alto Numa outra e melhor Egeria.
Que auspicio ao forte imperio em seu berço infantil!:
na antartica palmeira, a regia flor da Hesperia!;
de Portici a sereia, o genio do Brazil!.

Fadado par!, ávante!. Emquanto assim se enlaça
a piedade á justiça, á virtude o poder,
o throno abriga a turba, o povo o solio abraça,
medra a paz, cresce o amor á sombra do prazer.

Como essa natureza augusta e generosa,
que attrahe de longe o mundo ás vossas regiões,
vós o attrahis tambem; e a industria milagrosa
em cidades converte os ermos dos sertões.

O selvagem recua... ou cede fascinado.
Larga o leão seu reino ás artes triumphaes.
Das serpentes o asylo, aos golpes do machado,
cae, resurge, enche o mar de castellos navaes.

Metamorphose estranha!: a terra inda hontem ermo,
hoje ermo e já nação, que Roma e eden será,
quando a gentes sem conto em seus confins sem termo
raiar de todo o sol que lhe alvorece já!.

A mente humanitaria em dèlicias se expande,
no progresso do mundo olhando um tal porvir!.
Prepara-lo reinando, é grato; é nobre; é grande;
é ver, já cá da vida, o sepulchro a florir;

é á posteridade impor suave preito;
de um glorioso dia é ser a antemanhã;
é, Maria e Moysés, guiar o povo eleito
da escravidão do Egypto á pingue Canaan.

Ávante!, ávante!, ávante!. Homem da humanidade
(primeiro Josaphat em que se julgam Reis)
eu, sem paga e sem nome obreiro da cidade
que ao futuro se erige, e a que vós servireis,

bençãos vos antecipo. Ah!, se uma pobre lyra,
que a salvar uma choça ha pouco vos moveu,
póde, agora que afouta a gratidão a inspira,
em favor de um imperio alçar o rogo seu,

escutae-me, ó princeza: uma divida aos povos
jaz em aberto; immensa; antiga; universal.
É tempo de ser paga; (urgem-no os fados novos)
paga; e o juro tambem que dobra o capital.

Esta divida enorme, em favor de oppressores
desde a origem do mundo aggravada até nós,
hoje reivindicada em preces, em clamores;
ante os céus, odiosa; ante a justiça, atroz...

é a luz do saber; o sol do mundo interno;
é o baptismo d'alma, a que todos têem jus;
o chrisma, a eucharistia, o commungar fraterno;
o cumprimento emfim de um voto de Jesus.

Tenha embora o saber pobres, ricos, morgados;
como a fortuna os tem; como os tem o poder.
A harmonia geral pede tons variados;
no saber soffre graus; não párias no saber;

e o povo, quasi todo, é pária em toda a parte;
é Lazaro esfaimado aos pés do grão festim.
O engenho creador seus dons em vão disparte;
chove-os a imprensa em vão, dia e noite, e sem fim...

ao povo nada chega entre tanta abundancia;
em tanta luz immerso, o povo nada vê;
julga-se livre, e é servo; adulto, e jaz na infancia.
É que o saber é tudo, e a multidão não lê;

não se aquece ao calor dos animos sublimes;
não se illustra ao fulgor dos genios de eleição;
herda e transmitte a inercia, a incuria, o vicio, os crimes;
estranha ao bello e ao bom; sem Deus; sem coração.

Por aspero caminho e sombras espinhosas
vae-se do berço á valla, impia, perdida, só;
horda barbara que enche as nações orgulhosas,
e n'alma pensadora infunde horror e dó.

Ah! se algum dia a luz, compenetrando todo
este confuso mar do mundo social,
como as ondas á flor lhe doira, entrasse ao lodo
que ao fundo lhe negreja em profuso estendal,

de que perlas sem preço o não vira estrellado!,
incognitas agora aos céus, ao mundo, a si!.
Já que não as colheu para nós o passado,
vamo-las nós tomar, salvemo-las d'ali;

vão de nós ao porvir ser diadema sidéreo!;
demos exemplo e herança ás novas gerações!;
nunca mais, ao pisar agreste cemiterio,
possa dizer-se:—«Alem... jaz talvez... um Camões;

«um Gama; um Guttemberg; outro Phidias, ou Castro[1];
«Mont'Alverne[2]; Papin; Newton; Verdi; Linneu.
«E não foi, não, a morte a que apagou seu astro:
«não chegou a raiar: brotou... despareceu!

«É-lhe epitaphio o musgo, e campa o esquecimento.»—
Ó milanaria!, ó triste!, ó vil desherdação!
Quebre-se de uma vez o infando encantamento!:
luz! luz a todo o povo!, e as glorias surgirão!:

justos, sabios, heroes, vejo emmergir do nada!,
e por elles ao orbe eras de encanto advir!;
como da selva nua e da terra escalvada
rebenta primavera em vindo o sol a rir.

[1] O primeiro dos esculptores portuguezes distinctos Joaquim Machado de Castro.

[2] O Padre Frei Francisco do Mont'Alverne, celebre orador sagrado brazileiro.

Luz! luz!. A luz fecunda, o que a fadiga lavra,
a luz descobre a terra, e patenteia os céus.
Para os olhos carnaes, creou-a uma palavra;
uma palavra aos d'alma a despirá dos véus.

Um altar, louro, gloria, ao genio que a profira!.
Tomae vós essa gloria, esse louro, esse altar,
alma de Imperatriz; a cujo amor se inspira
do mais possante imperio o genio tutelar!.

Vós a ridente aurora, elle o alto sol fecundo;
vós lhe abri, lhe inflorae, a porta oriental;
elle, que esparza dia ao tenebroso mundo;
vós direis: — «Nuncia eu fui da festa universal.» —

Mas, Senhora, sei eu se a fervorosa prece
que ouso alçar até vós, vós mesma a entendereis?;
conheceis vós o povo?! o que o povo padece
ouviram-no jamais os ouvidos dos reis?

Quando em torno ao palacio o povo se atropella,
como á porta de um templo, a deprecar mercê,
repulsa-o a lisonja, infame sentinella,
e diz: — «Turba a folgar, é tudo que se vê.» —

A poesia entretanto, audaz como um propheta,
da expulsa turba em nome enviada por Deus,
entra afouta no Paço; a voz que ella interpreta
vem de cima; a verdade é pois nos labios seus;

a verdade, ei-la aqui: da estupida ignorancia,
monstro que monstros cria, é outro monstro o pae;
monstro, que abraçar finge, e martyrisa a infancia;
Moloc assolador das obras de Adonai.

É seu nome o rigor. O rigor ignorante,
presumpçoso, impio, atroz; réu, magistrado, algoz,
tornou a escola horrenda á infancia alegre e amante;
e da esterilidade o anáthema lhe impoz.

Tempo é que um braço audaz, remindo a humanidade,
o desterre, e em seu throno assente o ledo amor;
que a infancia seja infancia; o ensino claridade;
e fructos ao porvir crie o presente em flor.

Mulher, esposa, mãe, princeza excelsa e pia,
a vós, mais que a ninguem, pertence o nobre ousar;
não deixeis que sem vós se consume a utopia
que rebentou per si, de si se vê medrar,

de praia em praia vae, de cidade em cidade,
humilde missionaria aos sinceros e aos bons,
seduzindo co'os bens, ganhando co'a verdade,
e transpondo, e crescendo á força de seus dons.

Como tudo que é justo, amante, verdadeiro,
a utopia inda ha pouco, hoje facto real,
algum dia erguerá sobre o universo inteiro
seu pendão de resgate, a luz do seu fanal;

mas tarde; muito tarde; e pobres entretanto,
continuarão na mingua!, e o rigor a assolar!,
e a ignorançia a dormir!, e á sombra de seu manto,
quaes vermes em sepulchro, os vicios a abundar!.

Para que a nossa idade o grão vôo desfira
por onde o Eterno a chama, e assombre a que virá,
dos grilhões, com que o erro as plantas lhe opprimira,
deve, quem o podér, liberta-la já já;

podei-lo vós, Senhora; e podei-lo sem custo:
surri á nova escola; á escola que ama e ri;
chamae-a; que se abrigue ao vosso tecto augusto;
como entre filhas mãe, vós mesma a presidi.

Quereis mais e melhor?: dae-lhe por tutelares
vossos dois seraphins: Leopoldina, Izabel.
Namorada a puericia, encherá vossos lares;
despovoar-se-hão de em torno os atrios da Babel,

as arenas da infancia, as cavernas da esphinge,
o ergástulo onde algoz calca puericia aos pés,
os limbos de terror em que haver luz se finge,
dos piratas a feira, os bancos das galés.

Ao rumor de tal nova, acorrem pensadores,
philanthropos, mães, paes, os crentes, os sem fé,
o zombeteiro estulto, os christãos semeadores,
e os que entrevem na idéa um sol que inda não é;

e todos em redor do sonoroso enxame,
irão ver e admirar como flores dão mel;
como a luz na manhã, faz que se acorde e se ame;
como ao lidar sensato o deleite é fiel;

como no ente humano o corpo, o affecto, a mente,
dotes que Deus uniu, compondo-o trino e um,
cultivando-se a par se ajudam mutuamente,
e a ventura resáe do seu haver commum.

A evidencia triumpha!; a voz da humanidade,
e a voz do proprio int'resse, em todos acordou!.
Hosanna! hosanna a vós, princezas! nova idade,
de palmas carregada, em meio globo entrou!.

Ó terra de Colombo!, um navio de esmola
do abysmo te evocou... e aurea brotaste á luz;
por outra regia heroina esmolada uma escola
vae transformar-te em céus, terra de Santa Cruz!.

E eu, que já uma vez largando o patrio ninho,
romeiro do progresso, em balde te busquei,
retomarei de novo o undívago caminho;
e irei juntar meu hymno ao seu triumpho; irei

pender na escola-templo os festões da poesia;
e, novo Simeão, findar a vida em paz.
Onde o homem que se humana, afouto invoca o dia,
direi: — «A patria é esta; aqui viver me apraz.

«Apraz-me aqui morrer, onde as mães por ventura
«co'os filhos pela mão me hão de vir visitar;
«saudades esparzir em minha sepultura,
«e dizer: —*Este sim, que soube o que era amar!*.» —

Uma escola, ó senhora!, uma só, porém vossa!;
uma escola abundante!, alegre!, maternal!;
clara!, christã!, fecunda!; uma escola em que possa
vosso imperio aprender, e aprender Portugal!;

uma escola, que olhando-a o vosso excelso esposo,
n'ella veja espelhado o vosso coração;
vos sorria, medite, e exclame jubiloso:
— «Abraço-te, ó progresso! abraça-me, ó nação.» —

CARTA A SUA MAGESTADE

O SENHOR DOM PEDRO II

IMPERADOR DO BRAZIL

Enviando-lhe a precedente Epistola

Senhor! — Peço a Vossa Magestade Imperial licença para mandar pôr aos pés da Augusta Esposa de Vossa Magestade esses pobres versos, testemunho do meu animo agradecido.

A personagens como Vossas Magestades, a quem nada falta, e que não podem crescer, só por dois modos as mercês se retribuem: confessando-as, como eu faço perante o mundo, ou deprecando logo mercês novas, como eu ouso fazer perante Vossas Magestades.

Ha dois annos, Senhor, apenas cá me soou que Vossa Magestade não seria descontente de reconhecer na pratica o methodo-portuguez, de que a theoria só per si lhe não dava cabal idéa, apresentei-me, sem mais convite, n'essa côrte; pedi e alcancei do governo de Vossa Magestade auctorisação para ahi reger um curso normal. Como o regi, sabe-o Vossa Magestade, pois me fez a honra de o presenciar; que fructos se poderam ter colhido, sabem-n'o já, por se estarem n'elles saboreando, muitas povoações do imperio: Pernambuco, Maceió, Bahia, Alagoas, Sergipe, Rio Grande, Piauhi, Apodi, Ceará. Todavia,

já que a verdade nem a Deus nem aos reis se ha de encobrir, o grande beneficio da escola primaria, regenerada segundo o espirito do seculo, os aphorismos da sciencia e os dictames da caridade, continua a ser para a immensa maioria desperdiçado; lastima não pequena, da qual se o presente se não sabe ainda queixar, muito poderão arguir a esta idade egoista os futuros amigos do genero humano. Senhor! ¿quem exorou a Vossas Magestades em favor de um velho, como deixaria de interceder em favor de todas as creanças? Se a felicidade de uma só choupana é tanto, que não será a de todo um imperio? Feliz Vossa Magestade, que a tem fechada com o sceptro em sua mão imperial. É por isso que eu aspiro, com tão importunas supplicas, a que Vossa Magestade, vendo experiencias, bem e conscienciosamente feitas sob os seus proprios olhos, se inteire da verdade pela clareza do seu muito juizo; e, reconhecida ella, lhe dê amparo de Tito em seus estados.

Senhor! a historia nem sempre ha de ser inutil. Um homem obscuro, desprezado, escarnecido como visionario, tinha um mundo para dar, e andou-o offerecendo em vão de throno em throno. Logo que um lh'o aceitou, brotou do nada essa America; inteirou-se o planeta com o seu hemispherio mais formoso.

¿E se não fosse aquelle throno? ¿e se aquelle homem tivesse morrido, devorado por dentro pela sua utopia? ¿e se após elle nem o calculo nem o acaso houvessem atinado com essas regiões? ¿por ter ficado occulta, deixaria a verdade de ser verdade? ¿E se ella mais tarde inesperadamente se patenteasse, não iriam desenterrar o seu martyr do fundo da ignominia, e não o vingariam bem vingado? A instrucção primaria popular, germinal de todas as instrucções, tumescente de todos os futuros, não é menos para o mundo moral, do que o foi a America para o orbe; e é do throno de um principe sabio, juvenil, em terra nova, possante e de ousadias, é do throno de Vossa Magestade que eu espero já n'esta hora o meu naviosinho de descobridor, e logo depois a protecção da descoberta. Ninguem dirá que a grandeza da causa, apesar da pequenez da sua apparencia, desconvem á grandeza summa do patrono que lhe solicito; não

peço a Vossa Magestade o porvir de uma idéa humanitaria (todas as idéas humanitarias têem certissimo em Deus o seu porvir); peço que esse porvir, quanto possivel for, se approxime do presente, que será multiplicar-se o bem.

Senhor! o que eu pude fazer, e que alguns espiritos serios reputam muito, foi pouquissimo, e foi nada, em comparação do que espero ver feito, e bem logrado, por Vossa Magestade.

Se a gratidão dos povos erigisse estatuas proporcionadas aos meritos dos seus bemfeitores, a Vossa Magestade, favorecendo e diffundindo com o seu influxo a regeneração da escola por esses paizes sem limites, não daria sobejo colosso quanto oiro elles reservam nas entranhas.

Guarde e proteja Deus por largos e felicissimos annos a Augusta Pessoa de Vossa Magestade Imperial.

Lisboa, 10 de agosto de 1857.

De Vossa Magestade imperial o mais
convicto admirador e agradecido servo

A. F. de Castilho.

CARTA

AOS

PORTUGUEZES RESIDENTES EM PORTO ALEGRE

NO IMPERIO DO BRAZIL

Agradecendo-lhes uma rica penna de oiro por elles offerecida ao auctor depois de impetrado o indulto imperial que na Epistola a pagina 34 se havia solicitado

Caros patricios e senhores meus: — Em hora bem estreada enviei eu a minha pobre musa aos pés do throno brazileiro, a implorar a graça do infeliz velho nosso conterraneo.

Como se não fôra bastante o obte-la tão completa e incondicionada, tão digna de quem a outorgou; como se para ventura me não sobrára o saber que um pae de familias, homem de bem, condemnado a morte peior que a propria morte, e encerrado em sepulchro mais horrendo que o proprio sepulchro, tinha emfim resuscitado, para levar ao meio do luto do seu tugurio uma paschoa de flores inesperada; como se emfim todo este infinito de jubilos que a Providencia me déra a gosar, não fosse excessivo para premiar até actos da mais heroica virtude, quanto mais o singelo cumprimento de um dever de humanidade, que foi tudo quanto em mim houve n'este negocio; viestes vós com a vossa penna de oiro, com as vossas expressões de affecto, mais preciosas que oiro e brilhantes, cobrir-me de uma gloria, que excede todas as ambições do tempo em que eu as tinha, e com a qual todavia o meu coração se entende perfeitamente. E com effeito, ser amado assim lá tão longe por

quem nunca nos viu, e collectivamente, não é como se um homem se estivesse ouvindo festejar na posteridade?!

Bem hajaes, senhores! bem hajaes! que no liberalisar-me esta corôa excessiva, talvez creastes um possante incentivo a outros melhores engenhos, para se converterem da poesia individual, egoistica e esteril, para est'outra poesia mais solida, mais ampla, mais nobre, mais productiva, que já quer vir nascendo do consorcio do christianismo antigo com a joven, formosa e amante philosophia social. Muito ha que eu me votei de todo a ella; que o digam as minhas *Estreias poetico-musicaes para o anno de* 1853, rebate de alvorada, a que a nossa mocidade ainda não acordou; e que o digam sobre tudo as obras, muito mais praticas e valiosas que meros cantos, que trago endereçadas já de annos ao desenvolvimento da cultura intellectual do nosso povo.

Se tinha eu nascido ou não poeta para deleitar ouvidos, em boa verdade que o não sei; sei porém, e sinto cá dentro, que me talhára Deus poeta de acção; poeta operario, um dos exploradores da opulenta mina das utopias; um dos fundidores da idéa em facto, a quem o mundo costuma insultar emquanto lidam, e agradecer saudoso depois que morrem.

A familia d'estes artifices, predestinados do futuro, e quasi sempre precitos do presente, é numerosa e variada: uns, extorquem segredos á natureza physica, e os entregam á industria; outros, multiplicam por novas combinações as forças, os meios, os recursos e os productos da mesma industria; outros emfim, os menos populares e brilhantes, mas não os menos diligentes, nem os menos prestadios, mergulhâmos pelas obscuras profundezas do mundo intellectual e moral á procura de verdades, que, achadas, colhidas e combinadas, possam um dia actuar em bem e em grande nos destinos essencialmente crescentes da nossa especie.

D'entre estes jornaleiros gratuitos, escolhi eu para minha especialidade a que já o fôra de muitos homens de coração grande: a lapidação da alma pueril, precioso brilhante desaproveitado, desconhecido quasi geralmente, e que, se fosse habil-

mente faceado para receber de toda a parte a luz, e para todas as partes repercuti-la, infundiria espantos por sua immensa formosura. Desbastar a rudeza originaria por meios suaves e naturaes, fazer da alegria e ligeireza instinctivas na infancia o instrumento da sua propria cultura, alimentando a memoria pela intelligencia, o estudo pelo amor, eis-aqui a minha poesia sem nome, a que eu não rimo nem canto, mas lido e sonho de continuo; poesia, em cujo centro se intercruzam umas irradiações vagas de todas as poesias formuladas: da lyrica, fervente de enthusiasmo; da elegiaca, humida de lagrimas affectuosas; da erotica e pastoril, que endoudece de immensa ternura pela amenidade, pela benevolencia, pela paz, pelo verdejar de esperanças diante, á roda e por cima de todas as cousas; finalmente da epica, poisque a grande, poisque a summa epopéa da humanidade, que de era a era se desenvolve n'um canto novo, e cujo epilogo ha de ser o paraizo, tem na sua estrophe de hoje, que lh'a escreveu a mão da Providencia, a abolição do captiveiro e da castração milanaria da alma das creanças. Oh! quando acabarão de entender os homens de engenho: que, se até agora têem podido muito para a gloria pessoal, podem, com ella ou sem ella, muito mais e centuplicadamente para a felicitação dos seus similhantes? Oxalá concorra para os desenganar de quanto é melhor o servir que o resplandecer, a recompensa que haveis prodigalisado aos bons desejos. Vejam elles, que se o ter impetrado o resgate de um velho e de uma só familia deu de si tão admiravel corôa, com os esforços que fizerem para melhorar futuros a todas as familias, para felicitarem a todos os velhos com o melhoramento da sua descendencia, a todos os innocentes com o aproveitamento das suas faculdades, ao mundo actual com mais exemplos de rasão e fraternidade, e ao mundo proximo futuro com o maior legado de homens e mulheres de mais saber e de mais virtude, poderão e deverão esperar, como intermedio entre os galardões da consciencia, que é a ante-manhã do céu, e os do céu, os triumphos terrestres tambem, decretados e conferidos pelos varões como vós, desinvejosos, illustrados, liberaes e progressivos.

Qualquer que seja porém, meus senhores, o effeito moral da vossa prodigalidade para commigo nos animos dos meus pares e superiores em talento, a carta com que me glorificastes, e a penna que a deveu escrever, enthesouro-as ambas para meus filhos, pedindo a Deus que á vista de taes documentos se estimulem, como devem, a serem dignos d'este seculo, exactor, cada vez mais severo, de realidades.

Dignae-vos de aceitar os protestos da minha admiração, da minha reverencia e do meu agradecimento e affecto para comvosco.

Ill.mos srs. concidadãos portuguezes residentes em Porto Alegre, no imperio do Brazil: Antonio Maria do Amaral Ribeiro, dignissimo consul da Nação Portugueza, Joaquim José de Macedo, F. da Silveira, Manuel José de Carvalho Bastos, Ignacio Pinto da Fonseca, Francisco Pereira da Rocha Paranhos, Francisco José Bello, Joaquim Caetano Pinto, João de Araujo Vianna, Domingos Gonçalves Martins de Oliveira, José Luiz do Valle, João Caetano Ferraz, Antonio Ribeiro da Silva, José Gomes Pereira Bastos, Antonio da Silva Santos Paranhos, Manuel Pinto da Costa Guimarães, A. V. Pinto, Jacinto Gomes do Valle Quaresma, Francisco Ventura Perfeito, Joaquim Teixeira do Valle, Augusto Cesar do Valle, Antonio José Gonçalves Bastos, Antonio José da Silva Guerra, Joaquim Antonio Nunes, José Leite da Fonseca.

Lisboa, 6 de julho de 1857.

A. F. de Castilho.

ADRIANA LECOUVREUR

OPERA EM QUATRO ACTOS

TRADUZIDA DO ITALIANO

DO SR. ACHILLES DE LAUZIÈRES

A MADAMA FORTUNATA TEDESCO DI FRANCO

Versos a toda a pressa

Sob o que ri, descrê, chora, doudeja, lida
sob a cambiante, a escura, a procellosa vida;
por baixo do presente, ingrato, vão, fugaz,
ha duas regiões: na menos funda, jaz
tudo que vida teve; o enxame outr'ora activo,
que errou, zumbiu, soffreu, como este agora vivo.
Em jazigo mais fundo, e mais triste, e mais só,
moram, de longe a longe, os que antes de ir-se ao pó
querem ao bem commum votar-se em sacrificio;
á indifferença, ao odio, oppõe o beneficio;
preparam em secreto a ingratos seus irmãos
as glorias do porvir, obra de suas mãos.
Sob os pés triumphaes de eunucos estadistas,
estes homens de amor, videntes, utopistas,
suam na vasta mina em que Deus os tem nus,
quasi sempre sem pão, quasi nunca sem luz.
Estranhos ao bulicio ephemêro dos povos,
de ramal em ramal buscam thesouros novos;
não de oiro ou pedraria, opulencia vulgar,
mas da eterna verdade; exploram de vagar,

um dia, um mez, um anno, ás vezes toda a vida,
a luminosa idéa, a idéa em vão sumida,
carbunculo vivaz, que o vulgo não prevê;
a idéa mãe do facto, o fecundo *porquê*
d'essas revoluções, que tacitas se formam,
e sem auctor nem sangue os seculos transformam.
Pensando o que ha de ser, consolam-se do que é;
se a plebe ri, que importa? é séria dentro a fé;
cantam no seu martyrio; aos que lh'o dão, perdoam,
e do posthumo altar co'a fama aos astros voam.
Um d'estes raros bons, a quem amor prendeu
na catacumba horrenda e gloriosa... sou eu.
Aqui, febre de amar as noites me devora;
de espectros infantis, aves da minha aurora,
não nascidos que um dia hão de ser mães e paes,
alva turba feliz, em sons angelicaes
me susurra no ouvido: — «Avante! persevera!
«da noite o dia sae; trabalha, morre, e espera.» —
Trabalho; e a santa idéa, humilde e toda amor,
de que fez meu quinhão n'esta mina o Senhor,
lapido-a sem cansar, como um real diamante;
guardo-a, zelo-a, defendo-a; ás vezes espumante
como um dragão da Hesperia, em presentindo alguem
que sonhou destrui-la, e arrebatar-m'a vem.
De tão longa, espontanea e muda obscuridade
nada ha muito me arranca. As festas da cidade,
que fervam lá por cima! abrasem-se ambições!
a paz encubra a guerra! embatam-se as facções!;
aqui nem chega um echo; eu trabalho; e sómente
ouço um vago cantar que vem lá do nascente.
Por isso a minha lyra envolta em seus festões
me dorme ha tanto aos pés; não lassa de canções,
mas sonhando que a aguarda a festa do futuro;
e que um dia o cantor, hoje operario obscuro,
finda que seja a obra, a tomará feliz,
para volver com ella ás glorias juvenis.

Mas entre applausos férvidos
que meiga voz retumba
'té aos recessos íntimos
da horrenda catacumba?!

Os echos alvoroçam-se!;
desperta o coração!;
cala o porvir! Que magica
soltou esta canção?!

Volva-se embora a subitas
ás regiões do dia!
Salve, cantora! symbolo
da eterna melodia!

Fortunata os humanos te chamam,
ó da arte rainha louçã;
mas como é que no Empyreo te acclamam
teus irmãos, ó dos anjos irmã?

Deus sorria, e nasceste, alvo espirito,
dos ethereos jardins rouxinol;
deu-te a lua o seu raio mais languido,
o seu raio mais vivido o sol.

Á terra Ausonia, á terra dos triumphos,
das deidades, do amor, á noiva Italia,
que a laranjeira em flor e os myrtos c'roam,
cabia pôr-te o berço; outra hospedagem
de menos harmonia,
quem baixava dos céus a engeitaria.

Teus celestes dons nativos,
augmentaram-t'os na infancia
d'esse ar puro alma fragrancia,
mar argenteo, igneos vulcões:

essas glorias do passado,
esses mortos sempre vivos,
esse idioma enfeitiçado
que enamora os corações.

Escutas, ouves musicas;
pensas, é só poesia;
recordas-te, é magia;
sonhas, é sempre amor.
Já não te admiro: invejo-te,
grão genio encantador!

Das sereias de Parthenope
supponho
no escutar-te ouvir os canticos
em sonho.
Oh! se o prisco povo italico
te ouvíra
o cantar, que interno oraculo
te inspira;
d'essas nove irmãs Piérides
o altar,
a ti só o havia unanime
votar.

Ó flor do Mincio! ó Mantua! a Roma, inveja
dão teus fados poeticos: Virgilio,
o grande, o que abrangeu no canto augusto
o immenso imperio, os Cesares e os deuses,
chamou-te mãe; por seculos dezoito
descansaste do parto; alfim te assoma
esta filha, outra inveja ao mundo e a Roma.
Diva irmã de Virgilio!,
tu, que os imos arcanos
da natureza e da arte a fundo sondas,
inspirada Sibylla em viço de annos,

dize-me o teu segredo; oh! não m'o escondas:
acaso de tão longe o teu Virgilio
te adivinhava já?, te presentia?;
eras tu, por nascer, a doce Musa
que lhe inspirava a terna poesia?
Vagam no Elyseo (d'elle proprio o soube),
co'as sombras dos que hão tido illustre fama
sombras dos que hão de tê-la: heroes, heroinas,
sumidos na selvatica espessura
de seus futuros louros,
a aguardarem os seculos vindouros.
¿D'essas uma eras tu?, que interdormido
lhe ias verter no ouvido
mysterios de ineffavel sympathia,
quando elle suspirando repetia:
— «Aos deuses lá no céu levae-me, ó ventos,
«parte d'estes accentos?!» —
Sim, sim, apraz-me o crê-lo, entre vós ambos
havia já então, e inda hoje existe,
commercio fraternal: cantavas n'elle,
poetisa elle em ti; eras outr'ora
a sua Musa, elle é teu Phebo agora.

Que digo? á mente vasta,
para encher-t'a, um Virgilio inda não basta:
das idades preteritas evocas
as femininas sombras memorandas;
quaes, cingidas de rosas:
quaes, de feraes cyprestes:
umas, sorrindo amor; outras, chorosas:
já, furiaes: já, victimas celestes.
Evóca-las, resurgem; despareces:
já não és tu; és Dona Elvira: és Fides:
Eleonora, Semiramis, Helena,
Desdemona, Macbeth, Amina, Sapho,
Palmira, Catharina, Anna, Delicia,

Rosina, Abigail, Theodora, Anaide,
Norma, Rebecca, Longueville, e quantas!
Todas são tu; és todas;
renasces, morres, vives, resuscitas;
pranto, invejas, horror, ternura, excitas.
Das mil paixões na arena, arrancas sempre
os vivas da victoria; a turba attonita
vê-te mil, e uma só; diversa, a mesma,
foco de seducções, não te resiste;
e á despota das almas
sente-se altiva em tributar as palmas!

Ávante pois na triumphal carreira!,
de nações em nações, de mundo em mundo,
nobre filha da Italia!! ensina aos povos
que inda é romano o genio da conquista:
guerreiro outr'ora, em nosso tempo artista.
Ás flammigeras aguias
os namorados cisnes succederam.
Ás aguias, inda alguem de longe a longe,
um luso, um Viriato, ousava oppor-se;
mas a vós, almos genios da harmonia,
quem vos resistiria?
Ávante co'a torrente das victorias!
mulher deidade, ávante! Oh! que existencia!
oh! que digna de inveja!
Ave gentil da primavera amante
vôa de céu em céu, de clima em clima,
acompanha-a constante;
o que é gelo não sabe; e a seus amores
só pende o instavel ninho onde acha flores.

Onde quer que appareceres,
onde soe o mago canto,
gloria é tudo: é tudo encanto;
tudo em torno é festival.

Faz-se a noite em claro dia:
reinam magicos prazeres;
sobre louro, entre alegria,
vae teu coche triumphal.

A mulher que é soberana
põe ufana
uma c'rôa e está feliz;
tu já calcas sob as plantas
c'rôas tantas...
que de as ver já te sorris.

Oh! céus! que não possa do canto a magia,
qual dura a poesia, perpetua durar!
que á um tempo das artes se gose em mil partes,
e d'esta o universo não possa gosar!!
Brilhou, desparece, não deixa vestigio;
desfaz-se o prestigio; só fica a saudade.
Mas se eternidade durasse o prodigio,
poderam-no os anjos ao mundo invejar.

Tedesco, hoje, entre nós: passados poucos dias...
no theatro, o deserto; as raras melodias,
que nos fazem tremer, bramir e delirar,
vão ter por côro o vento, e por tablado o mar.
Depois, já n'outro mundo! após tão amplos mares,
o Brazil, terra de oiro á sombra de palmares,
já te aguarda insoffrido, e te apresta os laureis.
Depois, que de orbe ainda! e a nós, aos teus fieis,
nunca mais volverás: nunca jamais.

Lá quando
lassa de conquistar, ao ocio amigo e brando
te volveres alfim do ninho teu natal:
quando do Mincio á beira, a sombra fraternal
te induza a contemplar do orbe a carta immensa,

mappa da tua gloria; encara o Tejo! e pensa!...
pensa que á tua voz, á tua voz tão só,
lyra de tanto muda, esquecida no pó,
vibrou, tremeu, surgiu do fundo de um jazigo,
a tributar-te um hymno, a modular comtigo.
Sim; cantaste *Adriana;* e um echo portuguez
do fundo d'esta lyra a redisse outra vez;
e depois, a canção que a tua lhe acordára,
a ti a dedicou. Era assim que ante a ara,
no teu antigo Lacio, um devoto pastor
das flores á deidade offertava uma flor.

Torne ao silencio a lyra; o obreiro á obra ingente,
e a ouvir os vagos sons que vem lá do nascente.

1858—Novembro 28.

PREAMBULO DO TRADUCTOR

(Na edição do Libretto, de 1858)

Convem antes de tudo assentar já aqui um facto de inquestionavel certeza: esta *Adriana Lecouvreur*, poesia do sr. Achilles de Lauzières, e musica do sr. Eduardo Vera, nada tem que ver, como a alguns se entrefigurou, com outra opera do mesmo titulo, poesia do sr. Leão Fortis, musica do maestro Benvenuti.

Tudo o que vamos dizer se prova com os jornaes de Italia. A *Adriana* do sr. Benvenuti foi cantada, com infausto exito, em Milão, no theatro della Cannobiana no fim de 1857. A do sr. Vera havia-o sido com a mais favoravel acolhença em fins de 56 em Roma, no theatro Argentina, n'esse difficil theatro, para onde Verdi compoz nada menos que o *Trovador* e os *Dois Foscari*.

Isto posto, póde vir muito nas boas horas, e muito segura de si e de nós, a *Adriana Lecouvreur* do sr. Vera. Não é o intelligente publico de S. Carlos para lhe denegar corôas, quando o intelligente publico da Argentina lh'as offertou. Demais, aqui, assim como Roxane se encarnava em Lecouvreur, a propria Lecouvreur se identifica em Tedesco; podemos admirar a um tempo dois bellos genios em um só.

A *Adriana* do nosso amigo Vera breve passará com a sua nobre interprete de Lisboa para o Rio de Janeiro, a carregar-se das suas terceiras palmas; e de lá,

se i poeti han del vero alcun presaggio,

proseguirá longa e ininterrupta carreira de conquistas pelos mundos velho e novo.

Taes são pelo menos as esperanças e as bençãos do poeta, que a sauda ao seu passar por entre nós.

Sempre se gosta de conhecer um talento que nos visita. Sabereis pois que o sr. Eduardo Vera, o proprio que entre nós está pondo em scena a sua opera, é irmão da já afamada cantora Vera Lorini, e filho, como ella, da mui celebre artista allemã Haëser, nascida em Leipsick, esplendor dos theatros lyricos do seu tempo, e que a Italia appellidava (como ainda lhe lembra) *a divina tedesca*. De proposito para ella escreveu Paër a *Griselda* e a *Agnese*. Hoje, septuagenaria, mas com o espirito e o gosto juvenis, anima ainda com os seus conselhos a seus filhos; lá de tão longe, do seio da sua velha Roma, os esforça com os reflexos da sua gloria, velha tambem, mas ainda gloria. Por isso, nada mais delicioso para o coração do que ouvir estes dois irmãos fallarem d'ella, pôrem todas as suas ufanias, não no que elles fazem, mas no que fazia a que lhes deu com o sangue e com o leite o instincto do bello, com as exhortações e com o exemplo a devoção á arte e o santo fanatismo do estudo.

Solitaria n'aquella terra de glorias, de ruinas, de saudades, e talvez de futuros, Madáma Vera dá a lembrar as matronas heroicas de outras eras, que armavam por sua mão os nados e creados do seu amor, e os enviavam a conquistar ou morrer, pelejando, em regiões remotas. — «Volta com este, ou volta n'este» — eram as suas ultimas e sublimes despedidas, entregando-lhes o escudo. Hoje as conquistas romanas são incruentas, e nem por isso menos bellas; o coração materno deixado a sós, tem menos cuidados de que se dôa. Tem-nos todavia,

que para isso é materno, e para isso é coração. Para os diminuirem, para os suavisarem á nossa boa Sybilla, as amantes e continuas cartas de seus filhos, levam-na a assistir em espirito a todos os testemunhos de benevolencia que elles andam pelo mundo grangeando. Assim, viaja com elles: assim, a pobre familia dispersa está sempre junta.

Dolente, in solitudine ridotta,
ritirata da gli altri, è sol colloro
ché le stan lunge, e lor sol vede e sente.

Cartas d'ella, distilladas de dentro da sua alma, já nós nos deliciámos de as ouvir (os leitores que não forem para affectos podem saltar isto). Que paginas! que exhortações para que a excedam! que sabios conselhos nas cousas da arte! que amavel resignação nos seus sacrificios á gloria de seus filhos!

Á doce e irresistivel auctoridade d'aquella mulher memoravel, que mereceu a Paër duas operas, e ao incoercivel Hoffmann dois capitulos de enthusiasmo, devemos nós a existencia d'esta *Adriana Lecouvreur*. Foi ella que a pediu instante a seu filho; foi para ella principalmente que seu filho a escreveu; é a ella, só a ella, que se comprouve de a dedicar.

Ainda um toque n'este quadro, e nada mais: quando na *Argentina* se executou pela primeira vez esta partitura, sabeis qual foi de tantas scenas que ficaram lembrando a que mais se gravou nos corações?, a que não tem de esquecer nunca em Roma? foi uma que não estava ensaiada, nem escripta, nem prevista de ninguem: a antiga *divina tedesca*, presenciando o triumpho publico de seu filho, corre do camarote ao tablado; reflorira-lhe a primavera, reaccendêra-se-lhe o estio após setenta invernos; mostra-se como nunca ufana, e coberta de lagrimas de alegria, aos descendentes dos seus admiradores de outr'ora; dá ao seu Eduardo n'um abraço de mãe feliz a suprema recompensa. Por entre os numerosos artistas que a cercam attonitos e enternecidos, ha um só, um corista decrepito, que ainda se lembra de a ter visto em scena. O pobre velho,

enthusiasmado, posto em joelhos, beija-lhe, como filho tambem, as mãos descarnadas, que tantas corôas levantaram ha tantos annos.

Se do nosso trabalho póde agora caber que digamos alguma cousa, cifra-la-hemos n'isto: que não aspira a louvor; pede indulgencia. Emprehendemo-lo, obedecendo aos desejos de um excellente amigo e poeta, o nosso Palmeirim; tivemos para o executar poucos dias, e ainda esses cortados de trabalhos mais serios e impreteriveis.

Foi o empenho, talvez temerario, temerario de certo, que o poema tivesse em portuguez tantos versos precisamente como no italiano, todos de identica medida, todos de igual accentuação; que os córtes das fallas coincidissem cá no verso inteiro, no hemistichio, ou na fracção metrica em que os achavamos no original; que onde havia esdruxulos, ficassem esdruxulos; onde graves, graves; e agudos, onde agudos; emfim, que as rimas igualassem ou excedessem ainda em numero ás do texto, comquanto já lá viessem derramadas com mão profusa; por ultimo queriamos, sem nos desviarmos do nosso guia, retocar, se o soubessemos, aqui ou acolá, um ou outro descuido que por acaso lhe enxergassemos, d'aquelles a que a pressa do escrever muitas vezes expõe, e a que todos os entendidos, mórmente os do officio, nem recusam, nem difficultam venia.

...petimusque damusque...

Onde elle, para expressar paixões ou movimentos da alma, repetia por inadvertencia imagens, encarecimentos, expressões, que já d'antes empregára, quizemos nós ver se, variando como quer que fosse, logravamos disfarçar com as fórmas externas a identidade do fundo.

Caminhar, e caminhar depressa, e depressa sem muita quéda, arrastando tantas cadeias juntas, digamo-lo com sinceridade em abono da nossa individual obstinação, não era empreza muito facil. Todos os que estudaram com certa profundeza, e comparando-as, as duas linguas, confessam, e não podiam dis-

simular, vantagens que a italiana leva á nossa: vocabulos elasticos, dilataveis ou contrahiveis *ad libitum*, e ao reclamo do metro; maior abundancia de esdruxulos, e faculdade de converter muitos d'elles em graves, e muitos graves em agudos; menos desinencias em inflexões, e por consequencia mais facilidade em absorpções, sem fallarmos em que as palavras d'esse feliz idioma são por via de regra mais curtas que as do nosso, segundo já tivemos occasião de demonstrar n'uma pacifica, e logo terminada, discussãosinha litteraria com o sr. Vegezzi Ruscalla, habil traductor da *Marilia de Dirceu*.

Pondero aqui tudo isto para que me não recusem a indulgencia que eu disse requeria, e agora acrescentarei que espero afouto de todos os que tratam isto de letras e poesia com amor, sciencia e consciencia.

Se decidirem esses que de todo me não saiu baldo o commettimento, pago fico.

Com um pouco mais de desaffogo menos ruim obra se houvera effectuado; mas para que, se as d'este genero só duram uma noite? ainda assim n'este poucochinho, mesmo imperfeito como vae, muito me ufanarei se alguem reconhecer: que tambem nós, abaixo dos italianos, possuimos uma lingua poetica e musical, uma formosa e guapa lingua que, a não ser á d'elles, á de nenhum outro povo cede a palma.

Entretanto todas as nações, até a Dinamarca, têem sua opera nacional; e nós, prodigos e indolentes, a porfiarmos que a não podemos obter!! Oxalá acudisse a desmenti-los com obras da sua lavra o nosso primeiro dramaturgo, o amigo e collega Mendes Leal!

ARGUMENTO DA OPERA

Mauricio, conde de Saxonia, marechal general de França, nascido em Dresda aos 19 de outubro de 1696, e fallecido em Chambord aos 30 de novembro de 1750, avulta grandioso na historia politica e militar d'aquelles tempos. A presente opera, extractada de um drama de Scribe, é miniatura d'esse quadro, que já era elle proprio resumo caprichoso de uma historia tão ampla e memoravel; tem o duplice interesse de nos abranger, com poucas linhas de contornos, um memoravel guerreiro e uma memoravel artista: Mauricio e Lecouvreur; dois genios, dois triumphadores; elle, pela sciencia e pelas armas; ella, pelo talento e pelos feitiços. Pôr em contacto, em harmonia, em jogo dramatico, o heroe e a heroina, podéra ter sido inspiração feliz da poesia, mas foi obra real do acaso, da fortuna, do amor. Mauricio de Saxonia e Adriana Lecouvreur viram-se, conheceram-se, amaram-se; as duas aureolas mutuaram, confundiram por um momento os seus resplendores.

O poeta lyrico italiano, cujo sou interprete, angustiado sem duvida nas estreitezas, no leito de Procustes, d'este genero

de composições, deixou porventura, e deixámos por consequencia tambem nós, algumas partes do enredo menos alumiadas e distinctas do que aos espectadores conviria. Pareceu-nos portanto não seria desacerto abrangermos previamente em poucas linhas o principal do poema. Ei-lo aqui:

O conde Mauricio de Saxonia *(sr. Neri Baraldi)*, que nos seus galanteios usa encobrir-se com o nome de *Arminio*, ama, correspondido, a Adriana Lecouvreur *(sr.ª Tedesco)*, celebre actriz da Comedia Franceza; mas Adriana suppõe que o seu Arminio mais não é que um soldado aventureiro d'aquelle famigerado conde de Saxonia, a quem ella não conhece.

A mulher do duque de Bouillon *(sr.ª Kaiser)* ama-o tambem, mas conhecendo-o pelo proprio, se bem que (phantasias de namorados!) folga de o tratar pelo mesmo pseudonymo de Arminio.

Nada a principio sabem nem presumem uma da outra as duas rivaes. O conde frequenta a Adriana, porque lhe quer muito; frequenta a duqueza porque, pelo valimento d'ella, espera obter de el-rei de França uns regimentos, com que vá pugnar pelos seus direitos ao throno vago da Curlandia.

O marido da duqueza *(sr. Celestino)* intercepta uma carta dirigida por esta, com letra disfarçada, ao conde, a apraza-lo para um colloquio nocturno no seu palacete ou pavilhão das murtas. Entrega-a ao seu confidente Alby *(sr. Bruni)* para que a leve ao conde; e para se vingar da projectada traição, convida toda a companhia da Comedia Franceza, e outras pessoas, a um banquete no pavilhão das murtas, ao qual deseja que presida, como rainha, Adriana. Adriana porém, a quem o amante, havendo-lhe promettido vir no fim do espectaculo para casa d'ella, lhe acaba de fazer da platéa signal de que não póde cumprir a palavra (effeito já da carta da duqueza), Adriana recusa-se ao convite do duque; está maguada e furiosa. O duque insiste, dizendo-lhe que tenciona dar-lhe por cavalheiro na festa o conde Mauricio de Saxonia. Então aceita; haverá assim occasião de prestar um serviço ao seu ingrato, obtendo que o conde o promova no exercito. Era, sem o saber, implora-lo a elle em

favor d'elle mesmo. O empenho do duque, dando um baile no pavilhão das murtas, era colher a esposa e Mauricio no colloquio, e castiga-los assim com expo-los ao geral desprezo.

A duqueza chega sósinha ao praso dado antes de Mauricio; agasta-se com a tardança, concebe vagos ciumes; Mauricio entra, desculpa-se, mas traz no peito um ramalhete, prenda de Adriana. A duqueza lh'o exige; elle, para arredar suspeitas, lh'o entrega, e sabe por sua bôca haver-lhe emfim o governo concedido, por diligencias d'ella, as tropas que tanto desejava.

O conde de Saxonia protesta-lhe gratidão; mas amor, que é o a que ella aspira, não lh'o chega a prometter.

N'este comenos o suspeitoso duque de Bouillon, que havia tomado todas as providencias para a vingança, mandando rondar o jardim por apaniguados seus, com ordem de não deixarem saír ninguem, já vem perto com os convidados. A duqueza aterrada implora do conde que a defenda. O conde fa-la esconder em um quarto contiguo á sala, sáe arrebatadamente, afiançando-lhe que voltará para a proteger na evasão.

Pouco depois o duque, os seus hospedes, Adriana, o conde, entram na sala; Bouillon apresenta a Mauricio Adriana, e a Adriana Mauricio, designando-lh'o por conde de Saxonia. Adriana, disfarçando como póde a maravilha de tão inesperada identidade, diz ao conde em voz alta que vem perante elle interceder em favor de um seu soldado desvalido, e logo, aproveitando-se da confusão dos circumstantes, se aparta d'elles com o seu amante para conversarem mais em secreto. Mauricio, que não tem tempo que perder para salvar a reclusa, nem vê outrem a quem para isso recorra, diz a Adriana que n'aquelle quarto ao pé está occulta uma dama, não amada sua, mas a quem elle deve pôr em salvo; pede o coadjuve n'este difficil empenho. Adriana crê e promette-lh'o. O conde sáe, para impedir que alguem sobrevenha no entretanto. Adriana abre a porta do quarto, diz á occulta desconhecida que póde vir sem medo; a duqueza sáe. A sala está ás escuras; não se conhecem; mas no seu curto dialogo descobrem que ambas ardem por Mauricio, que Mauricio é o Arminio de ambas. — « Amo-o » —

diz a duqueza; — « E eu sou d'elle amada » — lhe responde a actriz. — « Hei de me vingar de ti; hei de te perder. » — « E eu de ti, vingo-me já: salvo-te. » — N'isto vem chegando os da festa; a duqueza desapparece pela porta falsa que ella mui bem conhece, pois lhe pertence a casa, e que dá para a rua onde Mauricio a espera, para a acompanhar até a pôr em salvo no palacio.

Quando o duque entra, com toda a gente e luzes, acham só a Adriana, por quem andavam procurando para o festim; o duque, havendo percorrido tudo, vem já desenganado de que as suas suspeitas ácerca da mulher foram sem fundamento. Adriana está na maior perplexidade, sem atinar quem seja aquella que desappareceu, que é sua rival, cuja voz ouviu, mas cujo nome e cujas feições totalmente desconhece.

A duqueza de Bouillon saíra ferida no amor e lesada no orgulho; anciosa de desaggravar-se, denuncia e faz prender a Mauricio como réu de uma conjuração.

O duque dá no seu palacio um sarau. Adriana está convidada para ir lá declamar alguns papeis tragicos. A duqueza e Adriana reconhecem-se uma á outra pela voz; o duque, que temia na pessoa de Mauricio um perturbador do seu thalamo, annuncia á sociedade achar-se elle na cadeia da Bastilha (ignora ainda que já foi solto, solto pelos esforços de Adriana). A duqueza para a apunhalar diz-lhe que Mauricio foi ferido. A presença de Mauricio, que sobrevem, a desmente.

Chega o lance da recitação. A duqueza, para abater e descoroçoar a sua emula, senta o conde ao seu proprio lado e pega-lhe na mão, emquanto a artista está em pé, á espera de que lhe designem que papel desejam que ella represente.

— « O monologo de Ariadne desprezada » — lhe diz intencionalmente a triumphadora. — « Phedra » — propõe Mauricio. Adriana recita o bello discurso da scena III do acto III da *Phedra* de Racine, com os olhos fitos na sua rival, applicando-lhe cada phrase, crescendo para ella a cada verso, até que, chegando ás palavras:

Já se gosam do mal, sem que lhes tinja
sombra de pejo ou de vergonha as faces,

lhe crava no meio da testa o dedo como um ferrete. Desata-se a festa em geral tumulto.

A pobre Adriana, vingada, mas votada tambem á vingança, está em sua casa, só, acompanhada de Michonnet *(sr. Cresci)*, o contra-regra do seu theatro, o seu verdadeiro e ardente amigo, o seu mestre, o que sobretudo lhe deplora os amores por entender que lhe offuscarão a gloria artistica. Chega trazido por um servo sem libré um cofresinho dirigido a Adriana; dentro vem as flores que ella dera a Mauricio com recommendação de que apenas cessasse de a amar lh'as restituisse. Que mais é preciso para se convencer do seu desamparo? beija-as, arremessa-as ao fogo. Não espera ver nunca mais o seu ingrato: ei-lo que chega; entrou, a despeito da resistencia de Michonnet; implora perdão, protestando o que é verdade: que só a ella ama, que só a ella tem amado, amaldiçoando a sua commum inimiga.

A perfida, que tirára as flores a Mauricio, enviára-as em nome d'elle a Adriana, mas impregnadas de tão subtil veneno, que esta ao beija-las aspirou a morte. Adriana exhala a vida entre o amor e a amisade.

Pessoas	Actores
ADRIANA LECOUVREUR, dama do theatro da Comedia Franceza	SR.ª TEDESCO.
A DUQUEZA DE BOUILLON	SR.ª KAISER.
MAURICIO, conde de Saxonia, aspirante ao throno da Curlandia, e usando nos seus amores do nome de Arminio	SR. NERI-BARALDI.
O DUQUE DE BOUILLON (Arthur), marido da duqueza	SR. CELESTINO.
MICHONNET, contra-regra do theatro da Comedia Franceza, e grande amigo de Adriana	SR. CRESCI.
O CAVALLEIRO DE ALBY, confidente do duque de Bouillon	SR. BRUNI.
QUINAULT, actor	N.
Um familiar da duqueza	N.

Senhores — Damas — Actores — Homens de armas apaniguados do duque, etc.

A acção passa-se em Paris no anno de 1730.

ACTO I

O theatro representa a galeria *(foyer)* dos actores no theatro de Paris por antonomasia chamado francez. Ao meio de cada uma das paredes lateraes, sua porta: a da direita dá para o theatro; a da esquerda para os camarins dos actores. No topo, porta por onde se vae para a rua. Fogão acceso.

SCENA I

(Actores e actrizes, com seus variados trajes theatraes: uns de comedia, outros de figuras que hão de entrar na tragedia **Bajazet. Quinault**, *de vizir.* **Acomato** *joga o xadrez com outro actor. Alguns estão de mirões ao pé do taboleiro; varios aos lados e diante do fogão; este, prova um vestido; aquelle, passeia; aquell'outros conversam em meia voz, ou estudam os seus papeis. Um toca rijo uma campainha e chama.)*

UM ACTOR Michonnet!
OUTROS Buscae-o; aonde?
nunca pára.
QUINAULT *(jogando)* Mate ao rei.
(O actor agita outra vez a campainha)
OUTROS Grita bem! vê se responde.
O ACTOR Que maldito! onde o acharei?
CÔRO A Adriana deu-lhe coca;
o theatro anda ao laré;
deixa tudo ir á matroca;
quem diria! o Michonnet!!!
Será fada essa Adriana?
quem viu nunca igual mulher?
já do povo é soberana,
e inda mais vassallos quer.
O ACTOR Michonnet! grita-se, e nada!
Michonnet!

SCENA II

Os precedentes, **Michonnet**

MICH. *(acudindo)* Cá estou! que é lá?
UM O alvaiade!
OUTRO A minha espada!
OUTRO O punhal!
OUTRO Aereo está!
MICH. Quem viu nunca tanto grulha!? *(socegando-os)*
menos bulha! menos bulha!
quer-se tudo, tudo, mudo;
Adriana está no estudo.
CÔRO A Adriana aqui é tudo.
MICH. Sim que a ella igual não ha. *(Pausa)*
Tem na voz, e tem nos olhos,
um não sei que doce encanto,
que, ou se enfade ou verta pranto,
sabe as almas captivar.
Seu olhar, vibra eloquencia;
seu fallar, seduz, fascina;
tem no gesto omnipotencia;
tudo n'ella é triumphar.
Phydias n'ella outra Erycina
nos podia retratar.
CÔRO Se a Duclos não é tão bella,
vence-a em graças a Duclos.
MICH. A Duclos... seja uma estrella;
porém sol, existe um só.
CÔRO Quem será que tantas c'rôas
roja aos pés d'esta Adriana?
MICH. Não no sei; sei que é sob'rana
que ás dos reis podéra honrar.
Sceptros mil, se eu mil tivesse,
ás suas plantas os poria;

sendo eu genio da poesia,
fôra d'ella o meu cantar;
Deus, meu céu lhe offertaria.
Que são para a coroar,
quanta flor a terra cria,
quanta perola ha no mar?

CÔRO Viste o sol, ficaste cego;
t'arrenego! é de aterrar.

(Ouve-se de dentro a orchestra do theatro annunciar o começo da peça)

CÔRO O signal! cada qual a seu posto!
a platéa já grita e se agita.
Apromptar! aviar! toca á scena!
lá nos torna o signal a chamar.

(Sáem todos, menos Michonnet)

SCENA III

Michonnet *só, depois* **Adriana**

MICH. Ausentaram-se emfim. Não! que nem sonham
quanto é diversa d'elles
esta mulher sublime!
Eu, eu, que a adoro,
talvez sua grandeza eu mesmo ignoro.
Quem vem lá? Adriana?
que bem lhe fica o traje de sultana!

(Entra Adriana vestida de Roxane no Bajazet, estudando o seu papel, e sem ver a Michonnet)

ADR. *Os meus tramas e ardis* *(estudando)*
minha traição fatal,
quanto ousei, quanto fiz,
lucra-lo uma rival?
Rival!... não disse
isto inda bem. Tomára alguem...

MICH. *(adiantando-se)* Adriana!...

ADR. Caro!

MICH. Admirar-te quero. Á fé, mais linda
não se viu outra ainda.
ADR. Ah! que se eu fosse
qual t'o finge a amisade,
sómente em lhe agradar punha a vaidade.
MICH. *Agradar-lhe?* então amas;
e amor ante a amisade esconde as chammas?
ADR. Caro amigo!... *(confusa)*
MICH. *(áparte)* Ama! ó Deus! está perdida!
(alto) Amas?
ADR. Não amo: adoro; abraso a vida.
MICH. Algum magnate? um Creso?
ADR. Oh! não atinas:
é um pobre; um soldado aventureiro;
segue os pendões do conde de Saxonia.
Não córo.
MICH. E âma-lo tu?
ADR. *(com enthusiasmo)* Não amo; adoro.
Vi-o; e das glorias bellicas
o anjo o suppuz brilhante;
Pasmei, absorta, estatica,
no vencedor semblante;
e rebentou-me a subitas
este vulcão de amor!
Sem elle, o mundo é tumulo;
vida sem elle é morte;
mas um porvir de jubilo
espero obter em sorte!
jurei, jurou, jurámo-nos
juntos os céus transpor!!
MICH. E a arte? os enthusiasticos
applausos estrondosos?
ADR. A gloria, crê-me, a gloria,
não é quem faz ditosos;
gostos perfeitos, intimos,
sómente amor os tem.

MICH. Mas virá elle?
ADR. Um fremito
m'o diz cá dentro; vem.
Peno e goso; não te pinto
meu ser novo; o que em mim sinto
nem á phrase humana acode,
nem se póde conceber.
São delicias na agonia;
são tormentos na alegria;
é um não querer mais gloria
que este doce bem querer!
MICH. E hoje ao theatro veiu?
ADR. Sim; voltou hoje aqui.
Ha um anno que o não vi.
MICH. O seu triumpho em cheio
Roxane pois terá.
ADR. Recorde-se Adriana
que é só Roxane agora;
vaes triste; não?
MICH. Embora!
(apontando para o lado do theatro)
Alem tua gloria está.
(Sáe).

SCENA IV

Adriana *só, depois* **Mauricio de Saxonia**

ADR. *(seguindo com a vista a Michonnet)*
Que alma nobre!
(tornando em si)
De amor triumphe em parte
agora a arte.
(retoma o papel e declama)
Os meus tramas e ardis,
minha traição fatal,
quanto ousei, quanto fiz,
lucra-lo uma rival?

Uma rival?!!

MAUR. *(com galanteio, á porta da esquerda)*
Rivaes para Adriana?

ADR. Arminio meu! julgava-te na sala,
segundo a tua carta, a amavel nuncia
do teu fausto regresso.

MAUR. *(descendo o palco)* Oh! não podia
viver já sem te ver, sem repetir-te
que só, sem ti, querida,
me é todo o mundo exilio, e peso a vida.
E tu amas-me ainda?

ADR. *(com infantil simpleza pega-lhe da mão, e lh'a põe sobre o seu proprio coração)*
Pergunta a este qual o poz tua vinda. *(com transporte)*
Se te amo? ah! tu conhéce-lo
melhor do que eu t'o digo.
Dois são meus votos unicos:
viver, morrer, comtigo.
Ingrato! perguntares-me
se ardo por ti de amor?
seja-te d'alma interprete
dos olhos meus o ardor.

MAUR. Repete a phrase magica!
redobra-me o delirio!
dos seraphins as citharas
cuido escutar no Empyreo.
Vezes repete innumeras
esse *amo* encantador!
grande te ha feito a gloria,
faz-te divina amor.

(Adriana senta-se; Mauricio puxa um tamborete e senta-se aos pés de Adriana)

ADR. *(com os olhos n'elle e toda mimo)*
Tu, ser meu, só meu, juraste!

MAUR. E inda o juro.

ADR. Oh! (sem mentir)
nunca, nunca, a outra amaste?

MAUR. Falla só, só do porvir;
não sei já do meu passado;
foi um tempo em que eu não fui.

ADR. *(tirando do seio um ramalhete de flores, dá-o a Mauricio; depois diz:)*
Flores são que amor te ha dado;
findo o amor, m'as restitue.

MAUR. *(toma-as, beija-as, e põe-nas sobre o coração)*
Copias d'ella, ó flores minhas,
ficar-lhe-heis sempre vizinhas.

(Ouve-se outra vez a musica da orchestra)

ADR. Ouve!

MAUR. Á sala eu corro; parte!
vou co'o publico admirar-te.

ADR. *(olha em derredor, e abaixa os olhos)*
E esta noite! ver-nos-hemos?

MAUR. Certamente. *(com intimativa)*

ADR. Ambos a par!
ambos sós!! nos bens supremos
outro igual não hei de achar.
Doce esperança!
maga alegria!
o céu nos ria
constante assim!
Por toda a vida
comtigo unida
vou ter um extasi
de amor sem fim.

(Sáe Adriana pela porta da direita, Mauricio, pela da esquerda)

SCENA V

O duque de Bouillon, o cavalleiro de Alby

DUQ. *(segue com os olhos a Mauricio que o não vê; no momento d'este desapparecer, diz:)*
Se não me engano era Mauricio, o conde,
que ora partiu.

ALB. Sem duvida: na sala
já entra.

DUQ. A preço d'oiro houve esta carta,
endereçada a elle:

(tira do bolso um bilhete e lê:)

Preciso de fallar-te. Á meia noite.
No pavilhão dos mirtos. Pressa urgente.
Segredo e amor.—Armanda.

ALB. Armanda? quem será?

DUQ. Conheço o nome;
porém a letra é disfarçada. Ao conde
envia-me esta carta. Ah! que se eu colho
na rede a falsa, prompta
goso a vingança em sua propria affronta. *(Sáe Alby)*
Ao azar de um desafio
meu desforço não confio.
Nem recorro á cega sorte,
nem dou morte; opprobrio dou.
Se a inhumana, a fementida,
quer lançar-me infamia ao rosto,
eu na fronte envilecida
nodoa eterna impor-lhe vou.

ALB. Lá dei a carta ao conde. *(voltando)*

DUQ. Agora escuta:
Suspeito (idéa atroz!) ser da duqueza
a carta ao conde. Elle ama-a.
Ao pavilhão dos mirtos
com amigos irei; no esconderijo
de seus torpes amores,
cobriremos de opprobrio os dois traidores.

(Ouve-se no theatro o estrepito das acclamações, das palmas e dos bravos)

DUQ. Que alarido?!

ALB. Triumpha Adriana;
de Roxane se applaude o valor.

CÔRO *(lá dentro)* Viva! viva! da scena a sob'rana
é não menos sob'rana de amor.

SCENA VI

Os precedentes, **Michonnet,** *depois* fidalgos, actores *e* actrizes, *e por ultimo* **Adriana**

MICH. Sim! da scena só ella é rainha;
move; arrasta; o futuro é já seu!
Todo o povo a applaudir-m'a se apinha!
foi divina! a si propria excedeu!
N'um momento, foi chammas, foi raio;
logo após, sepulchral pallidez;
vinha o pranto, atalhou-lh'o o desmaio!
que terror na platéa não fez!
Mas o applauso rebenta outra vez!

(Entra o côro acclamando a Adriana que vem pallida, abatida, agitada e convulsa)

CÔRO Viva Adriana!

ADR. *(com impaciencia)* Oh! calae por piedade!

MICH. Tu que tens?

ADR. *(a meia voz)* Estou morta, não sei.
Um signal de que vir já não ha de!
e eu tão cega que amante o julguei!!

DUQ. *(em pé no meio do theatro, a todos os circumstantes)*
Pretendo, em honra da grande artista,
dar uma festa; sois convidados;
vireis, Adriana?

ADR. *(com voz muito sumida)* Não.

QUIN. *(áparte)* Quer que insista.

DUQ. Teremos dansas, risos, agrados;
as classes mixtas: nobres e artistas;
Sereis, Adriana, vós a sob'rana;
vosso parceiro, bravo guerreiro:
o joven conde Mauricio.

ADR. *(ao ouvir-lhe o nome, levanta a cabeça, pensa um instante, e exclama resoluta:)*

Prompta!

(áparte) Irei ser util ao que me affronta;
por elle ao conde supplicarei.

CÔRO Adriana aceita!

ADR. *(para o duque)* Faltar não sei.

CÔRO Nas taças á mesa de espumeo licor,
na musica accesa, nos cantos de amor,
amemos! gosemos! busquemos folgar!!

(Adriana e Michonnet de um lado; o duque e Alby do outro repetem ellas tambem o que diz o côro, mas com alegria forçada; depois)

ADR., MICH., DUQ., ALB. *(áparte)*
Aos faustos clamores nem tudo responde;
no meio das flores a morte se esconde;
convem, ó meu peito, soffrer e calar.

CÔRO *(alto)*
Nas taças á mesa, na musica accesa,
amemos, gosemos, busquemos folgar.

FIM DO ACTO I

ACTO II

Jardim das murtas, pertencente ao duque de Bouillon. Do lado direito o pavilhão, com uma janella illuminada por dentro. O restante da scena ás escuras.

SCENA I

(Um magote de malfeitores, gente do duque, atravessa a scena muito a passo, como que a observar e sem querer ser visto.)

CÔRO

Manso! manso! quedo!
ronde-se em segredo!
note-se o que vae!
Olho álerta! festa
nunca a vi como esta:
quem entrou não sáe.
Este enigma cansa!
cousa de vingança
penso que será.
Triste praso dado!
pobre namorado
se appareces cá.
Manso! manso! quedo!
ronde-se em segredo;
nada escapará. *(vão-se)*

SCENA II

Saleta no interior do pavilhão. Á direita uma janella; á esquerda uma porta. No topo duas portas, uma das quaes disfarçada.

(A **duqueza de Bouillon** *está sentada a uma mesinha, e dá de quando em quando mostras de insoffrida. O relogio dá uma hora.)*

DUQ.ª Mas não chega! uma hora ha já que espero!
e d'antes... que fiel pontualidade!
da minha mallograda mocidade
mais um anno lá vae; marcou-o esta hora.
Nem me lembrava! o louco m'o recorda!!
E eu a ama-lo inda tanto!!! arrisco a fama,
mil perigos crueis por elle affronto!
talvez o fementido
de outra aos pés entretanto arda rendido.
Entre um par fiel e amante
é cada hora um breve instante,
que as faz rapidas voar
crebro e mutuo palpitar.
A quem só padece e chora,
contém seculos cada hora,
que os momentos que enche a dor,
um a um nos conta amor.
(vae até á janella, olha para a rua, e volta em grande agitação)
Mas ausentar-me importa;
podem vir dar commigo!
por esta occulta porta
me escaparei sem p'rigo. *(mostra a porta falsa)*
Ingrato aos meus favores!
mas eu farei que trema,
trema dos meus furores.
Deliro! sou blasphema!
elle é fiel; virá.
Volve, ó querido! volve!

o amor te absolve já.

(pausa)

Fui dos salões o idolo;
sábe-lo, ó caro amante!
nobres, senhores, principes,
via a meus pés no pó.
É-me hoje o mundo um ermo,
quando me estás distante;
povoado eden sem termo,
se estou comtigo só.

SCENA III

A duqueza, Mauricio

MAUR. Duqueza!
DUQ.ª Alfim!
MAUR. *(ajoelhando)* Dignae-vos
o involuntario aggravo
perdoar generosa ao vosso escravo.
DUQ.ª Erguei-vos; ereis réu; bastou-me ouvir-vos,
apagou-se-me a ira,
renasce o amor, o coração me inspira.
MAUR. *(áparte e muito admirado)*
Amor?
DUQ.ª Flores trazeis? *(vendo o ramalhete que Mauricio traz)*
MAUR. *(como acima e dolorosamente)* Céus!
DUQ.ª *(tirando-lh'as)* Destinaes-m'as?
MAUR. *(como acima)*
Mentir-lhe deverei?
DUQ.ª Paga merece
tão fino amor; tomae-a: os regimentos
que havieis supplicado,
El-Rei vo-los outorga.
MAUR. *(com alegria)* El-rei?
DUQ.ª Que admira?

amor fez-me eloquente.

MAUR. Oh! graças! graças!
marcho, invisto, derrubo,
e ao throno de Curlandia emfim já subo.
Doirada, estrellada, me ri a existencia,
co'a dupla influencia da gloria e do amor.
Na fronte, um diadema! no peito, outro peito!
ternura e respeito, doçura e esplendor!
Ventura! oh! ventura! trançar á mistura
co'os louros e as gemmas as rosas de amor.

DUQ.ª Rival bem terrivel eu propria me hei dado.

MAUR. *(no auge da perturbação)*
Rival!

DUQ.ª Pois a gloria!

MAUR. *(socegando-se, áparte)* Respiro!!! temi
que já de Adriana lhe houvessem fallado;
sou grato á duqueza; finjamos aqui.

DUQ.ª Que pensas?

MAUR. Que tudo te devo.

DUQ.ª *(com expressão de muito affecto)* Não é
não é esse o ponto; só quero a tua fé.
Amor, amor eterno,
juremos mutuamente!
Meu és, és meu sómente!
tua, só tua, eu sou.
Quando na guerra andares,
teu coração me deixa;
emquanto não voltares
em troca o meu te dou.

MAUR. Amor! amor eterno
poder votar-te anhello!
se o meu destino é bello,
devê-lo a ti bem sei.
'Té n'este apartamento
d'um ente amavel, terno,
pensando qual me ausento,

já gosos levarei.
Soffre que eu voe á lide;
prompto haverei victoria;
colhida que haja a gloria,
lançar-t'a aos pés virei.
Se combater me é dado,
transformo a espada em sceptro;
vês-me ao partir, soldado;
ver-me-has espectro ou rei!

(Ouvem-se fóra as primeiras notas do côro de convidados que abaixo segue)

DUQ.ª Ouves? que atroz cilada!
salva-me! opprobrio assim...

MAUR. *(corre á janella, olha para a rua, e volta ao proscenio apressadamente)*
A casa está cercada!
some-te! espera em mim!

(obriga a duqueza a entrar no gabinete da esquerda e parte arrebatadamente pela fundo.)

SCENA IV

O **duque**, *todos os* convidados, *depois* **Mauricio**, *e por ultimo* **Adriana**

CÔRO Lauto festim se apresta!
á festa! á festa! á festa!
gosar em quanto resta
momento de gosar!
em quanto as ha viçosas,
é rosas apanhar!
dansas! cantares!
risos! folgares!
e viva amor!

(Entra Mauricio)

DUQ. *(a Mauricio)*
Conde, fausto o amor vos seja;
tudo aqui a amor festeja;
do festejo a soberana,

(Entra Adriana)

que ao seu reino corresponde,
ei-la, a magica Adriana
Lecouvreur.

(apresenta-a a Mauricio)
(para Adriana, apresentando-lhe Mauricio)

Mauricio, o conde
de Saxonia.

MAUR. e ADR. Ah!

ADR. *(baixo para Mauricio)* Que traidor!
(alto) Flor de heroes! vim por madrinha
de um soldado obscuro e pobre,
ver se em vós àcaso obtinha
carear-lhe um protector.

MAUR. Fallae pois.

(Adriana e Mauricio descem ambos ao proscenio, como que para fallarem em segredo, em quanto o duque e os convidados ficam passeando e conversando pelo fundo do theatro. O seguinte dialogo irá rapido, vivissimo, e a meia voz)

ADR. Nascestes nobre;
grande sois.

MAUR. Na fé, no amor!
(aponta para o gabinete) Ouve; ali, ali, ha gente;
sim; rasão d'estado urgente...

ADR. Mulher?

MAUR. Sim.

ADR. *(anciosa)* Que a mim preferes?

MAUR. Nunca!

ADR. Juras?

MAUR. Juro.

ADR. *(olha-o fitamente; Mauricio não se perturba; Adriana fica certa da sua innocencia)*

E queres...

MAUR. Que se evada occultamente;
nada mais.

ADR. *(resoluta e nobremente)* Salva-la-hei eu!

MAUR. D'aqui fóra, protege-la,
defendê-la é encargo meu.

(alto, e com galanteria affectada)

O banquete por nós chama:
a alegria á espera está.

(como continuando a conversação interrompida)

São lei rogos de uma dama.

ADR. Graças.

(Os convidados vão saindo pelo fundo; Adriana que os seguia, detem-se, como lembrando-se a subitas de alguma cousa, e diz-lhes, descendo o theatro)

Ide; após vou já.

CÔRO Os canticos echoem!
espumem vinhos! soem
co'o retintin das taças
saudes mil e mil!
gosar emquanto ás graças
dá campo o humano abril.
Dansas! cantares!
risos! folgares!
e viva amor.

(Sáem todos pelo fundo menos Adriana)

SCENA V

Adriana, *e depois a* **duqueza**

ADR. *(meditativa)*

Prometteu-m'o; estava certa;
saíreis, senhora, occulta
que ninguem vos ha de ver.

(Apaga a luz. Ouve-se então fóra o côro dos malfeitores do duque. Corre Adriana á janella, e observa-os. Vae-se o côro a pouco e pouco afastando, e vão-se as vozes a esvaír na distancia. Volta Adriana da janella e diz:)

Foi-se a odiosa turba multa;
não ha tempo que perder.

(Todo o theatro está escuro e silencioso. Vae Adriana bater á porta do gabinete onde está a duqueza)

Abri! não hajaes medo;
fiel vos sou. Depressa!

fugi; tudo ora é quedo:
voae.

DUQ.A *(abre a porta, e entra em scena tenteando com as mãos e devagar)*
Que dama é essa?
d'onde sabeis, senhora,
que em tanto risco estou?

ADR. Sei-o, por quem 'té agora
em nada me enganou.

DUQ.A Arminio? como?! quando?!
a vós? que prédominio!

ADR. E vós que o estaes chamando!
com que direito! Arminio!
Por tanto o ama.

DUQ.A *(com energia)* Amo.

ADR. Rival já vos não chamo:
amae-lo, e eu, fortunada,
sou d'elle amada. *(com orgulho)*

DUQ.A Oh! és?
mentes: pouco ha, rendido
o hei tido ante os meus pés.
Quem sois?

ADR. E vós?

DUQ.A Eu tinha,
se fosseis rival minha,
poder de aniquilar-vos.

ADR. E eu? eu, sabeis qual tomo
vingança de escutar-vos?

DUQ.A Vingança? vós? e como?

ADR. Perder-me é vosso empenho;
e eu tenho o de salvar-vos.

(Pausa. Uma e outra buscam em vão reconhecer-se nas trevas. A final a duqueza arrebata com força a mão de Adriana, desce rapidamente ao proscenio, e prorompe no seguinte)

DUQ.A Temeraria! pensa! oh! pensa
que eu de ti serei vingada;
foi paixão de amor immensa,
odio immenso o meu será:

a soberba inda humilhada
graça em vão me implorará.

ADR. Vae-te! e eu vingo-me já agora:
n'estas mãos tenho a tua fama;
dou-t'a illesa. Ao que me adora
provo n'isto o affecto meu.
No saberes que não te ama
dá principio o inferno teu.

DUQ. *(lá dentro)* Que é da arbitra da festa?
onde está? deixou-nos sós.

DUQ.ª *(áparte)* Céus, do esposo a voz é esta!
fujo inulta! oh! dia atroz!

(Procura como póde a porta falsa; achada ella, desapparece. Abre-se o fundo, e enche-se o theatro de convidados)

SCENA VI

Adriána, *o* **duque**, *os* convidados

DUQ. *(ao entrar corre o aposento com olhos prescrutadores; áparte)*
Corri tudo, e nada havia;

ADR. *(olhando á roda de si)*
Sonho? ouvi-a; onde é? que voz!

(O duque dá a mão a Adriana para a levar ao festim.)

FIM DO ACTO II

ACTO III

Sala festival no palacio do duque

SCENA I

(Senhores e senhoras em trajo de baile. Por entre as columnas do fundo se vêem apparecer e desapparecer os pares da dansa.)

O **duque**, *a* **duqueza** *e* **Alby**

CÔRO — Pelas salas de esplendidas galas
leva musica as dansas profusas;
cuida achar-se no alcaçar das Musas
quem vê hoje este paço ducal;
hoje o Elysio sonhado é real.
D'esta festa que um principe apresta
se disfructa á porfia a alegria!
mocidade, elegancia e beldade,
são tres graças, tres socias de amor,
que vem dar ao festejo esplendor.

DUQ. — *(no meio do theatro)* Vou dar-vos uma nova,
que ha de certo causar-vos maravilha:
Mauricio de Saxonia é na Bastilha.

CÔRO — Que ouvi?

DUQ.ª — *(á parte)* A accusação surtiu-me effeito:
o indigno a mereceu.

DUQ. — Presidiu hontem,

de noite, em reunião de conjurados;
uma denuncia o descobriu; comtudo
recrear-nos podemos,
que Adriana Lecouvreur hoje aqui temos.
Ouvir-se-hão versos d'oiro
por sua maga voz. A dansa, o canto,
á sua espera prosegui no entanto.

SCENA II

Os precedentes, **Adriana** *e* **Michonnet**

ALB. *(como que annunciando-a)*
Adriana.
CÔRO Ó deusa da arte!
cabe a todos admirar-te!
ADR. Graças mil a vós, senhoras,
por mercês tão seductoras.
DUQ.A *(áparte)* (Céus! que voz! quasi suspeito;
vou tentar!) *(alto)*
O vosso aspeito
como um sol doira esta sala.
ADR. *(áparte)* Onde ouvi eu esta falla?
não seria... *(alto)*
Quanto amavel!
DUQ.A *(affectadamente)* D'este jubilo ineffavel
alguem mais gosára acceso,
se o podéra.
ADR. Quem?
DUQ.A Mauricio
de Saxonia, que está preso...
(áparte) Não se turba?!
ADR. Que supplicio!
DUQ.A Foi ferido.
ADR. *(com um grito)* Ah!
DUQ.A *(áparte)* Trahe-se! enfia!

MICH. Tento!

DUQ.ª A si se denuncia!

MICH. *(a meia voz assustado, para Adriana que vacilla)*

Adriana!

(As duas rivaes trocando um olhar de cholera)

DUQ.ª e ADR. É ella!

ALB. *(que andava perto da porta do fundo, desce apressadamente, e diz em voz alta:)*

O conde

de Saxonia!

ADR. *(não podendo ter mão no jubilo convulsivo que se lhe adivinha no fogôso do rosto e no rapido dos movimentos)*

Ah!

MICH. *(detendo-a)* Tento!

MAUR. *(vem entrando, e ao dar com os olhos em Adriana fica petrificado e exclama:)*

Oh! Céus!

SCENA III

Os precedentes e **Mauricio**

(A **duqueza** *observou a immobilidade de* **Mauricio.** *Os* actores *estão dispostos da maneira seguinte:* **Michonnet, Adriana, Mauricio,** *a* **duqueza,** *o* **duque, Alby.**)

Todos

ADR. Já livre! já salvo! bom Deus tu me ouviste!
resiste, ó minh'alma, que o lance é tremendo:
se a outra idolatra, se é d'outra, eu me rendo;
que seja ditoso, feliz morrerei.

DUQ.ª Prisões que eu lhe urdira, vós fostes quebradas;
baldadas perfidias! denuncia perdida!
amei-o, e sem fructo; fui d'outra vencida:
não sei captivá-lo, perdê-lo não sei.

MAUR. Qual sorte uma e outra me forja e destina?
ferina a vingança, o amor delirante.
Não temo essa altiva, prefiro esta amante!
mas n'essa qual n'esta ternura encontrei.

DUQ. Que genio do abysmo de novo o liberta?
cri certa a bonança, folgava, foi sonho!
N'este homem resurge-me o espectro medonho,
por quem já dos zelos o calix traguei.

MICH. Incauta! que fazes? disfarça em teu rosto
o gosto de o veres; mantem-te serena!
actriz sê no mundo qual és sobre a scena;
o publico illudes, engana esta grei.

ALB. e o CÔRO Que estranha mudança se obrou de repente?
contente era tudo; presenta-se o conde,
carregam-se os rostos, o riso se esconde!
vae hi grão mysterio; sabei-lo? dizei.

DUQ.A *(Pausa; depois de algum tempo chega a duqueza junto a Mauricio, e diz lhe resoluta)*

Chegaes a tempo, conde;
ouvireis Adriana; ella se digna
de ostentar entre nós seu genio raro.
Sentae-vos junto a mim.
(Para Adriana) Adriana, vamos;
todos nós escutâmos.

(Dá a mão a Mauricio, e fa-lo assentar ao pé de si á direita da scena. Tomam todos logares pela sala; Adriana fica-se em pé, e Michonnet tambem)

ADR. *(baixo para Michonnet)*
Que audacia! eu pasmo.

MICH. A simular aprende.

DUQ.A Escolhestes?

ADR. Que escolha o conde.

DUQ.A *(com ironia insultuosa)* Apraz-vos
uma scena de Ariadne desprezada?

ADR. *(áparte)*
De mais o insulto? eu não resisto.

MICH. *(baixo)* Cala;
és alvo ás attenções de toda a sala.

MAUR. Phedra escolho.

ADR. Pois bem: vá Phedra.

CÔRO Ouçamos.

(Grande pausa. Adriana medita. Começa depois a declamar com uma agitação febril, fitando o olhar na duqueza e em Mauricio, os seguintes versos de Racine. A duqueza ri com ostentação)

ADR. *(declamando)*
«Justo céu! que fiz eu! verei (não tarda)
«o meu consorte, e a par com elle o filho!
«do meu impuro amor a testemunha,
«notará com que fronte ouso mostrar-me
«ante seu pae. Os olhos meus por força
«que hão de ter pranto, e o coração suspiros;
«suspiros, pranto, que elle insulta. E pensas
«que elle haja de occultar-lhe a minha insânia?
«contra seu pae, seu rei, traições consinta?
«e este horror que eu lhe infundo emfim disfarce?
«Se o tentasse era em vão! Conheço a fundo
«sua perfidia. Ai não! não sou como essas,
«que de affeitas ao crime e ao fingimento,
«já se gosam do mal, sem que lhes tinja
«sombra de pejo ou de vergonha as faces.»

(Adriana, que a pouco e pouco se foi avizinhando da duqueza, a final aponta para ella, e allucinada lhe põe o dedo mostrador no meio da testa. Levantam-se todos aterrados de tanta ousadia.)

DUQ.ª Pranto não, não me basta ao que has feito;
não ha pranto que tal desaggrave!
monstro, monstro! esse barbaro peito
dará sangue que a affronta me lave,
e no arranco final te hei de ouvir
contra ti maldições proferir.

ADR. Brama! brama! depreca vingança!
eu de ti já me sinto vingada!
vae! troveja! revolve-te! cansa!
que eu, feliz, não desejo mais nada.
Vive! deves a affronta curtir,
que eu te soube na fronte esculpir.

DUQ., ALBY e o CÔRO
Insensata! insensata! que furia
te arrojou a tão barbaro insulto?
de tão nova e tão horrida injuria

qual motivo em teu seio era occulto?
D'entre nós dá-te pressa em fugir,
que o {seu / meu} raio não tarda em cair.

MAUR. Que celeuma! deponde essa ira!
sois injustos suppondo-a culpada.
Quem não sabe que o genio delira?
foi delirio do genio e mais nada!
Se não teve intenção de ferir...
fôra injusto o quere-la punir.

MICH. Desgraçada! que has feito? que has dito?
provocaste-lhe a infrene inclemencia!
De vinganças tremendas és fito!
quem do raio resiste á violencia?!
Se não queres á dor succumbir,
vem commigo! partâmos! fugir!

FIM DO ACTO III

ACTO IV

Camara de dormir em casa de Adriana

SCENA I

*(**Michonnet** entra, olha para dentro da cortina, levanta-a, vê-se o leito em que **Adriana** está deitada.)*

MICH. Cansaço! dorme emfim! quanto soffria
ella, que por salva-lo ha dado a honra!
que se culpou dizendo que era o conde
amante seu feliz, e o tinha em casa,
quando entre os conjurados o suppunham!!
As que de amor se jactam
mal sabem o que sente
um peito nobre, como o d'ella ardente!
Ai! que amar foi seu amar!
Ai! que amar que esperdiçou!
E elle! ao anjo, anjo sem par,
elle, o vil, não a adorou.
Ai! tão moço e tão cruel,
ai! tão lindo e sem amor,
a doçura ha pago em fel;
dão-lhe gloria, offrece a dor.

(Adriana em sonhos repete as palavras da scena IV do acto I)

ADR. «Vou ter um extasi
«de amor sem fim.»

MICH. Amor até nos sonhos!
ó funesta illusão!... Lá se levanta.

(Levantou-se Adriana, e veiu lentamente descendo o theatro)

ADR. Onde estou eu? foi sonho! esvaeceu-se,
qual o amor.

MICH. Adriana!

ADR. Velando-me estiveste; oh! dize, amigo,
veiu alguem procurar-me?

MICH. *(entristecido)* Inda esperanças!

ADR. Esperar eu?! eu d'elle! eu d'um perjuro!
eu, de quem preferia
a mim, que só o hei salvo, a que o trahia!!?
(com vehemencia)
Não! não o amo.

MICH. *(com alegria)* Ó jubilo!

ADR. *(como acima)* Desprezo-o
quanto o adorei.

MICH. Tua rival me assusta;
feriste-la, e de morte.

ADR. Oh! sim! de morte!
o aspecto soberbão, com que transporte
o não mostrei! sentia
que a estava a apunhalar; que me vingava;
e em tão justas sevicias,
o coração nadava-me em delicias.

(Apparece subito á porta um creado sem libré; Michonnet recebe-lhe das mãos uma caixinha com um escripto em cima em que se diz que é para Adriana Lecouvreur; parte o creado.)

ADR. D'onde vem?

MICH. *(lendo)* Vem do conde Mauricio
de Saxonia.

ADR. *(pondo-se em pé de repente)* Céu! dá-me.

MICH. E não amas!!...

(Adriana quer abrir a caixa, mas de commovida não póde)

ADR. Treme a mão; fria estou; que supplicio!
não me atrevo!...

MICH. Abro eu, se o reclamas.

ADR. Deixa; vae-te! *(com impaciencia)*
(Abre a caixa, olha para dentro, e solta um grito)
Ah! cruel!

MICH. Que te manda?

ADR. Morte infanda!

MICH. São flores, bem vês.

ADR. Ai! cravou-me o punhal d'esta vez. *(Grande pausa)*
(Para Michonnet) Só me deixa.

MICH. N'esse estado?

ADR. Vae-te.

MICH. Ó Deus! valor lhe influe!
(Sae Michonnet)

SCENA II

*(**Adriana** só. Lança-se para cima de uma cadeira, toma as flores, contempla as, e-as beija. Fica absorta em pensamentos maguados, repetindo as palavras do acto I.)*

«Flores são que amor te ha dado;
«findo o amor, m'as restitue.»
Era assim que eu lhe dizia,
quando amor me promettia.
Inda foram seus amores
mais ephemeros que as flores.
(Pausa)
Lindas nuncias de desejos
que a beijar-vos segredei,
fostes mais que flores: beijos
que eu lhe enviava, e que lhe eu dei.
Vence a amor a iniqua sorte;
repulsou-vos o cruel:

nuncias pois da minha morte,
vinde! vinde! eu sou fiel.

(Beija-as muitas vezes com arrebatamento, depois atira-as ao lume)

SCENA ULTIMA

Michonnet, Mauricio, e Adriana

MICH. *(de dentro)* Não entraes!
MAUR. Inutil fôra!
ADR. A voz d'elle... *(animando-se)*
(Mauricio entra a pezar de Michonnet, que intenta deter-lhe os passos)
MAUR. *(lançando-se aos braços de Adriana)*
Adriana!
ADR. Arminio!
que fiz eu? *(afastando-se como arrependida)*
MAUR. Já te possuo!
ADR. Vae-te! foge! enganador!
MAUR. Rogo humilde ás tuas plantas
o perdão de offensas tantas.
Já rival não tens; deixei-a;
essa indigna, amaldiçoei-a.
Accusou-me por vingar-se;
confessou-m'o sem disfarce.
Mão porém de ignoto amigo
me soltou.
MICH. O arcano eu digo:
quem vos deu a liberdade,
foi este anjo; e que se enfade!
foi este anjo terreal;
e por paga, uma rival...
ADR. Cala...
MICH. Oh! não! calar não sei.

MAUR. Quanto amor cabe em meu peito,
todo em ti o empregarei.

ADR. *(em assomo de alegria)*
Céus! amada! amada! amada!
acabou-se o meu martyrio;
coroada estou no Empyreo:
já é meu, já sua eu sou.
Resurgiu-me d'entre as cinzas
esta voz enamorada!
Sim! amada! amada! amada!
não é sonho; a ouvir-lh'o estou.
(Adriana vacilla, leva as mãos á testa, e se perturba)

MAUR. Tu vacillas?

MICH. Tu desmaias?

ADR. É do jubilo; é transporte;
a alegria não dá morte.
Mas as flores a que vem?

MAUR. Quaes?

ADR. As minhas; comprehendo;
nuncias são de amor tambem!

MAUR. Que diz ella!

ADR. Sinto o peito
vaso estreito a tanto bem.

MAUR. D'essas flores fui roubado. *(vacillando)*

MICH. Mas enviastes-lh'as; não?

MAUR. Não.
Mostra-as! *(com anciedade)*

ADR. *(apontando para o lume)*
Esse as ha tragado.

MICH. Que de enigmas aqui vão!

ADR. *(com um grito de dor)*
Ai!

MAUR. Convulsa!!

ADR. *(começando a delirar)* Ar! não se aspira... *(affrontada)*
Vós quem sois? que céus tão tristes!
quem devo eu salvar?

MAUR. Delira.

ADR. *(como acima)* Nós rivaes? fazeis-lhe insulto!
sois-lhe amante, e eu sou-lhe amada.

MAUR. Dei-te amor, sagro-te culto;
meu perdão fez-te adorada.

MICH. O perdão? ai, conde, é tarde!
só de Deus perdão se aguarde:
vêde-a... expira!... *(com um soluço)*

MAUR. *(desesperadamente)* Não! soccorro!

ADR. Morro!... vivo!... a tua eu sou!!!

(fita os olhos no espaço e delira)

Vê que apinhado publico!
escuta-o! que impaciencia!
do estro o fogo magico
me infunde ignota essencia.
Sou Phedra! Phedra, a misera,
que venho amor penar.
Farei por mãos innumeras
o applauso trovejar.
Olha ao pé d'elle a adultera
rival! que orgulho fero!
Cravar-lhe eterno opprobrio
na indigna fronte eu quero:
n'aquella fronte pallida
que ignora o que é pudor.
Phedra! confunde-a! mata-m'a
de opprobrio e de terror.

(Adriana succumbe, e cae sobre uma cadeira)

MAUR. Cara Adriana! escuta-me!
vê-me a teus pés! sou eu!

MICH. Adriana!

ADR. Aqui, no intimo,
vae fogo! Arminio é meu.

MAUR. Teu para sempre.

MICH. É tarde!

MAUR. Não me conheces? olha-me!
tornas-me, ó céus! covarde.

ADR. *(abraça-se com Mauricio; depois vendo Michonnet, que tambem chora, estende-lhe affectuosamente a mão, e diz:)*
Morro entre amante e amigo:
bemdigo o fado meu.
(Para Michonnet) Amigo!
(Para Mauricio) Arminio! amaes-me?
és inda meu?

MAUR. Sómente.

ADR. Posso morrer contente!
até aos céus! *(Expira)*

MICH. *(afogado em lagrimas)* Morreu.

FIM

LETREIRO

POSTO POR BAIXO DE UM RETRATO

DE

Mme FORTUNATA TEDESCO

PRIMA-DONA DO REAL THEATRO DE S. CARLOS DE LISBOA

Assim a admirarás, posteridade,
e já dos louros posthumos cingida;
mas nós, ouvindo-a, e no esplendor da vida,
entrevemos na gloria uma deidade.

Á CANTORA ERSILIA AGOSTINI

EXECUTANDO O PAPEL

DE

JULIETA

NA

OPERA I CAPULETI E MONTECHI

NO

REAL THEATRO DE S. CARLOS DE LISBOA

A 18 DE ABRIL DE 1853

NOITE DO SEU BENEFICIO

SONETO

De Romeu e Julieta ao memorando fado,
no amor e no infortunio exemplos sobrehumanos,
devia-se um cantor gigante e coroado;
foi Shakespeare, o rei dos tragicos britannos.

Para roubar-lhe á lyra o cantico inspirado,
seu fogo, sua dor, seus intimos arcanos,
foi preciso um Romani, um genio aviventado
de todo o immenso ardor dos céus italianos.

Eis duplice trophéu, de glorias opulento!
Acresce, por que excelso esplenda a toda a parte,
a Romani, um Bellini; ao portento, um portento.

Mas eis portento novo, ó natureza! ó arte!
para c'rôa a Bellini, e c'rôa ao monumento,
reune Ersilia os dons, que o céu por mil reparte.

Á PRIMA-DONA

MARGARIDA BERNARDI

NO SEU BENEFICIO

NO

REAL THEATRO DE S. CARLOS DE LISBOA

EM 8 DE ABRIL DE 1858

— « Feliz » — exclama Sapho ao som da aonia lyra,
lá sob os céus da Grecia, entre os myrtaes em flor:
Sapho, a sacerdotisa e victima do amor;
Sapho, que ante a belleza extatica delira:

« Feliz, mais que feliz, igual aos immortaes,
« quem defronte de ti se pasce na ventura
« de ouvir-te a maga voz, de ver-te a formosura,
« de espreitar-te um sorrir nos labios virginaes!

« Que insolito alvoroto invade os meus sentidos!
« suo; tremo; ardo; gélo; esmaio; vou morrer:
« foi-se a voz; perco a luz; já nada posso ver,
« nada ouvir; o que ouvi só enche estes ouvidos. » —

Resurge, Sapho! oh! sae do equoreo mausoléu,
que os fogos te abysmou, e brotára Acidalia!
de teu grego portento hoje triumpha Italia.
Vem ver Bernardi, vem, accorre ao luso céu!

vem cingida, ó gentil, de rosas e cypreste;
de Corinna, ao passar, furta á campa um laurel.
Sombra immortal, do bello ao culto inda fiel,
entra onde um povo adora assombro tão celeste;

lança-lhe o louro aos pés sobre as grinaldas mil
de que lhe forma throno acceso enthusiasmo;
olha-a fita; ouve-a attenta; unirás pasmo a pasmo;
e outra vez morrerás por nume tão gentil.

DESPEDIDA

CANTADA

PELA

PRIMA-DONA MARGARIDA BERNARDI

AO

PUBLICO LISBONENSE NO REAL THEATRO DE S. CARLOS

EM 27 DE MAIO DE 1858

MUSICA DE SANTOS PINTO

Hora solemne é esta! hora de luto
na existencia da artista! Eu, que sem pena
troquei de Italia os céus por céus de Lysia,
e aqui, por vós, já tinha
segunda Italia, e nova patria minha;
hoje, avesinha errante,
caprichoso tufão me arranca e leva!
cantava tão ditosa ao Tejo amante!...
e ora vou suspirar-me ao frio Neva!
Meu derradeiro canto,
se m'o permitte o pranto,
dou-vo-lo como cysne á despedida.
Amaveis Portuguezes,
com vãs ficções vos commovi mil vezes;
mas dor, hoje real, me ennoita a vida.
Portuguez coração qual me aqui pulsa,
qual tu m'o has feito, ó inclita cidade,
é só n'este poetico idioma,

doce como o de Roma,
que devia expressar sua anciedade.

Mas o affecto embalde anhela,
se atormenta, se desvela;
vossa lingua opíma e bella,
não, não tem com que o pintar.

Oh! engano-me! Só n'ella,
n'ella só, se diz *saudade;*
flor de amarga suavidade,
que hei de eterna conservar.

DESPEDIDA AO PUBLICO LISBONENSE

CANTADA

POR

PIETRO NERI-BARALDI

NO

REAL THEATRO DE S. CARLOS

NA NOITE DE 19 DE MARÇO DE 1859

MUSICA DE SANTOS PINTO

Pela ultima vez, congresso amigo,
ouso vir ante vós. Meu fado errante
de novo me arremessa a longes plagas.
N'este amargoso instante,
em que já todo o peito
as futuras saudades me consomem,
despareceu o artista, existe o homem.

Mal presume que o homem no artista
entranhado, immutavel, exista,
quem seu falso destino invejar!

Chega, e foge; sem patria, sem lares,
dá prazeres, devora pezares;
canta ás vezes co'a alma a chorar.

Da minha bella Italia eu sequestrado,
bella sim, minha não: (misera Italia!

como hão de os filhos teus chamar-te sua!)
sequestrado da Italia,
gosá-la aqui suppunha: eram seus ares,
em que as plantas de amor florescem livres;
seu mar, em que se espelha o céu mais puro;
quasi o mesmo fallar, sonoro, ameno;
á musica, á poesia, ao bello, ao nobre,
o mesmo acceso culto; iguaes extremos
na divina amisade;
e de mais, o que é tudo, a liberdade.

Que de bens, a que esta hora
me vem barbara pôr termo!
N'um edên sonhei té agora,
vou n'um ermo despertar.

De taes bens sómente levo
a amisade em nós tão fida;
gloria e dor, que ao fim da vida
me ha de inteira acompanhar.

DESPEDIDA

Posta com o retrato do Auctor

NO ALBUM

DA

PRIMA-DONA DO REAL THEATRO DE S. CARLOS DE LISBOA

Mme MARIETTA GAZZANIGA MALASPINA

EM 23 DE MARÇO DE 1861

E vaes partir! E partirás contente
d'onde tinhas um throno e adoradores!
E nunca mais a Italia do Occidente,
poderá pôr-te aos pés as suas flores!

Porque vieste a nós, mulher deidade,
duplice musa da tragedia e canto,
se, fascinados de teu mago encanto,
nos votavas tão cedo á soledade?

Mas ausenta-te embora; um vão queixume
não te agoure o alvoroço da partida!
O mar, de Venus berço, a tem por nume:
ridente mar te leve adormecida!

D'auras de Lysia o suspiroso bafo,
rescendente aos myrtaes, ao louro, ás rosas
por sobre ondas gentis harmoniosas
cedo te volva á patria, Ausonia Sapho!

Pae, mãe, irmãs, um filho, já seus braços
te alongam cubiçosos de apertar-te;
nem a gloria no céu de taes abraços
te póde já lembrar! oh! parte! parte!

Que hora d'oiro te espera! A Italia bella,
que deixáras escrava, ácha-la erguida;
fez dos grilhões espada; o sol da vida
entre filhos heroes reluz sobre ella.

Não mais cantes ficções na eterna lyra,
prole da Ausonia; os seus prodigios canta;
teu filho será livre; o amor te inspira;
a novos céus de gloria te levanta!

Cresce orgulhosa; crescerá teu filho,
maior que seus avós, á patria grato;
mostra-lhe então no meu fiel retrato
quem vos cantou no Tejo: o teu Castilho.

FELICITAÇÃO

DA

COMPANHIA LYRICA ITALIANA

DO

REAL THEATRO DE S. CARLOS DE LISBOA

AO

COMPOSITOR PORTUGUEZ MIGONE

PELA SUA OPERA

SAN-PIERO

SONETO

Bem que do orbe o sceptro inda é romano,
e arte e amor lh'o sustenta em nossos dias,
côro Ausonio cultor das harmonias,
laureis te enastra, ó genio lusitano.

Se ao leve gallo, ao boreal germano
exaltâmos as patrias melodias;
tu, que na Italia occidental as crias,
és caro em dobro ao genio italiano.

Se ha peito onde teu canto hoje não vibre,
diga: «sou gelo» e se o não louva: «invejo.»
Sobre nós tua gloria as azas libre.

Vae! triumpha! applaudimos-te sem pejo!
sob aguias foi contrario ao Tejo o Tibre;
são irmãos sob o cysne o Tibre e o Tejo.

OS PORTEIROS

DO

REAL THEATRO DE S. CARLOS DE LISBOA

AOS

FREQUENTADORES DAS PLATEAS

PELA FESTA DO NATAL DE 1860

Nós, os miseros porteiros
d'este theatro real,
de damas e cavalheiros
assembléa festival,
somos como as mahometanas,
que, segundo o alcorão diz,
sem entrar nos céus espreitam
seus maridos co'as huris.
Sempre ás portas, mas exclusos,
n'estas noites glaciaes,
emquanto folgaes lá dentro,
scismâmos cá fóra aos ais.
Vós a applaudir as cantoras
e da arte as maravilhas!
nós a pensar nas tristezas
da mãe, da mulher, das filhas!
Entraes e sais contentes,
(Deus vos mantenha as venturas),

e encontraes-nos sempre immoveis,
solitarios, ás escuras.
Mas pois nasce esse Menino
que a toda a terra allumia,
a nós, que estamos por portas,
dae um raio de alegria.

MONOLOGO

PARA SER RECITADO

PELA

ACTRIZ EMILIA DAS NEVES E SOUSA

N'UMA PROJECTADA FESTA THEATRAL

EM BENEFICIO

DA

ASSOCIAÇÃO PROMOTORA DA EDUCAÇÃO POPULAR

Havia muito que a insigne artista curtia profundas saudades exclusa do seu querido Theatro Normal. Imaginára-se com esta reapparição restitui-la á sua carreira de triumphos; foi mais uma esperança frustrada.

Os versos que ella já tinha decorado para aquella santa festa de caridade, vão aqui textualmente reproduzidos da sua biographia na *Revista Contemporanea* do mez de agosto de 1860.

O theatro é do mundo espelho immenso e vago.
Quando o illumina o genio, assim como n'um lago
se miram sob o sol o bosque, o monte, o céu,
o real no ideal se funde; o tenue véu
da esplendida ficção realça a realidade.
Cada um se entrevê no quadro humanidade;
e onde só procurou prazer ou commoção,
colhe entre choro ou riso a próvida lição.

Salve, ó theatro! salve! Eu te amo! eu te contemplo
tão escola do *bom,* como do *bello* és templo.
Oh! se te amo, theatro! Oh! se me ufano em ti!
Quasi ao saír do berço, hóra que a todos ri,
e em que a virtudes mil todas suppre a innocencia;
a filha da ignorancia, a mãe da imprevidencia;
pobre virgem, alegre e santa, como vós,
como todas o hão sido aos annos onze... atroz,
atroz destino encontro em frente á florea estrada!
(Quem previra, oh! meu Deus, tão barbara cilada!)
Luto sem conhece-lo; o seu poder fatal
me prostra, me arrebata. A nudez glacial,
o desamparo, a fome (a fome, oh! padeci-a!)
fizeram noite horrenda a aurora do meu dia.

No fundo de um abysmo ia afogar-me... Então
um anjo de conforto eis que me estende a mão,
arranca-me do pégo, e n'alma espavorida
me repõe fé, virtude, esforço, amor da vida.

¿Que asylo recolheu a naufraga feliz?
¿Um piedoso mosteiro? ¿uns paços senhoris?
o theatro; a mansão profana e desprezada,
onde as artes irmãs convivem, d'onde brada
lições ao povo a historia, e exemplos a moral,
mas que, util, inflorada, alegre, triumphal,
sob o anathema jaz das eras de barbária,
que a mulher torna almeia, e torna o homem pária!

Aceitei o refugio; o opprobrio honroso; o pão;
o trabalho que salva. E disse ao coração:
—«Sê bom, qual Deus te ha feito;»—e á minh'alma:—«Descobre
«que o vil foi teu destino; e tua essencia é nobre.
«O amor de um povo inteiro é grande; põe o ardor
«das tuas ambições em merecer-lhe o amor;
«(talvez o alcançarás); immola-lhe no estudo

«noites, dias, prazer, annos florídos, tudo;
«neophita da arte, agora o teu dever
«é n'ella, para ella, e d'ella só viver.» —

E o que me impuz, cumpri-o. A vós, sensiveis almas,
prouve a dedicação: cobristes-me de palmas;
animastes-me o esforço; e do esforço, talvez,
algum talento emfim, graças a vós, se fez;
proclamastes-me actriz; ousei sonhar a gloria;
ordenei-me ganha-la. Esperança illusoria!:
de grau em grau subida, ao tempo de avultar
ministra da arte, ó Genio, em teu sublime altar,
o céu azul troveja... assombro-me do raio...
leva-me um turbilhão... fóra do templo cáio...
Pasmo! e vejo (oh! terror!) fechados seus portões.

Chorei! sacerdotisa exclusa das funcções,
fóra do antigo asylo, oppressa da saudade,
co'a gloria murcha em flor, e a muda obscuridade
a ameaçar-me o porvir... chorei; parti... Calae;
a ninguem accuseis; aos fados o imputae.
Em toda a parte, e sempre, aos genios abrasados
no enthusiasmo do bello, hão sido hostis os fados.

Tantos annos de exilio em meu torrão natal
inda me não tem gasto o amor, o amor fatal
que ao theatro me attrahe, que os ocios me envenena,
e só me dá viver, folgar, florir, na scena;
na scena, lares meus; meu vergel; meu abril:
na scena onde as paixões dão extasi febril,
o ser se multiplica, a alma cresce, e os delirios
nos fazem disfructar a gloria entre os martyrios!

Oh! se te amo, theatro! oh! se te devo amor!
quanto sou, foi teu dom, meu bello salvador,
theatro, capitolio, escola, asylo, mundo!

Se vêlo, penso em ti; se durmo, o somno fundo
ás penas da saudade os gosos substitue:
então, qual foste, és meu; eu, tua sou, qual fui;
sonho ver apinhada a luminosa sala
vibrar aos gestos meus, tremer á minha falla!
e, como outr'ora, então, logo ali, tambem eu
aos seus brados vibrar, tremer no applauso seu!

Do sonhado triumpho em que morrer devia,
acordo... e recomeço as saudades do dia.
Da aurora á noite assim, do escuro ao sol que sáe,
inutil, semi-morta, a vida se me esvae.

Por isso, quando escuto a voz da humanidade
invocar no infortunio a meiga caridade,
corro; acudo voando ao theatral festim;
(do que eu propria soffri, se fez piedade em mim);
e assim como Isabel trocava em frescas rosas
no regaço bemdito esmolas preciosas,
ajudada por vós, peitos sensiveis, bons,
as flores da poesia as troco em aureos dons;
aureos dons, a que o céu bençãos dará; que digo!:
vós sois os que esmolaes, eu, sou a que mendigo;
eu, da infancia que implora, eu, sou a humilde voz;
mas a mão do Senhor, que se abre e dá... sois vós.

Por cidades, e campo, outr'ora, ao perto, ao longe,
envolto em seu burel, encanecido monge,
co'o pardo saco ao hombro, as sandalias nos pés,
nas mãos bordão nodoso, ao sol crestada a tez,
impassivel á injuria, ao sol, ao vento, ás chuvas,
pedia, estranho á terra, os seitis das viuvas,
do colono a paveia, e do pobre os reaes;
depois, abria o saco, e mosteiros reaes
lhe pulavam de dentro, aos seculos assombro.

Hoje, em vez do ermitão, pés nus e saco ao hombro,
actor que já no drama o seu papel perfez,
disse o Auctor á mulher: — «Agora, a vossa vez,
«sexo amor, sexo mãe: dae novo curso á esmola:
«o convento caíu; que se alevante a escola.» —

Finda a estação gelada, a bosque e monte nus,
progresso eterno o sol faz de calor e luz
verduras, esperança, aromas, graças, flores,
musicas mil no ar, nos peitos mil amores;
e nos ninhos á sombra, e no floreo matiz,
e nos chãos de esmeralda, em tudo já prediz
que vem lá o verão; que d'esses mudos ovos
vão pullular, fugir, sem conto, alados povos;
que é messe de oiro a relva; um pomo cada flor;
cada fragrancia um favo! Hosana ao Creador!
ao Progressista Summo! ao Prodigioso Eterno!
que no mundo moral, como no mundo externo,
ao pensamento e ao sol impoz a mesma lei:
— «*Ávante! ávante sempre! em fogo, em luz crescei;*
«*solvá-se o rude inverno em rica primavera;*
«*para o bem, para mim, se avance de era em era!*» —

E cada interior, cada vez mais a abrir
á fé, dos céus reflexo, e aurora do porvir,
de suave piedade a mais e mais se inunda,
aroma que o embalsamá, e pollen que o fecunda!

Parabens, sexo meu, mil parabens nos dou!
hoje, de ser mulher ufana, ufana estou!

Para os homens, o foro, a industria, o parlamento,
a força, a espada, a gloria, o estrondo, o movimento;
a escola é nossa; é nosso o quinhão que mais val;
a escola é da mulher, desde que é maternal,
desde que chama, attrahe, com provido carinho,

desde que, em vez de jaula horrenda, é claro ninho,
fofo, tepido, floreo, abundante de grãos
pingues, doces ao gosto, appetitosos, sãos.
A escola, ha pouco inferno, inferno de innocentes.
sim hoje é céu, e é nossa. Os fados recrescentes
da humanidade em marcha á conquista da luz,
cedo confirmarão ao sexo nosso o jus
de ser mãe té ao fim, de ultimar com deleite
a amamentação d'alma aos que nutriu co'o leite!

Oh! se a tivesseis visto, a escola, como eu vi,
a escola que ora nasce, a escola que ama e ri,
a escola claridade e cantos, como a aurora!
damas que me escutaes, se a visseis, se algum'hora,
attrahidas ali pelo echo do prazer,
dos fructos pelo aroma, a chegardes a ver:
tanta attenção na infancia encher-vos-ha de pasmo,
de enlevo o seu progresso; o amor de enthusiasmo!
e exclamareis, como eu, a chorar e a sorrir:
— «Salve, ó berço, em que dorme a gloria do porvir!»
E todas, todas vós, como outras tantas fadas,
lhe fadareis que medre; e as Horas mais doiradas,
com azas de alvo azul, o olhar jorrando luz,
doceis á benção vossa acudirão a flux;
e todas, todas vós, direis a todas ellas:
— «Tomae, tomae nosso oiro, ó fugitivas bellas;
«horas, mães do progresso, horas, que ao globo iguaes,
«de occaso a oriente, e sempre, e sem cansar, voaes;
«ajuntae ao nosso oiro os nossos diamantes,
«resplendores sem fogo em seios palpitantes;
«e d'esta pedraria, e d'estes vãos metaes,
«superfluos á belleza, e tanta vez fataes,
«de tudo isto, e de nós, que somos á innocencia
«o calor da vontade, a luz da intelligencia,
«da arvore da vida a raiz, seiba e flor,
«compondè para a terra um novo Edên de amor!» —

E as Horas apressando o vôo alvoroçadas,
fieis á intimação de tão possantes fadas,
correrão a cortina á scena do porvir!
Deus do alto a contempla entre Anjos a applaudir.

Oh! do divino drama acto novo e sublime!
Surge electrico sol! O Error, o Vicio, o Crime,
sombras da noite d'alma, e a Inercia odiosa e vã
vão fugindo ao crescer da esplendida manhã!

A mulher toma ao collo a nova humanidade,
duas vezes lhe é mãe; mais que mãe: divindade;
co'o seu halito amante apressa-lhe a rasão,
dá-lhe o instincto do justo, e do nobre a ambição;
a todos o dever como o direito é sacro;
brilha nume o que fôra apenas simulacro:
a liberdade; o povo adora as proprias leis;
os reis são cidadãos; os cidadãos são reis;
em todos resplandece a dignidade humana;
equilibrio feliz eleva, esforça, irmana!
Todos estão em tudo, e tudo em cada um;
communs o bem e o mal, como a vida é commum;
a sciencia geral, geraes as artes bellas,
vivificante o ar que expira d'ella e d'ellas!

Mas ah!... previ? sonhei?... a idade de oiro, ó Deus,
ter-no-la-has tu guardado entre os arcanos teus?!
Delirio; os céus, são céus, e o nosso mundo é mundo.
Sim; mas o bem, de bens cada vez mais fecundo,
em sua evolução cresceu de avós a paes,
de paes a filhos cresce, e ha de ir perenne a mais.

Progresso creador, tal crença em ti é nova;
creaste-la tu mesmo; e ella o teu ser comprova.
Fé santa! fé sublime! inspiradora fé!
pintas o que ha de ser co'a viveza do que é;

estendes no ideal os terminos do certo:
das distancias os graus destroes: é tudo perto;
mais que perto: é presente; abraça-se; é vivaz;
gosa-se; a alma cresceu; crê em si, ousa, faz;
consegue tudo. A fé, que transportava os montes,
cria mundos no mundo ampliando os horisontes.
Por ti, ante o querer tudo possivel é!
fé santa: fé sublime, inspiradora fé!

Mal haja a mente escura, o coração covarde,
que te repulsa a luz, que aos raios teus não arde,
e frio, escuro, immoto, á corrente se oppõe,
que de espumas o cospe, e férvida o transpõe!
Fique-se; encrave os pés no abysmo eternamente.
Nós ondas verde-azues sigamos na corrente
lá para as regiões d'onde um vago arrebol
augura a terra e céu mais Deus em maior sol!
Rolemos murmurando o hymno sem fim de amores;
de cima o sopro vem que nos roja entre flores;
rolemos; do Supremo a providente mão
foi que abriu nosso leito, alveo sondado em vão,
mysterioso, ascendente, errante na apparencia,
mas sempre a progredir; rolemos! ¿Resistencia
quem poderia oppo-la ao impeto caudal?

¿Mas sabeis vós qual seja o grupo sideral
que n'esta hora do mundo attrahe esta corrente,
a marcheta de luz suave e refulgente?
Essa constellação, feliz, terna, gentil,
mulheres, soi-la vós. O horoscopo infantil
que em puericia ditosa adita a adolescencia,
dobra ao adulto a força, ás cãs dobra a sciencia,
(que outrem podéra sê-lo?) ó damas, vós o sois.

Sexo meu, parabens! gloria a vós! marchae pois!
¿Sois vós menos que o monge? elle ante a humanidade

teve um prestigio: a fé; vós tende a caridade;
caridade é o amor em fórma feminil.

¿Quem resistiu jamais á supplica infantil
de creanças sem lar, sem pae, sem pão, sem veste,
que, alta noite de inverno, á chuva, ao vento agreste,
descalças, Deus na voz, e lá dentro nem Deus,
apegadas á mãe, seguem co'os choros seus
o peão distrahido, o coche luminoso,
que vão da op'ra á ceia, ou do amor ao repouso?
Não ha tão ferreo peito, onde uns echos sequer
não vibre aquella angustia! e seio de mulher...
nenhum, juro, nenhum, que em dó se não desfaça.

Mas taes scenas do drama infindo da desgraça
não são o drama todo: as creanças sem pão,
que entrevedes e ouvis prantear na escuridão,
vagam de longe a longe, expressam co'o lamento
só a dor que lhes traz cada aspero momento:
a dor physica, o frio, a fome! Inda ha peior;
o mal que se não vê, nem se queixa, é maior.

A escuridão da mente a quem faltou cultura
mata em germen a vida. Em vão á creatura
se pergunta depois: — «Onde é teu Creador?!
«És sua imagem, tu?! tu, alma sem fulgor?!
«peito sem coração?! movimento sem alvo?!
«verme de instinctos vis?! A luz te houvera salvo...
«perdeste-te; e se o mundo avaro te esqueceu,
«pereces bem vingado: o mundo te perdeu.» —

Mulheres, eia! ávante!, anjos da santa esmola,
vosso foi sempre o berço, e é berço augusto a escola.

MORETO

TRADUCÇÃO DE UM POEMA ATTRIBUIDO A VIRGILIO

OFFERECIDA

AO

EX.MO CONSELHEIRO ANTONIO JOSÉ D'AVILA

Appeteceis conhecer o que era o *moretum?* Era um conducto rusticissimo dos antigos romanos; só por isso é que ritualmente o apresentavam nos banquetes de Cibelle na capital do mundo, e nos dias do seu maximo esplendor; temos á mão com que vos satisfazer a curiosidade; desafiar-vos o appetite, não diremos. Era o *moretum* confeição para nós hoje em dia antipathica em tanto auge, que nos obriga a exclamar, como Horacio contra o alho: *Ó brutos estomagos dos lavradores.* E *alhada* seria de feito a mais acertada traducção de *moretum; agliata* lhe chamam os italianos.

¿Porque será que tendo sobrevivido aos regalões romanos tão diminutas noticias da sua arte culinaria, e da sua conservaria, não despicienda apesar da falta do assucar, se nos conservou inteira, completa e mais que minuciosa a receita de uma comida tão villã? Aos banquetes opiparos dos salios, porta fechada; para um almoço de *moretum* na choça de um hortelão da antiga Napoles, entrada franca.

Não só havemos de comer em espirito o *moretum,* unico

modo por que nos parece tragavel, mas até havemos de assistir á apanha dos seus ingredientes, e á sua circumstanciada manipulação.

Ás ceias pontificaes só assistiriam voluptuarios, a quem pouco se dava da cozinha e seus arcanos, uma vez que as iguarias chegassem aos triclinios merecedoras de que as precedessem flautistas, e as acompanhassem como em triumpho mimos e psaltrias; mas pelo casalejo de Similo passou um poeta; namorou-o a amenidade da horta, que, no seu tanto, nem jardins de Alcinoo lhe davam de rosto; entrou (viria de Roma, ou iria para Roma); tudo que o interior do tugurio lhe descobriu do viver laborioso e simples de um solitario contente e feliz com tão pouco, o induziu a reflectir com amor, se lhe não suscitou boas invejas. N'essa hora, comparando caladamente os faustos e os estrondos da capital do mundo com a profunda paz de tal vivenda, onde por sentinella bastava o gallo, para muralhas um canaveal, e por escravaria um par de novilhos e uma preta, temperou por força a sua poesia com uma philosophia sempre velha, mas para elle então como que nova: a philosophia, que em estylo aphorismatico de sabios da Grecia ensina a contentar com pouco, e a sonegar a existencia aos olhados da inveja e aos vaivens da fortuna.

¿Como se chamava esse poeta? ninguem hoje o sabe ao certo para o affirmar; crêem uns que fosse Aulo Septimio Sereno, contemporaneo de Vespasiano, nado na Africa romana, e creado em Roma; auctor de poemetos campestres, *Opuscula Ruralia,* de que só duram fragmentos; outros suppõem que ao grego Parthenio, ou mestre ou amigo de Virgilio, pertenceu originariamente esta exercitação, trasladada a poesia latina pelo alumno; outros têem que fosse o auctor Virgilio mesmo.

Os eruditos que o disputem se lhes dá cobiça; o que eu sei é que este poema, se bem conheço o meu amigo Virgilio, é todo conforme aos gostos nativos do Theocrito, Hesiodo e Homero romano.

Não me alleguem por argumento em contrario o não haver n'estes versos, nem a altiloquia heroica, nem o didactico so-

brio e ornamentado, nem o pastoril, delicado, engenhoso, mas simples. Cada genero litterario tem lá suas leis peculiares.

Descriptas servare vices operumque colores.

Virgilio, pelo seu optimo senso, bem o sabia e optimamente o manifestava, em tudo que saía do seu calamo para o papiro, ou do seu estylo para as tabellas. As suas tres grandes obras, cada uma prima e primorosa na especie a que pertence, só n'isso se irmanam umas com as outras; no demais seria difficil compara-las; o que se póde dizer considerando-as é que tiveram o mesmo pae, e que o pae era um formoso genio; as feições, as maneiras, os gostos e os primores d'aquellas tres irmãs, tão diversamente dotadas e educadas, tanto se extremam entre si, que Bucolica, Georgica, Eneida, são tres individuos poeticos tão impossiveis de confundir como os assumptos em que se exercem: o ocio dos pegureiros, a actividade dos lavradores, as proezas dos heroes.

São como as tres graças que todas ressumbram no rosto, nos ademanes, na suavidade, a sua origem celeste, mas que certamente haviam de ter indoles, dominios e influxos demarcados e privativos.

Se considerarmos o *moretum* só pelo vulto, de longe e de passagem, parecer-nos-ha pouco mais que uma receita em verso, escripta, segundo a suspeita de um nosso amigo muito douto, por alguma cozinheira curiosa e letrada d'aquelles tempos. Mas, se mais attentos o espreitarmos bem por dentro, enxerga-lo-hemos recheado de pequenas bellezas a fugir, que não deixam de ter o seu *quid* Virgiliano. Está-nos lembrando aquelle cepo de quasi informe esculptura que symbolisava as Graças; adoravam-no os gregos; não pela exterioridade, senão porque, logo que se abria, se descortinava enxameado de um sem conto de graçasinhas, qual a qual mais linda e primorosa. É lê-lo reflexivamente. ¿Com que industria não vão ali semeados com um descriptivo de cousas triviaes, minucioso em verdade, mas intencionalmente minucioso e de não leve merito

por parte da exacção, da clareza e do seu remoto de dois mil annos; com que industria, repetimos, não vão ali semeados toques de moral, de philosophia, de saudade e de amor á natureza, quaes ao mantuano caiam sempre sem se sentir?!

Nos campos de Andes, aldeola convizinha a Mantua, nascêra e se creára Virgilio. Se a ventura, sob o aspecto de desgraça, o conduziu depois á capital do mundo; se o seu genio lhe franqueou os palacios de Mecenas e de Cesar; se ahi conviveu com os primeiros homens do grande seculo; se os seus versos eram admirados na côrte e applaudidos nos theatros; se o povo parava para o ver nas ruas, e nas reuniões festivas dos espectaculos saudava o seu apparecimento como de principe; se a munificencia imperial lhe liberalisou com que haver vivenda luxuosa no ostentoso bairro das Esquilias, contigua aos jardins de Mecenas, nunca, jura-lo-iamos, em meio de tão levantadas magnificencias, se lhe desluziram do espirito affectuoso as memorias d'aquellas amenissimas pobrezas de sua creação; a *Eneida* mesma no-lo manifesta a cada passo. ¿Que versos ha ahi n'esse opulento inventario das grandiosidades romanas, chamado Eneida, que nós releâmos com mais satisfação e com mais satisfação podessem ter sido escriptos pelo auctor, que os relativos ao viver semi-silvestre de El-Rei Evandro? Como tudo aquillo é campesino! como se está bem n'aquelles paços-choupana, entre arvores incultas sem guardas pretorianas; nem outras alvoradas senão as dos passarinhos! ¿E onde nos põe elle todas essas nativas simplezas, tão descansadas, tão sonoras e tão fragrantes? no proprio torrão onde as está celebrando 1300 annos depois, quando os bosques e os pastios são ruas, foros, templos, theatros, banhos e palacios!

Estas contraposições da opulencia contemporanea com os primordios selvaticos, namoravam a todos os poetas do seculo cesario; é abrir Ovidio ao acaso nos *Fastos*.

Mas o contraste só por si não continha toda a rasão de se elles voltarem tão complacentes e amiude para essas reminiscencias de outras eras. Das suas memorias biographicas se deprehende quanto o ocio amenissimo dos campos, poesia já feita

pela propria natureza, os seduzia e os inspirava. Ovidio rusticava de muito boa mente, por elle mesmo o sabemos; ¿poderia Virgilio deixar de o fazer?

Diz Juvenal que Virgilio, se não houvera sido rico e disfructado as commodidades da vida, não teria saído tamanho poeta. O nosso Garção diz o contrario a proposito de Camões:

> «Não escreve *Lusiadas* quem janta
> em toalhas de Flandres, quem estuda
> em camarins forrados de damasco.»

Nem um nem outro tem rasão, parecendo ambos tê-la; o que é certo é que se Virgilio enriqueceu, e poetava a sua *Eneida* em casarias suas muito nobres, no bairro das Esquilias, com boa livraria, paineis e servos, e provavelmente carruagem e cadeirinha, as *Eglogas*, a *Georgica*, e muitos outros dos seus poemetos engeitados, e muitas descripções e comparações das mais famosas, profusamente semeadas na mesma *Eneida*, trouxeram origem dos primeiros annos da sua vida, dos tempos em que era pobre, morava na aldeia, e vivia familiarmente com a natureza campestre. As hortas dos *Similos* muitas vezes lhe haviam de lembrar em casa de Mecenas e no palacio do imperador.

Da *Georgica* se crê haver sido emprehendida por conselho de Mecenas, para ver se pela poesia os romanos se voltavam um tanto para o amor da agricultura, delicias dos seus antepassados. Se assim foi, excellente era o intuito; porque o trato da terra corria então em grande desamparo; triste resultado da espoliação de tantas propriedades ruraes em favor das tropas; da diminuição de braços consumidos pelas guerras; dos habitos luxuosos, introduzidos pela opulencia das conquistas; e emfim dos latifundios, que mantinham sob o dominio esteril de poucos, solo que houvera alimentado a innumeraveis. Boa politica foi portanto essa de Mecenas, se elle a aventou, e bem discreta a escolha que de Virgilio fez para lh'a realisar; mas, como o supposto se não prova, inclinâmo-nos antes a deixar

toda a honra da iniciativa ao proprio poeta; e não empregámos bem a palavra honra; foi só o seu pendor natural o que sem nenhum esforço para ali o conduziu, como em qualquer idade nos repastâmos por instincto nas lembranças da nossa infancia.

Ou áquella idéa de Mecenas, ou a esta que lhe nós antepomos, podemos tambem em parte attribuir a anterior publicação das *Bucolicas;* collecção de alguns poemas curtos, e de natureza pelo demais arcadica, compostos por Virgilio. O poeta, chamando *Eglogas* a esta collecção, o que nos dá a idéa de escolha, despediria d'ella, pelas reputar mais fracas, outras suas composições de indole muito analoga; n'esse refugo se comprehenderia o *Moretum,* o *Hortulus,* a *Copa* e o *Culex;* opusculos que têem entre si uma grande fraternidade de espirito.

Quanto á *Copa,* não é de certo para desdenhar a opinião de Filarète Chasles, que teima e bate fé em como é Virgiliano aquelle brinco. Pelo que respeita ao *Culex,* Marcial mesmo o dá sem controversia por Virgiliano com reconhecer-lhe menos quilates:

Protinus Italiam concepit, et arma virumque
Qui modo culicem fleverat ore rudi...

Já alguem, querendo vir commigo a bom concerto sobre a paternidade do *Moretum,* me disse que se de Virgilio era, aos seus primeiros annos se devia attribuir, e adscrever-se ás suas ainda balbuciantes tentativas, mais de metrificador descriptivo que de poeta. Com toda a minha consciencia repulso como injusta a affronta da concessão. Acho eu mais provavel que o *Moretum* fosse escripto no seu luxo de Roma, do que ao sair da sua infancia rustica; porque, se elle tivesse debaixo dos olhos os objectos que no poema se descrevem, e não collocados na distancia que os torna artisticos, não seria tentado a miudia-los por tal arte. Dizia Rousseau, que para bem fallar da liberdade lhe conviria estar na Bastilha. N'esta parte todos nós temos o nosso tanto quanto de Rousseau.

Seria facil approximar a muitos dos versos do *Moretum* muitos outros do auctor que lhe suppomos; mas contentâmo-nos de apontar, para que se note, aquella admiravel comparação que o poeta nos faz do Vulcano, madrugando para ir fabricar o escudo de *Eneas,* com a mãe de familias, pobre, virtuosa e vigilante. Esta comparação, simples e formosa como uma parabola biblica, é repassada da sensibilidade melancholica e semi-christã do nosso inimitavel poeta.

Ei-la aqui:

«Inde ubi prima quies medio jam noctis abactæ
Curriculo, expulerat somnum, cum femina primum
Cui tolerare colo vitam tenuique Minerva
Impositum, cinerem et sopitos suscitat ignes
Noctem addens operi, famulasque ad lumina longo
Exercet penso, castum ut servare cubile
Conjugis, et possit parvos educere natos.»

Para os que se não podem regalar com a leitura de tão finos versos, aqui lh'os damos traduzidos pelo bom do João Franco Barreto; é um panno de raz pelo avesso; mas paciencia, que o não ha melhor para elles.

«Assim como a mulher a quem agrada
passar co'a roca, ou com tear a vida,
que se levanta mui de madrugada,
e esperta à cinza e flamma amortecida,
acrescentando á obra a socegada
noite, e á luz da luzerna apercebida
em um longo fiar, cuidosa e afflicta
as famulas occupa e exercita,
para que guardar possa castamente
o leito e cama do marido amado,
e os seus pequenos filhos alimente
que ambas as cousas lhe dão gran cuidado.»

Pergunto aos que poderam ler devidamente aquelles versos latinos: ¿esta cuidadosa mãe de familias não será irmã legitima do Similo do *Moretum?* Porém insistirá talvez alguem: ¿onde ha ahi por cima de todo este perpetuo descrever do *Moretum*, cousa que se assimilhe á idealidade, sem a qual se não concebe nem poesia nem Virgilio? onde! em tudo ou quasi tudo, quando se queira e saiba ler sem prevenção adversa; mórmente cá tão longe e tão tarde. Vista faz fé. Ahi vae o *Moretum* com a sua quasi servil traducção em alexandrinos de rimas alternadas.

Dez horas ha que é noite; a alada sentinella
d'entre a bruma invernosa o dia emfim revela.
Similo, de horta escassa o rustico abegão,
em seu grabato acorda; o frio agudo em vão
lhe aconselha que jaza, embora o gallo cante;
a luz que já lá vem lhe diz que se alevante:
que ao diario sustento é forçoso acudir.
Remancha... mas surgiu.

Co'os olhos de dormir
vae tacteando o escuro; acha o lar; palpa, e sente
morder-lhe do borralho a occulta brasa ardente.
Despendura a candeia; inclina-a devagar
para o debil clarão que resurgiu no lar;
toma a espevitadeira; e co'a fronte pendida
puxa, approxima, accende a estopa da torcida.
A poder de soprar reanima o fogo; já
co'a fogueira vivaz rindo a cozinha está.
Guardando a luz co'a mão contra o vento protervo,
chega ao seu celleirinho; abre-o, e entra; um acervo
não mui alto, de trigo, ali por terra jaz.
Toma d'elle a porção que julga ser assás,
a libras dezeseis no peso equivalente.
Ao moinho de mão caminha em continente.

Pregada na parede está junto da mó
uma prateleirinha, ordenada tão só
para lhe ter a luz emquanto móe. Desnuda
os braços; avental, deu-lh'o cabra felpuda;
inda a cauda lá pende: ergue-a, e com ella o pó
varre mui bem de dentro e em derredor da mó.
Escasqueado o engenho, eis dá principio á lida,
entre direita e esquerda irmãmente partida;
que a moagem sonora occupa ambas as mãos:
a direita, a girar; a esquerda, a dar os grãos.
O rodar se aferventa; a pedra do moinho
vôa cada vez mais em alvo remoinho;
do grão que entrou doirado albida chuva sae.
Se a dextra cansa, a irmã presto suppri-la vae.
Ajudam-se uma á outra, e zombam da fadiga.
Só, calado e lidando, é mau; venha a cantiga,
a campestre cantiga herdada já de avós,
tão d'elle e tão de molde á sua agreste voz.
Canta. Onde ha hi canseira em meio a taes cantares?

Outro folego vivo ainda ha porém nos lares:
Cibale; entra a chama-la; é tempo de se erguer;
Cibale, do casal e do seu pobre haver
a serva guardadora. A pinta não engana;
quem n'ella os olhos põe, diz logo: és africana.
Lã por cabello; o beiço, inchado; escura a tez;
no peito ampla extensão; nos seios flaccidez;
o ventre comprimido; a perna sem grossura;
o calcanhar gretado; a planta enorme e dura.
Torna a chama-la; chega; ordena-lhe ao fogão
metter lenha, pôr agua ao lume.

A rotação
já deu fim á tarefa; agora a mão ligeira
lança todo o moído á concava peneira,
e sacode-a e sacode-a, até que a semea vil

pule extreme ao de cima; em baixo, a flor subtil,
da farinha fugida á nuvem grossa e leve,
pousa, se alastra, alveja em cumulos de neve.
Em lisa tábua a ajunta, a amontôa mui bem;
infunde-lhe porção d'agua que ao lume tem;
mistura, volve, amassa, endurece, redobra
as abas para o centro; emquanto adianta a obra
vae na massa lançando em conta o vitreo sal.
Amassou, tende.

É prompto o pão, don cereal,
disco achatado e amplo, em quadros compartido.
Já o lar do fogão, por Cibale varrido,
chamando a bôla está; prompto ali a introduz;
por cima um testo põe. Sobre o testo reluz
de ascuas em abundancia esplendida larada.
Cumpram Vulcano e Vesta a parte que lhe é dada,
que a Similo entretanto incumbe outro mister.
Não lhe basta haver pão; tambem conducto quer.
Não tem na chaminé suspensos ao fumeiro
salgado lombo, ou pás de javalí caseiro,
com que a seu parco ventre opimas glorias dê;
o que em cordão de esparto enfiado ali se vê
é só redondo queijo, e um mólhinho pendente
de endro secco e sem côr; mas inda rescendente.
Fraca pitança aquella, a quem tão prompto esmoe!
de algures ha de vir remedio ao nosso heroe;
vem, e não vem de longe.

Aos rés da choupaninha
fica a pequena horta, a próvida vizinha,
com vimes por tapume e seu cannaveal
que offerta annual um córte e rebenta annual.
Não é amplo o torrão; porém no bem disposto,
no crear tudo e bom, a todos dá de rosto.
Nada fallece ali do que ao pobre convem;

¿que digo? o proprio rico ali mil vezes vem
buscar com que acrescente os dons da lauta mesa;
se é pobreza, á riqueza acode esta pobreza.
Taes fructos provirão do grande despender?
oh! não; trabalho e regra é que dão tanto haver;
se vem fechado de agua um dia em que não possa
alongar-se do lar, perder de vista a choça;
se vem outro de festa; em summa: se, depois
que a lavoura acabou, dá folga a arado e bois,
é todo horta e mais horta; esse trato campestre
não tem devoto igual, nem mais insigne mestre.
Sabe como ninguem dispor em seu logar
cada planta diversa; as leis do semear;
a arte de conduzir de canteiro em canteiro
pelos vitreos canaes um fluido rigueiro.
Como lhe medra a couve entre essa fresquidão!
como a acelga se alastra! oh! como a pulos vão
as labaças medrando! e alem a malva ufana!
e aqui toda viçosa a enula campana!
e a cherivia! a cebola! a formosa cruel
dormideira, que mata, e confeitada em mel
se a torraram primeiro é bello postre! e a alface
que entre lautos festins mostra sem pejo a face!
e a abobora bojuda, o monstro vegetal
que onde nasceu, pousou em somno perennal!
Com tanta profusão quem é que se regala?
o povo; ao fazendeiro, o gosto de crea-la
lhe basta; homem tão sobrio ainda não nasceu.
Cada nundina vae d'este grangeio seu
os fructos, como ouriço elle proprio avergado
leva-los á cidade, expô-los no mercado,
d'onde, acabada a venda, ao seu casal feliz
volve, quente de bolsa e leve de cerviz.
Se traz carne do açougue é rara vez na vida;
qualquer cousa lhe basta e sobra por comida:
a cebola vermelha, o picante agrião,

a roda do alho porro, o almeirão e o rinchão,
o rinchão que do amor excita ás igneas festas.
Cogitando talvez alguma cousa d'estas,
entrou na horta pois; direito aos alhos vae;
co'os dedos fossa a terra; um, dois, mais dois, extrahe;
de aipo uns raminhos colhe, arruda e mais coentro.
Regressa para casa; e apenas está dentro
senta-se ao vasto lume, e pede á serva o gral.
Cebolas pella; em torno alastra-se o estendal
das camisas subtis que engeita; emfim já franco
apparece lustroso o bolbo interno branco;
em agua o banha, e o lança ao marmoreo pilão.
Deita sal, deita queijo a que inda unidas vão
novas codeas de sal, um queijo ressequido;
e ajunta áquillo tudo as hervas que ha trazido.
Entre as coxas co'a sestra o fato submetteu;
co'a mão do gral a dextra exerce o lavor seu;
móe os alhos primeiro, e logo de mistura
tudo o mais que apanhou se esmaga, se tritura:
funde os sumos n'um sumo, as cores n'uma côr;
alva não, que se oppõe das hervas o verdor;
mas verde tambem não, que das hervas o verde
do queijo co'a brancura o ser nativo perde.
Os cheiros igualmente eram tantos, são um:
acre, importuno, acerbo, asperrimo fortum,
que as largas ventas lhe enche e o faz torcer a cara.
A quebra do jejum sae-lhe ao nariz bem cara;
choram-lhe os olhos; raiva, e enxugando-os co'a mão
contra o fumo sem culpa exhala a indignação.
Pouco resta a fazer; já tudo é massa branda
e em menos leve giro a mão do gral já anda.
Instilla o de Minerva aurifluo licor
co'um golpe de vinagre, e torna a sotopor
pela ultima vez o polme rescendente
ao macio girar da clava contundente.
Concluiu, raspa o gral co'os dedos; junta, e põe

tudo n'um monte, o alisa, o vulto lhe compõe
na costumada fórma e co'o sabido aspecto
do que entre os aldeões tem nome de Moreto.
Cibale, sempre attenta ao que a seu cargo tem,
saca o pão do borralho, apresentar-lh'o vem.
Lava o rustico as mãos primeiro que lh'o tome,
e recebe-o folgando; agora é rir da fome;
já para todo o dia á farta se proveu.
Pois se desjejuou, toca ao trabalho seu.
De botas e sombreiro emfim sae da cabana.
Os bezerros, que ao lado esmoem na arribana,
dobram á dura canga a callosa cerviz:
são horas de ir lavrar.

Vê-los lá vão servis,
antes doceis, á voz do seu agreste amigo,
revolver esse chão, que espera o louro trigo.

A SENHORA DA NAZARETH

(Chacara)

Não ha taes memorias de tanto deleite,
por onde a vontade melhor se esperguice,
como as que rescendem aos beijos e leite
de nossa apartada feliz meninice.
Cavar pelas minas de fundas verdades
é nobre fadiga;
mas contos contados de idades a idades
tem força de encanto que a todos obriga.

Lidae á luz triste das lampas nocturnas,
cobri-vos de brancas, mineiros da historia,
mandae-nos bom oiro das lobregas furnas
que a vida vos comem sedenta de gloria:
e nós fundidores
d'esse oiro que achardes, e seus polidores,

fa-lo-hemos estatuas aos olhos do dia;
e porque as o povo frequente á porfia,
as c'rôas sabidas lhes pomos de flores.

E sem mais escudo,
agora diremos primeiro de tudo
o que avós e padres já creram de fé,
e será a origem da grão romaria
que á Estrella dos mares, á Virgem Maria,
nas rochas do oceano sagrou Nazàreth.

I

Em campos de Guadalete
acabado se era o dia,
co'o dia a grande batalha,
co'a batalha a monarchia.

Os anafiles dos mouros
resoam brava alegria;
Dom Rodrigo rei dos godos
á redea larga fugia.

— «Onde te vaes, Dom Rodrigo,
«tão só, com tanta agonia?» —
— «Vou-me a fazer penitencia,
«que este mal Deus m'o devia.» —

— «Ventura de Deus te guie.» —
— «Justiça de Deus me guia.» —
— «Boas horas, boas fadas
«vão com tua senhoria,

«que se te cobre o descanso
«ao cabo d'essa agra via.» —
— «Boa fada é a penitencia;
«bom descanso a terra fria.» —

Já vae a pé do ginete
que mais correr não podia;
co'o saial de um pegureiro
trocou galas que trazia.

Assim pobre e quebrantado
aberta uma igreja via;
era de um mosteiro grande
(Cauliana se dizia).

Idos se eram já os monges,
alfaias e pedraria;
El-Rei, vendo a casa nua,
em lagrimas se fundia.

Suas faces affrontava,
os seus cabellos carpia,
e, por de tudo ser causa,
mui grande mal se queria.

Um só monge que ficára,
(Romano por nome havia),
lá d'onde estava pousando
estas lastimas ouvia.

E descendo a toda a pressa,
o viu que em terra jazia,
estirado, e a côr defunta,
aos pés da Virgem Maria.

Soccorrido do bom velho
Dom Rodrigo em si volvia,
e o segredo de quem era
em confissão lhe dizia:

que de seu perdido reino
mais nada não pretendia
senão só findar a vida
n'alguma cova sombria,

fazendo mil penitencias
cada hora e cada dia,
comendo só das raizes,
e pousando em terra fria.

Confessado e commungado,
como a bom christão cumpria,
só, qual veiu, ía abalar-se;
o monge o não consentia:

— «Sim que ireis, mas não sósinho;
«eu vos darei companhia;
«companhia que hei de dar-vos,
«nunca assim rei a teria.

«Mais é que espadas e lanças,
«peões, nem cavallaria,
«mais é que exercitos de anjos,
«pois é a Virgem Maria.

«Nazareth em Terra Santa
«esta imagem possuia,
«mil venerada das gentes
«por milagres que fazia;

« mas vindo a ser perseguida
« pelas furias da heregia,
« a cá se veiu fugida
« (um monge grego a trazia).

« Em braços do santo velho,
« (Cyriaco se dizia)
« morenita e graciosa
« oh que bem que parecia!

« Elle chorava de gosto,
« ella é fama que sorria;
« acompanhavam-n'a os anjos
« com celeste melodia.

« Aqui emfim cobrou templo
« depois de tão larga via,
« d'onde ampara ha largos annos
« esta... ha pouco monarchia!

« Ora que o reino se afunda
« com ondas de mouraria,
« fuja comnosco por servos
« e com Deus por sua guia. » —

E ditas aquestas vozes
com grão pranto que vertia,
os pés beijou da Senhora,
os pés e as mãos á porfia;

e entregando-a a Dom Rodrigo,
palavras taes lhe dizia:
(dizia-as elle chorando,
e El-Rei chorando as ouvia)

— « Peccador sob'rano de homens,
« sus, sus! cobrae-me ousadia!
« que a Santa Rainha d'Anjos,
« da Trindade companhia,

« a nascida sem peccado,
« frol de toda a galhardia,
« luz que os infernos espanta,
« céu, terra e mar alumia,

« por ir-se ao mesmo desterro,
« comnosco se põe em via:
« já nada vos dê cuidado,
« que a Deus levâmos por guia. » —

II

Deserto fica o mosteiro,
mosteiro de Cauliana;
peregrinos rei e monge
hão passado o Guadiana;

Guadiana, aquelle rio
que os pés ao mosteiro lava.
Cêrca das aguas o velho
se detinha, e soluçava;

e dizia, agora olhando
o mosteiro, e agora a barca:
— « Mais perdi eu, sendo monge,
« do que este, sendo monarcha:

«elle só perdeu estados,
«mar que nunca tem bonança;
«e eu fujo-te, ai, cella minha,
«minha bemaventurança!

«Ficae-vos, portas abertas,
«que mais não sereis fechadas;
«ficae, altares, viuvos
«d'estas reliquias sagradas.

«Comnosco vem as reliquias,
«vós ficaes ás feras bravas.
«Adeus, rouxinol dos hortos,
«que ás matinas acordavas.

«Meu desvelo de trinta annos,
«minha lampada doirada,
«adeus; e adeus, sepultura,
«que eu já tinha tão marcada.» —

— «Adeus mosteiro, e adeus reino;» —
Dom Rodrigo ali bradava,
— «adeus, bella Cava minha,
«minha não, mas bella Cava;

«causadora por teus olhos
«da perda minha e de Hespanha.» —
Palavras não eram ditas,
voltou a espalda com sanha;

e volvendo com ternura
a abraçar a Imagem Santa:
— «Partâmos,» — disse... com os olhos;
que a voz, cerrou-lh'a a garganta.

— « Partâmos, » — tornava o monge;
« fugi-lhe, e havereis a palma;
« traidor foi seu padre ao reino,
« e ella, vos matou vossa alma.

« E se inda em tanta miseria
« dama vos póde ser cara,
« cuidae na triste da esposa,
« que deixaes viuva. » — « Ai Zahra,

(Atalhava Dom Rodrigo)
« ai Zahra, triste, coitada!
« quem te aquesto houvera dito
« no S. João de madrugada,

« quando de teus regios paços
« lá n'essa africana praia
« ao mar a folgar co'as damas
« saíste em doirada faia!

« Tomou-vos brincando o vento,
« como umas flores cortadas,
« e vos lançou n'esta Hespanha,
« onde fostes captivadas.

« Vi-te, morri, fiquei doido;
« mutuo amor em ambos lavra;
« baptismo e throno me aceitas,
« e á Cava eu quebro a palavra.

« Mas torno-a a ver... o amor velho
« do novo se desaggrava!
« ambas amo, offendo, e perco!
« adeus Zahra! adeus ó Cava! » —

Diz; encommendam-se á Virgem,
sua guia soberana,
e vão-se embrenhando á toa
pela terra lusitana.

De povoados e caminhos
vão desviando as jornadas,
rios e serras vencendo,
medindo as noites cansadas,

sustentando-se das hervas,
orando, e carpindo magoas.
Penados vinte e seis dias,
eis o mar das muitas aguas!

O mar, espelho de estrellas,
o bento mar que buscaram!
e vendo ao pé feras rochas,
ahi dão graças e param.

III

No cimo do monte bravo
foram n'uma ermida entrar:
paredes, meio delidas!
Crucifixo sobre altar!

Novas, nem signaes de gente,
não lh'os soube a ermida dar,
mais do que uma campa rasa,
sem letras para fallar.

Era sitio de tristezas;
tristezas vinham buscar;
e por melhor serem tristes,
se quizeram separar.

El-Rei ficou só na ermida,
que foi mui triste ficar!
passou Romano adiante;
não houve muito que andar:

Nas mesmas fragas marinhas
achou logo outro logar,
por escondido e medonho,
conforme ao seu desejar:

Jazia entre duas rochas;
que se arremessam a par,
duzentas braças a pique
penduradas sobre o mar!

N'uma lapa que era em meio
foi a Senhora assentar,
com mil desculpas e prantos
por tão pobre a agasalhar.

Co'as magras mãos foi-lhe erguendo
(que mais lhe podia dar?)
paredes de pedra ensossa,
ao som d'um longo cantar:

— «Senhora dos céus, e é este,
«(lhe dizia) o teu solar?!
«pobres musgos... pobres conchas...
«que alfaias para brilhar!

«Em vez das harpas celestes,
«ouvirás ondas roncar;
«em vez de mil coros de anjos
«um só velho a te guardar;

«um só velho, vaso impuro
«cheio de antigo peccar.
«E em chegando a minha morte,
«que já não póde tardar,

«nem sequer um servo indigno
«terás para te guardar,
«nem uma voz quebrantada
«para o teu nome entoar;

«ninguem virá renovar-te
«os musgos do teu altar;
«Virgem minha, meus amores,
«ai! quão só que has de ficar!

«Mas virá dia, algum dia,
«quando o teu filho ordenar,
«que de gente baptisada
«te vejas desencantar.

«Dar-te-hão elles, o que o velho
«te não póde agora dar:
«dar-te-hão casa, far-te-hão festas,
«grão fama, grão triumphar.

«Juntarás aqui romeiros,
«como as ondas d'esse mar;
«e contará teus milagres,
«quem as areias contar.

« De Nazareth por memoria
« terá nome este logar;
« nem sitio na christandade
« não lhe ha de a palma levar.

« Virão pobres, virão ricos,
« vir-te-hão reis a visitar;
« todos de ti, morenita,
« morenita singular,

« todos de ti namorados,
« que assim és de enamorar;
« e os ossos nus do teu servo
« na terra se hão de alegrar. » —

Assim cantava Romano,
cada dia, sem faltar,
na madrugada, ao sol posto,
ás estrellas, e ao luar.

E aquella foi prophecia
que lhe Deus quiz inspirar;
que por seculos ávante
se cumpriu todo o cantar.

Morto o velho, Dom Rodrigo
se foi para não voltar;
e só se ouviam nas rochas
o vento, os corvos e o mar.

IV

Manhãs frescas de setembro,
quando orválho está a caír;
frescas manhãs de setembro,
quem n'as podéra dormir!

Durma-as El-Rei nos seus paços,
e o pastor no seu redil,
as aves nas suas folhas,
as feras no seu covil,

co'as damas os seus maridos;
cada qual segundo a si;
que para os tristes monteiros...
taes somnos, não nos ha 'hi.

Em luzindo a estrella d'alva,
é inda antes do seu luzir,
Dom Fuas Roupinho alcaide
das mantas os faz saír.

Voam corseis e sabujos;
apupa, apupa, clarim,
que esta sina de fragueiros
não tem descanso nem fim;

tremei, gandaras e montes;
ó feras, fugi, fugi;
que logo... nem pés ao gamo,
nem val furia ao javali;

só se lhes valer a nevoa;
que nunca mór se não viu!
Indo todos já perdidos,
buzina ao longe se ouviu...

Buzina do alcaide é ella!...
vae a chamar... e a fugir!...
Traz o som correi, cavallos,
emquanto se póde ouvir;

nem caminhos, nem atalhos;
rasgar fragas e alcantis,
que este apupar de Dom Fuas
é de correr javalis!

Tudo ia em redemoinho:
homens, corseis e mastins,
ladridos, brados, relinchos,
fragor d'armas e clarins!

E escontra d'onde o som vinha,
ás cegas era o seu ir,
e a buzina era já perto...
quando cessou de se ouvir!

Pararam todos á escuta;
e estando a escutar assim,
sentiram perto o mar fundo
quebrar com muito motim.

Rompeu-se co'o sol a nevoa;
e ao resplendor que luziu,
sobre penha, que duzentas
braças pende ao mar, se viu.

co'as mãos em vão sobre o abysmo...
trepidar, e descaír...
ennovelar-se erriçado...
pular atrás... refugir

um cavallo! e o bom Dom Fuas
que o remessára até 'li,
saltar por terra, clamando:
— «Por ti, Senhora! é por ti!» —

Prostrou-se humilde e deu graças,
depois benzeu-se e surgiu.
E ora ouvireis que palavras
aos monteiros proferiu.

V

— «Entre este grande rochedo,
«d'onde eu me ora ía a perder,
«e ess'outro, não menos grande,
«ambos ao mar a pender,

«uma pobre ermida é posta,
«sem ninguem d'ella saber,
«senão eu, que por acaso
«um dia a cheguei a ver.

«Nossa Senhora é lá dentro,
«mui gentil no parecer,
«e co'o filhinho nos braços,
«que não quer adormecer.

«Ou anjos a lá poriam,
«ou monges de bom viver;
«ou quiçá trouxe-a um desejo
«de estar seus mares a ver.

«Nunca a ninguem fallei n'ella,
«nem ousei de a demover,
«que no semblante lhe via
«como estava a seu prazer.

«Ali pois se esconde aquella
«Senhora de grão poder,
«entre estas penhas, que vedes
«ambas ao mar a pender,

«como um relicario ao collo
«de uma piedosa mulher,
«que entre os peitos resguardado
«refoge de apparecer.

«Com Judas traidor no inferno
«sepultado quero ser,
«se não foi aquella Virgem
«quem me ora veiu valer.

«Andando vinha eu sósinho,
«sem me de cousa temer;
«co'a nevoa não via as ondas;
«não as ouvia bater.

«Surge-me alem um veado;
«traz elle parto a correr.
«Mas nem sabujos o alcançam,
«nem lança o póde romper;

«quanto o mais sigo, mais voa!
«Satanaz deveu de ser,
«que por caçar caçadores,
«se quiz veado fazer.

«E andou na escolha acertado
«quando besta assim quiz ser,
«que a unha rachada e galhos
«não teve que os esconder.

«Elle corria, eu corria,
«e a nevoa sempre a crescer;
«eu a apupar aos monteiros,
«e ninguem a apparecer.

«Vinhamos como dois raios!
«vejo-o desapparecer...
«ouvi-lhe o baque nas ondas...
«quiz o cavallo reter...

«pendo-me atrás, puxo as redeas...
«mas co'a furia do correr
«já tinha as mãos sobre o abysmo,
«a arquejar e a se torcer,

«e já lhe os pés resvalavam,
«e estrabuchava a se erguer,
«e ia baquear... — «Virgem — brado —
«valha-me o vosso poder!» —

«O mais vistes vós, que o sol
«acabava de romper.
«Nem maravilha mais certa
«não creio que a possa haver.» —

Tendo isto ouvido os monteiros,
cheios de grande prazer
á cova em tropel se foram
graças á Virgem render.

A fama famosa d'aqueste milagre,
herança que herdámos de padres e avós,
á gloria do Alcaide de Porto de Mós
por filhos e netos bem é se consagre.

E mais se refere que por já sem medo
a Virgem Santissima a cães mahometanos,
em braços do Alcaide saíu do rochedo,
onde tão sósinha curtíra degredo
de já quatrocentos sessenta e mais annos.

E logo no cume do monte eminente
aquelle seu servo fundou para ella
uma toda aberta, formosa capella,
para sul e norte, levante e ponente.

Do tempo que tudo consome e desgasta
inda esta capella não jaz desgastada;
mas casa mais digna lhe foi levantada,
em que hoje se adora de povo que a abasta.

E as suas paredes estão recobertas,
com serem tamanhas,
de grandes milagres, e curas mui certas
que ha feito a devotos de todas Hespanhas.

Se um dia lá fordes curioso e romeiro,
ouvireis o caso contado em geral,
e inda lá na penha vereis o signal
do pé do cavallo do bom cavalleiro.

O qual, porque tudo saibaes desde agora,
foi esse almirante que á mesma Senhora
deveu a victoria do perro Alfamim;
e logo outra em Cepta da barbara frota;
até que, tornando na mesma derrota,
nas ondas traidoras achou sua fim.

Fenece o rimance da historia mui pia.
Quem quer que folgasse de ouvi-la contar,
reze um Padre Nosso com uma Ave Maria
por tódolos que andam sobre aguas do mar.

O NATAL SUECO

(Extracto de uma viagem de Arndt pela Suecia, inserto no Penning Magazin dinamarquez e traduzido pela sr.ª D. A. C. Vidal de Castilho)

N. B. O trecho que se vae ler appareceu na *Revista Universal Lisbonense* de 18 de janeiro de 1844.

A festa do Natal, em Suecia, principia, como entre os allemães, na santa noite da Natividade. — Mas dura por mais tempo, deitando ainda até Dia de Reis pelo menos, e, verdadeiramente, até aos 13 de janeiro, dia de S. Canuto.

¡O Natal! ¡Onde ha ahi choupana ou palacio em toda a Suécia que n'este praso não ostente a sua alegria!

Achava-me eu em Stockolmo: tudo ali era bulicio. Ha uma feira, onde se vende toda a sorte de golodices e quinquilharias para creanças e senhoritas, e Deus sabe para quem mais. Esta feira estende-se pelas differentes ruas da cidade, guarnecidas de barracas, todas illuminadas, assim como as lojas de modistas e até algumas casas particulares: faz lembrar o carnaval. Até á meia noite não se vê senão uma confusão de gente que, debaixo d'esta fria estrella do norte, festeja o nascimento do Salvador. Então se reunem as familias: as creanças recebem os seus presentes, as pessoas grandes aceitam e mandam as

suas *pancadas ou toques do Natal*. Tudo anda nadando em alegria pelo já obtido, e em esperança pelo que ainda se ha de obter. Tambem nós conhecemos estas *pancadas do Natal (juleklap* em dinamarquez, *juleklappar* em sueco). Conhecemo-las como um costume transplantado para a nossa terra; mas sente-se que não nos são nativas: falta-lhes o espirito, o lustre, o aroma proprio; bem se vê que é um estylo que está fóra do seu logar.

Pancadas do Natal se chamam os presentes que, por modo de peça, mandam uns aos outros. Reina o folguedo. Não se cuida senão em bailar e brincar, ainda que ás vezes lá vão tambem á mistura seus chascos. São as saturnaes do norte. ¿Mas quem poderia em dias taes escandalisar-se de nada?

Por esta occasião póde-se alegrar ao indigente, sem o vexar com o beneficio: póde-se, com um presente engraçado, divertir, e ao mesmo tempo castigar a um zombeteiro. Póde-se mandar ao objecto amado a linguagem do coração, que então gosa de mais soltura que no restante do anno; e talvez é mais efficaz, porque a alegria é a precursora do amor. Póde-se finalmente punir um tolo presumido, sem para isso incommodar os tribunaes; só certas cousas que nos paizes meridionaes se podem e costumam fazer, sob o disfarce das mascaras, não lembram a ninguem n'este paiz, aonde existe a probidade, e aonde são desconhecidos os enredos maliciosos. Vêem-se andar girando numerosos portadores mascarados, correios a cavallo e a pé, mancos com as suas muletas, pessoas em trajos de frasqueira; porque é da regra que todo o presente de consoada deve vir de um modo inesperado, e por mão desconhecida, e apparecer de subito como uma divindade: o essencial é que se faça a cousa de relance e enigmaticamente:—bate-se á porta, e apenas ella se abriu, arroja-se o don pela casa dentro, e desapparece-se: d'este bater á porta, segundo dizem, é que se deu á consoada o nome de *toques ou pancadas do Natal*. Isto pelo que pertence ás cidades; agora no campo, ainda se veneram mais os costumes antigos, e não só entre os camponezes, mas tambem entre as pessoas graves que lá residem.

Por mau observante das festas do Natal passaria aquelle que, em todo o oitavario, deixasse de viver em folganças com os seus vizinhos e amigos. Ninguem o passa só comsigo e sem se divertir, e muito menos os aldeões.

Desde a vespera do Natal todas as mesas estão postas; n'ellas se alardeiam com profusão fiambres de presunto e vacca, queijo, manteiga, boa cerveja e aguardente. De tudo se offerece a quem entra; e não ha remedio senão aceitar e comer, pouco ou muito; quando não o sobrio leva comsigo, como elles dizem, a alegria do Natal. N'estes dias santos não se faz outra vida senão bonachira, dansar e tocar.

As papas do Natal *(julgrœt)* e o pão do Natal *(julbrœd)* pertencem exclusivamente ao primeiro dia. Em algumas casas junca-se de palha o sobrado, em memoria provavelmente do Presepio. As festas são mais ou menos circumstanciadas conforme no logar se conservaram mais ou menos os costumes antigos.

Em muitas partes continúa a festança por todos os quinze dias, que decorrem até aos Reis, com pequenos intervallos; n'outras deitam até 13 de janeiro ou vinte dias depois da Natividade, praso em que, n'outro tempo, se acabava a festa com muita comezaina. A este dia se denomina o *S. Canuto* ou de *S. Canuto;* e diz o rifão: *Com S. Canuto sáe dansando o Natal,* ou tambem *S. Canuto leva o Natal de carruagem.*

Alguma cousa mais diremos dos costumes d'este tempo, costumes, em parte abolidos, mas em parte ainda subsistentes. Tudo, desde a noite do Natal, deve ficar prompto para os dias seguintes, em que nenhum trabalho se ha de fazer. Solta-se o cão de guarda; dá-se melhor comida ao gado, para que tambem elles conheçam que é tempo de alegria. Antigamente punham-se as papas do Natal e outras eguarias em vasos proprios no meio das eiras; e a estas offertas se ajuntava a de um vestidinho para o *Tomtegubben,* a fim de elle continuar a trazer a fortuna para a casa. *(Tomtegubben* é um espirito, duende ou trasgo que, segundo a crença popular, pertence e preside ao terreno, e que ás vezes apparece em figura de velhinho folgazão.) O quarto do dono da casa onde a festa se ha de fazer

ha de estar armado de cortinados brancos ou de cores, e melhor será se tiverem estampado algum passo adequado, como a adoração dos pastores e dos reis, ou as bodas de Caná. Em muitas partes atapeta-se o pavimento com palha de centeio; as melhores roupas da casa e os fatos domingueiros dos seus moradores devem estar em ostentação. Tudo deve estar varrido, lavado e escasqueado; os trastes de cobre, latão e prata resplandecentes nos seus logares proprios. Do tecto pende sobre a mesa, posta e carregada de comida, uma capella de palha enfeitada. Cada creada faz um molhinho da mesma palha de centeio com a espiga, e o entala nas fisgas do tecto ou nos beirados da casa, para conhecer (pelo numero dos bagos que se não desapegarem) o numero de namorados ou aspirantes a maridos que lhe hão de apparecer durante a festa.

Nas comidas da primeira noite entram infallivelmente peixe-pau, hervilhas, arroz de leite, cerveja e aguardente. Ao começar e ao acabar da mesa canta-se uma cantiga; segue-se uma reza com toda a gravidade, e depois mais cantigas.

A luz fica accesa toda a noite. Em algumas partes faz-se no chão uma cama de palha, que se chama *cama da irmã;* e n'ella dormem as creanças e as creadas. Todos os sapatos n'esta noite se põem juntos e muito direitinhos, uns ao pé dos outros, para que os seus donos vivam em paz todo o anno.—Para tudo tem virtude a *palha do Natal:* gallinha ou gansa a quem fizeram com esta palha o ninho ou cama para a sua creação, está livre de ser accommettida pela marta ou por qualquer bruxaria: posta á roda de uma arvore ou lançada por cima de qualquer campo esta palha faz medrar e fructificar. Dada ás vaccas, antes de partirem para o pasto na primavera, livra-as de doenças, e impede que fujam. Na noite do Natal procura-se adivinhar o que ha de acontecer até d'ahi a um anno. Mas tudo isto já andou mais em uso; e hoje o proprio vulgo pratica mais estas usanças como antigualhas do que por fazer grande cabedal do seu prestimo.

Era tambem ritual ir ao romper da alva ao bosque mais vizinho da povoação sem dar palavra nem voz alguma, sem olhar

para traz, sem se ter desjejuado com solido nem liquido, nem visto fogo, nem ouvido cantar o gallo. Se, por acaso, ao despontar do sol se ía pelo caminho da igreja adivinhava-se que numero de enterros haveria no decurso do anno, e, pelo aspecto dos campos e prados se calculava a futura colheita, e tambem que incendios estavam para vir.—A esta peregrinação davam nome de *curso do anno.*

Não faltam abusões infantis, mas a mais geral é a da *luz do Natal.* Se acontece que esta luz se apaga de noite alguem da casa ha de morrer dentro no anno; o côto arrecada-se muito bem, e é um milagroso unguento para feridas de pés e mãos.

Ainda no seculo passado juncavam as igrejas com palha; mas isto já hoje está prohibido, como costumeira indecente. O levantar era pelas tres ou quatro horas (isto é, quatro ou cinco horas antes do sol nado); ía-se para a igreja á missa do Natal. Cada camponio levava sua véla ou facho, com que o templo ficava todo resplandecente. Nas provincias do norte ía-se da igreja passear ao bosque mais vizinho, em sege ou cousa similhante, os que a tinham; e, chegados lá, atiravam todos para um monte os fachos que levavam, formando uma fogueira em memoria do grande luzeiro celestial, que era nascido. Ao tornarem para casa, vinham todos de carreira despedida, a qual primeiro havia de chegar; porque, o que n'isto ficasse atrás, tinha-se que tambem o ficaria depois na lavoura e na colheita.

Em algumas provincias usavam solemnisar o segundo dia do Natal com as correrias de Santo Estevão, que é o advogado dos cavallos. Primeiro começava-se por beber em honra do santo; depois íam levar os cavallos a beber a sitios descostumados; e tornavam-se a galope e, á porfia, para suas pousadas: mas este festejo tem ido progressivamente decaindo n'estes tempos mais illustrados, em que vivemos, e em que a primeira cousa que se pergunta é —¿que rende isto?

Requisito não menos indispensavel que as *papas do Natal* é o *cordeiro do Natal.—Cordeiro do Natal* e *pão do Natal* vem a ser uma e a mesma cousa. Este pão, que é feito da flor

da farinha, tem esculpido geralmente um carneiro, com a sua competente armação, e outras vezes um javali.—A explicação do javali é porque este animal, como todos sabem, representava um grande papel nos banquetes, assim profanos, como religiosos e consagrados aos deuses, entre os antigos escandinavos. Este pão denominado, como dizemos, carneiro do Natal, põe-se no meio da mesa, cercado de presunto, queijo, manteiga, cerveja e aguardente, e conserva-se até dia de S. Canuto.

Havia com este pão muitas superstições. Alguns o guardavam até á primavera; e então davam a comer d'elle aos cavallos, aos porcos, ás vaccas e até aos homens de trabalho, antes de se irem para os campos, no presupposto de que assim se auguravam prosperidades e colheita farta.

Tambem n'outro tempo era grande objecto a *bola do Natal (Julklabba)*. Estava esta bola pendurada do tecto por cima da mesa: tocavam-n'a de todas as partes, e deixavam-n'a, para que ella indicasse quem primeiro havia de beber.—Do mesmo modo se divertiam tambem com o gallo do Natal, que era outro entretenimento como o do guerreiro de palha, representando o dono da casa.—Isto, a cabra cega, muitas cantigas do Natal, jogos de todas as castas (chamados geralmente *Jullekar)* ainda em muitas partes estão em moda.

Antigamente não havia divertimento ou extravagancia, que, em dias taes, se não admittisse; e eu possuo uma grande collecção d'estes jogos descriptos em versos, onde se pinta lindamente a innocente e graciosa singeleza, que n'aquelle povo por mil modos diversos se manifestava.

O NATAL DO POBRESINHO

(Advertencia que precedia este opusculo no tomo IV da Revista Universal Lisbonense)

Os versos dinamarquezes, de que os seguintes são muito paraphrasticamente vertidos, foram recitados pela famosa actriz Madama Heiberg, casada com o poeta dramatico do mesmo nome, em uma festa publica celebrada em Copenhague, para beneficio dos asylos de infancia desvalida: para esse fim os compozera (ou mais propriamente os variára de um antigo canto popular allemão) de proposito H. P. Holst, que os encorporou no interessante volume, que saíu de suas poesias em 1840.

Para melhor se entenderem, cabe recordar o que já o anno passado[1] contámos ácerca da chamada arvore do Natal, geralmente costumada nos paizes do norte, moda peregrina, que mais que muitas outras á tôa trazidas mereceria transplantada para entre nós.

Toda a familia que tem creanças, arma n'um quarto fechado e, quanto se póde ás escondidas d'ellas, um pinheiro ou outra

[1] Refere-se ao artigo que deixâmos transcripto.

qualquer arvore verde com os ramos carregados de luzes, fructos e confeitarias; á roda do pé da arvore está mesa posta com tantos logares quantos são os meninos ou meninas de casa ou de fóra para quem a festa se destina; e para cada um e cada uma ha ali sua quinquilharia ou diche util, segundo sua idade e gosto; tudo envolto em seus papeis doirados ou de cores, com formosos laços de fita e o nome do feliz escripto por fóra. Na santa noite abre-se a porta, entra a feiticeira e tumultuosa invasão, e tomado por cada um o que lhe toca, descoberto, festejado, agradecido e mostrado com clamores, precipitam-se á porfia sobre a arvore, que n'um momento fica alliviada do seu peso, mas que ainda com as suas luzes fica presidindo a uma dansa d'aquelle rancho de bemaventurados.

Oh que asperrimo dezembro!
Treme o frio em cada membro
se cogito, se me lembro
do que lá por fóra vae.
Pelos gelos da vidraça
olho a rua; ninguem passa,
mais que o vento, que esvoaça
sobre a neve; e neve cáe.

Mas á nossa residencia
(Graças mil, ó Providencia)
traz de dezembro a inclemencia
delicias a plenas mãos.
Viva o Natal, santo dia!
bom fogo aquece e alumia
a domestica alegria
de meninos e anciãos.

Vêde este bando innocente
como folga e ri contente,
dansando em torno á luzente
arvor' do Santo Natal.
Mas em rica sala accesa
que admira, se em tosca mesa
nem aos filhos da pobreza
falta a usança festival?...

N'este dia, n'esta hora,
em que infante um Deus se adora,
não ha penas; ninguem chora;
toda a terra está feliz.
Toda?! Ás portas d'esse nobre
não vejo eu bater um pobre,
que o vento cruel descobre
das rotas vestes subtis?

E não é elle um menino?
não vaga sem luz, sem tino,
ludibrio de atroz destino
por entre tanto folgar?!
Vem-lhe o cheiro dos manjares,
vem-lhe o estrondo dos folgares,
e entre tantos ricos lares...
não encontra aberto um lar.

Frio e fome! (coitadinho)!
Como ave implume e sem ninho,
vae, sem lhe importar caminho;
vae, sem saber onde irá.
Ninguem sabe, nem presume,
quantas penas em cardume
aquella avesinha implume
curtindo em silencio está.

Ir ávante... não se atreve.
Ajoelha sobre a neve;
e desata n'esta breve
prece humilde a voz e os ais;
humilde prece, que o vento
abafa e tronca violento,
para a ir pôr no ethereo assento,
longe de ouvidos mortaes.

— «Meu Deus, morrer só comsigo!
«Deus meu, não ter um amigo!
«não ter, ó meu Deus, abrigo
«de pae, de mãe, nem de irmão!
«Não posso mais; não resisto;
«tenho fome e frio, oh Christo!
«pequenino sou...» — E n'isto,
soluça do coração.

— «Todos, todos d'esta idade,
«na tua festividade,
«bom Jesus, tem claridade,
«prazer, fartura e calor;
«d'entre as tuas creaturas
«só eu te adoro ás escuras;
«só contra mim te conjuras,
«menino que és todo amor.

«Paciencia!... pouco importa!
«dá tudo aos mais e os conforta,
«mas a mim a tua porta
«depressa me faze abrir.
«N'este mundo frio, escasso,
«não posso dar mais um passo;
«de tua mãe no regaço
«quero ir pousar e dormir.» —

Diz, e assenta-se carpindo.
Eis que outro infante mais lindo
lhe apparece, refulgindo
qual uma estrella sem véu!
tem de neve e d'oiro a veste,
azas de azul, voz celeste:
— «Sempre comtigo me houveste»
lhe diz, apontando ao céu.

«Olha a estrellada abobada,
«irmão querido,
«terrestre anginho candido
«a quem presido;
«de luzes toda esplendida
«rica, immortal,
«aquella, aquella é a arvore
«do teu Natal.

«D'alvas estrellas tremulas
«enflora os ramos;
«nós, nós o bando aligero,
«n'elles cantâmos.
«Já nosso pae (consola-te)
«lá te anda a pôr
«as ineffaveis dadivas
«do séu amor.

«Soa a tua hora; alegra-te;
«surge immortal:
«aquella, aquella é a arvore
«do teu Natal.» —

Tudo o que assim lhe dizia
o risonho ethereo guia,
tudo cheio de alegria

'stava o pobresinho a ver.
Pouco a pouco os olhos cerra;
quando outra vez os descerra,
em vez do exilio da terra
acha a patria do prazer!

Já tem àzas, gira, voa;
já co'os anjos gloria entoa,
já sua arvore o corôa
de estrellinhas em botão;
já sente affago materno;
já desfructa amor paterno;
das virgens o côro terno
o saúda por irmão.

Ah! como este innocentinho,
sem plumas, sem mãe, sem ninho,
não tem o mundo mesquinho
tanta creança? e não tem
outras mil de peior sorte,
com quem é madrasta a morte,
e a quem bradará mais forte
a penuria do que o bem?

Quão formosa a caridade,
que imitando a divindade
folga se acha um d'esta idade,
como se achára um sequim,
e o beija, enthesoura e zela!
Oh não, que a não ha mais bella!
— «Os pequeninos» — diz ella, —
«deixae-os vir para mim.» —

Vós á terra e ao céu propicios,

que daes com mil beneficios
contra a fome e contra os vicios
asylo ao bando infantil,
redobrae com mãos piedosas
esmolas, que milagrosas
recobrareis feitas rosas
nos campos do eterno abril.

LENDA DOS BAILARINS

Saltae, cantae, filhos; vós sois pequeninos,
e a Deus ledamente se deve servir;
Jesus nas palhinhas estava-se a rir;
e depois de grande chamava os meninos.

Saltae, cantae, filhos; que o Santo Natal
é festa de todos, mas vossa mórmente:
Jesus é no berço; no ar refulgente
volteia de anjinhos um bando contente,
que são as creanças do reino immortal.

Aqui, brincae, filhos; mas logo, no templo,
respeito e fervor!
porque... mas sentae-vos, e ouvi-me este exemplo.
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

Foi caso mui triste, de horror e de espanto;
ninguem o leu nunca sem tremula voz;
mas não tenhaes medo, que Deus é por nós,
e a Virgem nos cobre com seu rico manto.

Cozei-vos comigo; prestae-me attenção.
Faz hoje oitocentos e trinta e dois annos...
(Ouvis os repiques, e os gallos ufanos,
que estão á porfia clamando aos humanos:
¡Nasceu Jesu-Christo, baixou redempção!)

Foi pois n'esta noite das glorias do templo,
n'est'hora de amor,
que lá em Saxonia passou este exemplo.
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

Ia ao cemiterio, n'essa noite aberto,
muito povo á missa; doze horas a dar,
subia a dizê-la no festivo altar
um clerigo velho chamado Ruperto.

Ouvia-lh'a o povo com mil devoções,
não só por ser padre de mui santa vida,
e ser tal o dia, senão porque a ermida
estava em paragem que tanto convida
a serias tristezas e pede orações;

ermida entre mortos... é como n'um templo
sacrario interior;
não tremaes, filhinhos, mas ouvi o exemplo.
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

Havia na terra (chamava-se Otherio)
um homem sem siso, sem lei e sem Deus;
o qual n'essa noite com quinze dos seus
e mais tres mulheres veiu ao cemiterio.

Vinham d'uma ceia de largo beber;
chegaram, bem viram que se estava á missa,
voltaram-lhe as costas; o demo os enliça,
os leva, os arrasta, nas almas lhes atiça
o fogo insensato de um solto prazer;

entraram-se em dansas diante do templo
com alto clamor...
Não riaes, ó filhos; ouvi este exemplo.
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

Sentindo a doidice d'aquella impia turba,
o padre da missa lhe manda intimar,
que respeite os santos mysterios do altar,
e a paz dos finados, que assim se perturba;

que ás trovas profanas e ás dansas dem fim,
ou vão prosegui-las em outros logares.
Com palmas, com risos, com chufas alvares
os impios respondem; e aos torpes folgares
estrepitos novos ajuntam assim.

Ruperto se abrasa no fundo do templo
em santo furor.
Ouvi ora o resto, que foi grande exemplo.
Rezae ao Présepio de Nosso Senhor.

— «Em nome do Padre, do Filho e do Esp'rito,»
sussurrou o velho: — «já que assim folgaes,
«folgae todo um anno.» — Palavras fataes!
¡Occultos juizos do Ser Infinito!

Saiu todo o povo; ficaram-se ali,
dansando ás escuras em dansa hedionda;
veiu o novo dia, durava inda a ronda,
sem que haja de tantos um só que responda
a quem se dóe d'elles, ou d'elles se ri;

os mortos não guardam de roda do templo
silencio maior.
Ouvi, ouvi, filhos, o horrivel exemplo.
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

Já passa outra noite, já passa outro dia,
e as furias dansantes a mais, sempre a mais!
vem filhos, mulheres, maridos e paes,
parentes, estranhos, e tudo á porfia,

pedir-lhes, clamar-lhes;—¡clamores bem vãos!
nenhum volve o rosto, nenhum muda o passo;
proseguem travados no mesmo compasso;
se um braço lhes puxam, lá vem solto o braço,
qual lêveda massa se aparta entre as mãos;

e nem corre sangue, nem o echo do templo
repete ais de dor;
nem pára o remoinho; ¡terrivel exemplo!
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

Chegavam-lhe aos beiços comer ou bebidas,
e não lhes tocavam; bradavam-lhes ¡sús!
e não se detinham; mostravam-lhe a cruz,
não davam por ella taes almas perdidas.

N'aquella retouça de fragua infernal,
passaram dezembro, janeiro, fev'reiro,
os mezes das flores, os sóes do ceifeiro,
a quadra das fructas; emfim anno inteiro,
até que de novo foi vindo o Natal,

e achou-os ainda diante do templo
no mesmo furor,
mas quasi esqueletos... ¡ai lugubre exemplo!
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

Nem gota de chuva sobre elles caíra;
o sol os tornára mais negros que o breu;
já té ás cinturas a terra os sorveu,
cavada, esvarrida com tal vira-vira;

e o fato e o calçado diffrença não tem.
Co'a praga tremenda do irado Ruperto,
por li aos infernos se iriam de certo,
se a benção trazida por Santo Heribertho,
que é bispo em Colonia, salva-los não vem:

co'a benção pararam, cairam. Ao templo
os leva o pastor.
¡Da graça divina magnifico exemplo!
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

Já são absolvidos com doces confortos;
e á missa commungam do Santo Natal.
Já têem brancos rostos, e as almas crystal.
As tres logo expiram, e seis cáem mortos.

Nove entraram logo dos céus nos festins;
aos dez, que ficaram, tão puros, tão prestes,
tambem não tardaram as bodas celestes,
que a seis de janeiro já entre os cyprestes
co'os nove pousavam os dez bailarins.

¡Mas lá toca á missa! corramos ao templo
com todo o fervor.
¡Dae vós, pequeninos, aos grandes exemplo
respeitando as cousas de Nosso Senhor.

O RAPTO DE EUROPA

VERTIDO DE MOSCHO

E DEDICADO AO HELENISTA INSIGNE, E INSIGNE POETA PORTUGUEZ

ANTONIO JOSÉ VIALE

Sonhára um dia Europa um sonho encantador,
todo influxo da mãe das Graças e do Amor.

Era a noite no termo, em que, esperando a aurora,
mais doce reina o somno; hora, aprazivel hora,
em que o vigor exhausto aos membros se refaz;
hora, em que, estranho ao mundo, o espirito se apraz
nas meigas illusões dos sonhos, que fagueiros,
contra o costume seu, nos fallam verdadeiros.

No andar superior do palacio real,
a agenoria princeza, em leito virginal,
Europa, dorme ainda. Em sonhos está vendo
travarem-se por ella ás mãos de Marte horrendo

duas partes do mundo: Asia, d'alem; de cá,
o patrio continente em que ella propria está.
Tem uma e outra a fórma, a face, feminina;
mas esta, conterranea; aquella, peregrina.
A primeira, por filha a reivindica: — «O ser,
«quem, senão eu, lhe ha dado? aqui foi seu crescer;
«foi aqui seu florir...» — Da outra os fortes braços
a cingem entretanto; e ella áquelles abraços
não resiste; ir se deixa. — «Europa é minha!» — diz
a soberba estrangeira — «o fado assim o quiz;
«o oraculo m'a dá.» — Em seu convulso leito
n'isto a donzella acorda, alvorotado o peito!
surge tremula! o sonho, o que viu, e inda vê...
não crê ser illusão; ser um annuncio crê.
Senta-se, e longo espaço immovel se conserva,
que os dois vultos rivaes presentes inda observa!
Sólta por fim a voz: — «Que nume aqui me traz
estas visões!? — exclama — «e quando em tanta paz
«descanso adormecida, a que vem, tão violento,
«um sonho, um sonho assim, turbar meu pensamento?!
«Quem era essa estrangeira? essa mulher... que eu vi?!
«que subita affeição por ella não senti!
«e ella, com que ternura ao peito me apertava!
«como era maternal o olhar que em mim fitava!
«Tornem-me os immortaes propicio o sonho meu.» —

Levanta-se; a buscar suas socias correu;
socias suas na idade, igualmente donzellas,
dignas do seu amor, illustres, meigas, bellas;
côro que a segue sempre, e quando aos campos sae,
e quando as dansas tece, e quando ao banho vae
no fresco umbroso Anauro; ou quando finalmente
boninas vão colher no prado florescente.
De Europa ouvindo a voz, todas correndo vem;
cada qual já na mão o seu cestinho tem,
em que ha de arrecadar das flores a colheita.

A turba folgasã, parte; lá vae direita
aos chãos onde tem d'uso ir mais vezes brincar,
por ser entre rosaes, e ouvir-se aos pés o mar.

O cesto da princeza era na arte prodigio:
feitura, e rico don do sabio fabro anfigio
a Lybe, quando Amor a Neptuno a juntou.
Á bella Telephaça, após, Lybe o dooú:
eram do mesmo sangue; e Telephaça o dera
á sua filha Europa. A industria não espera
ter gloria igual jamais: do artista a mão subtil
primorosos n'esse oiro unira assombros mil:
lá, se via esculpida, em fórma de novilha,
já sem nada de nympha, Io, de Ínacho, a filha;
viam-se os ageis pés as ondas retalhar;
nadava; azul escuro era o cariz do mar;
e dois homens, de lá, da costa, em pé nas fragas,
a admirar que uma vacca assim fendesse as vagas.
Depois, estava Jove; a dextra do immortal,
via-se, mimos toda, affagar o animal:
d'esse aspecto illusor, logo após, desvesti-lo;
e Io, outra vez mulher, co'o Deus ao rez do Nilo.
Da septenflua corrente eram prata os caudaes;
de bronze a vacca; de oiro o rei dos immortaes.
Tal por dentro o lavor. Co'o fim do estranho caso
se arraiava por fóra o ambito do vaso:
via-se lá Mercurio; o eterno velador,
Argos, lhe estava junto; o astuto embahidor
decepa-lhe a cerviz; o sangue purpureja,
em pavão se converte; o pavão se espaneja,
alardeando ao sol seu fulgido matiz;
da nobre cauda aberta alça as plumas gentis,
como véla de barco a resvalar nas ondas.
D'estas plumas a curva é que veste as redondas
bordas do cesto rico, obra do Lemnio deus,
e don de Thelephaça á filha, amores seus.

Mal se viram á solta em seus dilectos prados,
lançaram-se a folgar. Cada qual seus cuidados,
entre mil flores, punha em procurar a flor
mais de sua affeição: dos narcisos o olor,
praz a uma; outra, quer o jacinto; a violeta,
é d'esta; o serpol, d'essa. A terra se atapeta
co'o floreo desbarate. Alem, se luta; quer
cada uma apanhar primeira o bem-me-quer.

Por outra parte Europa andava emtanto ás rosas,
co'um grupo de fieis, formosa entre as formosas,
qual de Paphos a Deusa entre as Graças louçãs.

Oh brincos da innocencia! oh doces horas vãs!
cedo lhe ides fugir. Das flores a colheita
está por pouco; o cinto, o cinto que se estreita
na virginea cintura, em breve o soltará.
Jove a divisa, pasma, adora-a, d'ella é já;
pois o idalio farpão, que ri da omnipotencia,
mal n'ella os olhos poz, com subita violencia
partiu, chegou, rompeu, lhe abrasa o coração.

Medroso da consorte, e ardendo em ambição
de render a princeza, occulta a divindade,
some em taurina fórma a eterna magestade.
Não era um touro, não, como esses que observaes
nas leziras pastando, ou presos nos curraes,
ou que vão arrastando os carros gemedores,
ou revolvem co'a relha a gleba aos lavradores:
todo amarello-escuro, a fronte só lhe tem
redonda malha argentea; azul, que a nascer vem,
é dos olhos a luz accesos de ternura.
Duas pontas iguaes c'roam-lhe a catadura,
imitantes no airoso á lua em seu crescer.
N'este aspecto fallaz sumido o ethereo ser,
entrou Jove no prado. As timidas donzellas

não fogem do animal, que se approxima d'ellas;
approximam-se d'elle; e folgam de o tocar.
Na fragrancia que exhala, embalsama-se o ar!
todo o vergel do prado é menos rescendente!

Apenas chega ao pé da princeza innocente,
pára; lambe-lhe as mãos, os pés, o collo; faz
quantas caricias póde. A fronte, não minaz,
tambem ella lhe affaga; o limpa d'alva espuma;
limpo, o contempla; o beija, uma vez, e mais de uma.
Então, o ouve mugir! um suave mugir!
tão suave! tão bom!... que lhe parece ouvir
de uma flauta migdonea os sons melodiosos!

Dobra o touro ante Europa os joelhos nervosos;
encara-a prazenteiro; e encurvando a cerviz,
lhe offerta o largo dorso. — «Avizinhae-vos» — diz
Europa ao lindo rancho — «é vir! é vir sem medo!
«bem vêdes quanto é manso, e como pousa quedo!
«vinde! e n'elle comigo, ó socias, vos sentae.
«Que festa vamos ter! Deitado, reparae,
«para todas dá campo o lado seu macio;
«sentemo-nos; será como ir sobre um navio.
«Não ha p'rigo nenhum, nenhum! não é feroz
«como os outros; discorre; oh! se tivesse voz,
«como foi dada á gente, e soubesse exprimir-se!...» —

Diz; senta-se no touro, esbelta, audaz, e a rir-se;
iam seguir-lhe o exemplo; o touro, que feliz
já tem quanto anhelou... parte; os ares subtis
rasga, vôa, é na praia. Embalde a afflicta dama,
para trás revirada, as caras socias chama;
os braços lhes estende; e lh'os estende em vão!
nem já podem ouvi-la. O roubador então,
no mar comsigo dá. Nada como um golphinho;
afasta-se da terra; o liquido caminho

as plantas não lhe molha; e o turbulento mar
vê-se ante elle, de humilde, as ondas aplanar.
As baleias, em torno ao grão senhor dos numes,
retoiçam de alvoroço! os delphins em cardumes,
mergulham té o abysmo, e, doidos de prazer,
do immenso plaino á flor tornam a apparecer!
as filhas de Nereu, das humidas moradas
saem todas; e vem, sobre monstros sentadas,
desfilar na presença ao arbitro dos céus;
e Neptuno, que exulta entre horror de escarcéus,
esse, o proprio Neptuno, honrando o irmão celeste,
lhe espelha todo o mar; d'alegre azul lh'o veste;
de planicie em planicie elle mesmo o conduz!
Rodeiam-n'o os Tritões, que surdiram á luz
das cavernas sem fim que habitam no profundo;
e no torcido busio, em cantico jocundo,
fazem troar ao longe o carme nupcial
ao par que ora transpõe seu lustroso crystal!

No emtanto Europa, vae no touro omnipotente!
n'um dos cornos segura uma das mãos tremente...
a outra, a cada instante a abaixar, a compor,
a veste purpurina, abrigo do pudor;
leve abrigo! que o vento ás vezes, quando passa,
lhe ondula, e, mal cortez, não raro lhe arregaça!
E tanto a abaixa, e tanto, (ingenua timidez!)
que a barra á flor do mar se molha alguma vez.
Infuna-se o amplo véu sobre os hombros da bella;
subleva-a, como barco arfa com plena véla.

Ai! do paiz natal, ai! quanto longe está!
costas, onde o mar bate, esvairam-se já!
nem sequer já descobre o pincaro de um monte!
mar, sem fim, sob os pés! céu, sem fim, sobre a fronte!

Olhando em torno... exclama: — «Onde vamos?! quem és,

« divino touro?! ó tu que sob os duros pés
« calcas sem medo o pego?! as naus, o oceano açoutam;
« mas á planicie undosa os touros não se afoutam!
« aguas doces á sêde encôntra-las aqui?
« onde vês um só pasto? occulto acaso em ti
« vae um deus? mas então... se és deus... como se explica
« praticares acções que nunca um deus pratica?!

« Não vão delphins á terra; ao mar touros não vem;
« tu... por terra, ou por mar, corres, se te convem;
« são-te remos os pés, talvez teu peso grave,
« se o quizesses alçar, cortára os céus como ave!

« Ai! misera! deixei os paços de meu pae!
« de um touro me fiei, que levando-me vae,
« tão perdida, tão só, por este horrivel ermo
« de aguas! aqui! alem! mais longe! aguas sem termo!

« Mas tu, Neptuno! ó tu, que das ondas és rei,
« presta-me o teu favor! quem me leva, não sei;
« mas descobrir espero o deus que me encaminha;
« que, certo, um deus protege esta viagem minha. » —

Calou-se; e vozes taes o touro lhe volveu:
— « Virgem! não hajas medo; anima-te; sou eu;
« sou Jupiter. Meu ser, se lhe apraz transformar-se,
« transforma-se; tomei por ti este disfarce,
« e n'elle vou cortando esta immensa extensão.
« Vê quanto póde amor por ti n'um coração!
« Mais um momento... e Creta, afortunada estancia,
« a terra que mais amo, ilha da minha infancia,
« vae dar-te em fim repouso. Ali, os hymeneus
« teceremos; ali, de egregios filhos meus,
« que todos reinarão, serás mãe. » —

Seguiu mudo.

Era immensa a promessa; o fado cumpriu tudo.

Já Creta se descobre. Aportam. O animal
desapparece; é Jove. O cinto virginal
deslaça á casta Europa. O leito do noivado
pelas Horas gentis lhes fôra preparado.

A donzella foi mãe; e ao terno Jove seu
com filhos de alta fama o nome engrandeceu.

A INVENÇÃO DOS JARDINS

(Imitação de Gessner)

Do inverno embora ós rigores
nos tenham no lar captivos;
aqui mesmo, ó meus amores,
te posso eu dar redivivos
gostos da quadra das flores.

Sim, flores tenho; colhi-as
do campo entre as alegrias
em cada bella estação,
para t'as dar n'estes dias,
deusa do meu coração.

Tenho-as n'alma enthesouradas;
vou-te mostrar as mais bellas
a ver se d'ellas te agradas;
se me sorrires ao vê-las,
sorrir-me-hão mil boas fadas.

Ellas me inspirem; que intento

dos jardins o fausto invento
em singelo canto expor.
Um jardim é monumento
que recorda e inspira amor.

—«Foi aqui mesmo, á tremula
sombra do olmeiro,
—dizia o pastor Lícidas—
aqui, aqui,
que eu hontem n'estes labios
tive o primeiro
beijo da minha Flérida,
e endoudeci!

Recordas-te? o crepusculo
vinha caindo;
chilrava o bando aligero
hora d'amor;
todo era affecto e jubilo
teu gesto lindo;
todo eu desejos sofregos
e interno ardor.

Co'o braço ao peito tremulo
eu te cingia,
vendo em teu seio candido
teu suspirar.
Este feliz silencio,
nada o rompia;
eram suaves lagrimas
o meu fallar.

Da mão nevada e languida
cáe-te o cajado;
cáe-te o rosto, qual lyrio
pendido a mim;

e d'anciosos anhélitos
intercortado
te sáe dos labios — amo-te!
Amo-te! sim.

Amei sempre o meu Lícidas:
vós, arvoredos,
musgosas fontes rusticas,
vós lh'o dizei.
Flores, depositarias
dos meus segredos,
com quantos choros intimos
vos não reguei! —

Oh! que alvoroço, que extase
me endeusava,
ouvindo á minha Flérida
tal confissão!
Amor em mim a subitas
vasou a aljava;
arde e canta delicias
meu coração.

No auge do delirio
turbado o pejo,
n'um turbilhão indomito
d'almo prazer,
recebo o farpão ultimo
n'aquelle beijo
não pedido e dulcissimo
de endoudecer.

Tão fortunoso sitio,
Flérida minha,
nossa terna memoria
leve ao porvir;

como entre os ermos liquidos
uma ilhasinha,
sempre viçoso e placido
se veja rir. » —

E eis o nosso pegureiro·
plantando em torno do olmeiro
verde, purpureo rosal,
monumento d'um primeiro
doce beijo virginal.

Ao roliço tronco enlaça
escamonéa albi-flora,
que revestindo-o com graça
lembre candida pastora
que ao seu querido se abraça.

Cobre a terra de um relvado,
que em passeio namorado
convida a fofo sentar;
e aos que n'elle se hão sentado,
a mais brando reclinar.

Dos valles e das collinas
congrega no seu thesouro
mil variadas flores finas;
côr d'amethysta, côr d'oiro,
brancas, azues, purpurinas.

Mas de quantas brota e gera
a fecunda primavera,
mais apreço áquellas dá,
que os amores em Cythéra
preferido haviam já:

as mimosas sensitivas,

que, por mais enamorarem,
provocam as mãos lascivas;
e depois de as provocarem,
tremem, sómem-se d'esquivas;

a violeta, que se aninha
rescendente e innocentinha
no seio da sua mãe;
o mal-me-quer, que adivinha
se ha odio, amor ou desdem;

lyrio, imagem da candura;
cecem, da ingenua pureza;
a saudade sempre escura;
perpetua, que diz firmeza;
perfeito amor, que amor jura;

suspiro, em que alma suspira;
pallida flor, que o céu gira
sempre atrás do esquivo sol;
boa noite, que respira
delicias co'o rouxinol.

E após estas, mal presumes
que de symbolicas flores
ali juntou em cardumes!
E quaes não fallam d'amores
no idioma de seus perfumes?

Então, invocando a Aurora,
Lua, Sol, Zephyro, Flora,
e sobre tudo esse Deus
que n'um beijo a quem o adora
verte mil favos dos seus,

desvia o curso trilhado

de clara fonte vizinha;
leito de cannas bordado
sua agua azul encaminha
em redor do verde prado.

E n'arte nova já mestre,
por que dente ou pé silvestre
lhe não entre ao seu jardim,
com um comoro campestre
d'espinhos o cerca alfim.

Quando a amavel pegureira
de maio em fresca alvorada
veiu ao sitio a vez primeira,
n'esta canção de enlevada
soltou a voz feiticeira:

— «Salve, frondente abobada!
Salve, calado olmeiro!
Vós, testemunhas unicas
do beijo meu primeiro!

Salve, florinhas simplices,
que em dita me igualaes;
lindas sem artificios,
felizes sem rivaes!

E tu, regato esplendido,
onde com tanto gosto
por entre ramas tremulas
miro n'um céu meu rosto!

Medrae! flori! conceda-vos
amor por seu condão,
quaes sois em tudo Elysios
Elysia duração!

Rolinhas melancholicas,
onde ha verdor entre aguas
que expire melhor balsamo
para amorosas maguas?

Do meu olmeiro, os pincaros
chamar por vós sentis,
pombas, do coche idalio
brancos frisões gentis?

Vinde, apraziveis hospedas;
que arrulhos de ternura
são consonancia aos frémitos
das aguas e verdura.

De ramo em ramo os passaros
vôem cantando amor;
as borboletas gosem-no
tremendo em cada flor.

Vem, Lícidas... vem, Lícidas...
corôa os meus desejos;
se é tal d'um beijo o premio,
que não farão mil beijos! »—

Co'o bem-fadar d'esta fada
ao olmo, ao regato, ás flores,
tudo na ilhota encantada
foi medrando; e vós, amores,
crescendo em cada alvorada.

Foi assim, que o mundo infante
viu nascer d'um beijo amante
o primeiro jardim seu.
Prouve o exemplo; arte elegante
o adoptou, o engrandeceu.

Foi a mais e mais o luxo:
fez-se o marmore alvas nymphas;
fez-se obeliscos o buxo;
rebentam, florejam lymphas
em prismatico repuxo.

Vitreos palacios de cores
juntam atonitas flores
das mais longes regiões;
em harpas sem tocadores
vem cantar as virações.

Feras, aves dos dois mundos,
presas rugem, cantam, pulam;
vive Echo em antros profundos;
selvas que um lago circulam,
contém mysterios jocundos.

Oh! sim; mas esta jactancia,
esta pomposa elegancia,
quão menos ás almas diz
que a paz, a sombra, a fragrancia
d'aquella ilhota feliz!

Que vezes amantes pares
de singelos camponezes
avistando esses logares,
ou, lá de longe, que vezes
sentindo-lhe os brandos ares,

suspendendo o frouxo passo,
ficaram, por longo espaço,
suspirosos, em mudez!
E ella d'elle ao seio o braço
apertou com languidez!

E disse —Vamos fugindo;
cansada talvez da selva
jaz Diana ali dormindo...
ou á sombra n'essa relva
meditam virgens do Pindo!—

—Enganas-te —elle dizia—
o coração me annuncia
que ali deve de habitar,
a que só encantos cria,
mãe d'amor, filha do mar.—

A PRIMAVERA NO MAR

A presente lyrica é traduzida do dinamarquez de Paulo Mœller que a deu sob o titulo de *Glaede over Danmark* (Delicias da Dinamarca). O traductor entende que no ir offerecendo aos estudiosos boas amostras de uma poesia do extremo norte, muito formosa, muito original, e entre nós totalmente desconhecida, algum serviço faz, ao qual um dia se dará louvor:

Non auditurò cineri...

Contra criticarias de critiqueiros por curiosidade ou por fadario, o futuro, a sua consciencia, o voto e o apreço dos sisudos lhe bastam e sobram. As saturnaes da critica não hão de durar sempre, nem hão de durar muito...

Isto levava na frente quando, ha já hoje bastantes annos, saía a publico pela primeira vez esta versãosinha. Enganei-me

com a minha terra; mesmo por estar n'ella é que não fui propheta. Se já então havia praga de critiqueiros sem posses nem graça, nem decencia, nem consciencia, chilros e desenxabidos que nem havia modo de os ler, quanto mais de se lhes acudir com resposta, que se não dirá dos de hoje em dia?! E pois vão as cousas de foz em fóra, que se não dirá dos que surdirem da vareja d'estes para de aqui a vinte annos mais?!

Nada melhor para aperfeiçoamento das artes que as sabias criticas nascidas do gosto, amadurecidas pelo estudo, apresentadas suavemente por mão cortez e delicada; a essas queremos nós tanto bem, quanto ás satyras javardas e lamacentas que lhes usurpam o nome, e não passam de malignidade proterva, as esconjurâmos como peste.

Já sem duvida florescem
nos danios jardins as rosas;
já d'abelhas fervorosas
surge o enxame ao novo sol:
nos vestidos arvoredos
já seus amantes segredos
canta esperto o rouxinol.

Co'o seu poldro a egua ufana
volve a pisar o enflorado
pasto espesso, que ensinado
já lhe fôra por seus paes:
do zagal as mãos afoitas
catam nas sarças das moitas
seus dulcissimos coraes.

Cá, nas brenhas movediças
d'estes mares rugidores,
não ha canticos, nem flores,

não ha perfumes no ar:
só em roda do navio
se ouve o bando inerte e frio
das baleias resfolgar.

Mudos passaros revoam
sobre o tumido elemento,
em procura do alimento
que aos mergulhos vão colher.
Eis as scenas deleitosas
que entre as ondas revoltosas
gera a quadra do prazer!

Vós, que estaes em nossa Dania,
pensareis, fieis amigos,
no viajante, que entre p'rigos
longa ausencia anda a carpir,
sonha patria, flores, bellas...
e desperta aos sons das vélas,
do bravo sul ao rugir?!

Onde quer que a prôa incerta
nos conduza errante acaso,
quer na aurora, quer no occaso,
sempre é *Sund* aos olhos meus!
Dania vejo em quaesquer praias!
qualquer bosque é suas faias,
a quem digo um longo adeus!

Chego ás vinhas de Constança:
quadro ameno dor me brota:
da alameda de Carlota
cuido as sombras divisar!
Sempre a doce patria minha!...
sempre os socios que eu lá tinha!...
sempre... e sempre os céus e o mar!...

Patria! oh patria! quanto é duro,
eu, que vivo a suspirar-te,
ouvir barbara chamar-te
por mais barbaras nações!
e por nescios falladores
ver trocados teus louvores
em motejos, em baldões!

Os chatins da vil Manilha,
indios meio e meio hispanos,
feros jaus, com oiro ufanos;
'té o aquatico hollandez,
te chamam pobre e mesquinha!
Ah! na pobre patria minha
quem me já dera outra vez!

Em seu rico manto envolto
o oriental a gosos dado
entre leques reclinado
em vão procura frescor;
com seu café se regala,
e o cachimbo em torno exhala
seu narcotico vapor;

mas seus passaros são mudos,
são sem cheiro as suas flores,
sem amor são seus amores,
seus prazeres sem prazer;
são imagens de delicias,
arremedos de caricias,
falsas copias do viver.

¿Pódes tu, pobre ricaço,
comprar, co'o oiro em que brilhas,
um amor como o das filhas
do meu saudoso paiz?

¿uma aragem fresca e branda,
como o vasto mar lh'as manda,
tão cheirosas? tão subtis?

um arvoredo aprazivel,
como é de Tula a floresta?
um prado para uma sésta
dormida no trevo em flor?
Bens da minha Dinamarca,
os thesouros de um monarcha
junto a vós não têem valor.

Lá, divisa-se a ventura
no aldeão mais indigente:
tem um rosto intelligente,
tem um braço varonil,
trasbordam-lhe o tarro e a eira;
se abana a sua maceira,
chovem-lhe os fructos aos mil.

A sua vacca ociosa
pasce enterrada nas hervas.
Terra feliz! tu conservas
toda a benção do teu Deus!
Se o pão negro dá valentes,
que o digam da Europa as gentes
aos pés dos normandos teus.

O sultão, entre columnas,
sobre cochins d'escarlata,
ouça do eunuco a volata,
veja seios nus pular;
não se move; inerte e frio,
é qual idolo vasio,
entre aromas sobre altar;

sob as faias verdiclaras,
espreitado só da lua,
passeia co'a noiva sua
o amante dinamarquez;
o cisne lhe argenta o lago;
rouxinol occulto e vago
quebra da noite a mudez.

Se a isto chamaes pobreza,
homens pavões lá da aurora,
chamae-lhe pobreza embora!
amo a pobreza feliz.
Oh! pão negro! oh! primavera!
oh! Dania, quem me lá dera!
oh! meu paiz! meu paiz!

A CONSTANCIA ALDEÃ

(Com musica de M.me Rosier)

Viste o fidalguinho,
tão dado e tão franco,
veneras ao peito,
sombreirinho branco,

como andou co'as moças
a rir e a folgar,
no dia da festa
do nosso logar?

Viste-l'o, Thereza?
Lembras-te, Luzia?
Reparaste, Rosa?
Deste fé, Maria?

Pois sabei vós todas,
que aquelle alfenim
se perde e se mata
d'amores por mim.

Á missa da festa
primeiro nos vimos;
ao beijar-se os padres,
olhou-me... e sorrimos.

A porta da igreja
n'aquelle apertão,
o lenço que eu tinha
trocou-m'o na mão

por este de seda
de trinta mil cores,
que cheira a dois cheiros:
a rosas e amores.

Quem me dá taes prendas,
e uns risos assim,
bem mostra que morre
d'amores por mim.

Nas dansas do adro,
que apertos de dedos!...
Nos jogos de prendas,
que lindos segredos!

Sabei, mas caluda!...
sabei que é marquez!
E então que promessas
que o trasgo me fez!

Vou ser marquezinha;
vou ter traquitana;
dansar vamos juntos
a cracoviana;

Trajar oiro e rendas,
velludo e setim;
dar-me-ha quanto eu queira,
pois morre por mim.

Ai dor! finda a sésta!
Marqueza mofina!
Tornemos á ceifa,
que toca a busina.

Co'os mais cegadores
Chrispim lá vem já...
Ninguem tal lhe conte
que endoudecerá.

Olhae o seu coche!...
Lá chega... que lindo!...
Lá passa!... Que monstro!...
com outra vae rindo!

Pois hei de vingar-me:
onde está Chrispim?
Este sim, que estala
d'amores por mim.

O RAPAZ DOS BURROS

(Com musica do Sr. Angelo Frondoni)

Aquella de verde,
que vae no meu russo,
que tem pela cara
sombrinhas de buço;

sempre é forte franga!
Nunca vi tal flor!
Vou-me aqui suando
de sêde e de amor.

Toca os teus, Canhoto,
bota-os para a estrada;
arre burros, burros,
vamos para Almada.

Se aquella mãosinha
pagasse um almude,
levava-o d'um sorvo
á sua saude.

Que bôca de risos!
Que modo jingão!
Que olhinhos tão gaios!
Ai meu coração!

Levo uma princeza
para a mascarada;
arre burros, burros,
vamos para Almada.

Por lhe dar um choxo
em cima do buço,
dava a vestia nova,
dava mesmo o russo;

só não dava as calças;
não dava, nem dou;
que n'este joelho
seu pé s'estribou.

Vou aqui, vou morto,
morri de facada;
arre burros, burros,
vamos para Almada.

Não olha, não ouve,
por mais que m'esturro,
correndo e gritando
arre burro, burro.

Pois pico-lhe o russo,
pois faço-a estender,
só por ver-lhe as ligas
e depois morrer.

Fica atrás, Canhoto,
vá de galopada;
arre burros, burros,
vamos para Almada.

Ha mais de dois annos
que sou burriqueiro,
nunca vi corpinho
tão bom cavalleiro.

Com trote, pinotes,
e couce a zunir,
nem quer que a segurem,
nem sabe cair.

Nas calças ao menos
quero outra pégada:
parae burros, burros,
chegámos a Almada.

CARTA[1]

AO

DIRECTOR DO PERIODICO LISBONENSE

A SEMANA[2]

SUPPOSTA HAVER-SE-LHE ENVIADO DO PORTO COM A FIRMA I. I. M. P. DE A. E. S.

PUBLICADA NO MESMO SEMANARIO

EM

14 DE FEVEREIRO DE 1851

Sr. redactor da Semana:—Ha muito tempo que não lia periodicos, porque tinha feito voto de passar, com santidade de ermitão, o resto dos meus dias na minha thebaida do Porto. Mas veiu a *Semana* tirar-me do meu serio: supponho que algum diabrete, d'estes que não deixam os monges estar quietos, envergando a sobrecasaca e arremedando as feições e falla de um meu amigo, que ainda anda perdido por esse mundo, me veiu tentar com o seu programma; não vou bem, me veiu tentar com o vosso programma. (O ermitão é dos que aceitam a proposta do tratamento de vós, aindaque não tem muito com quem converse.) Assignei pois para a *Semana,* tenho-a lido, e declaro-vos que me agrada. A prova é, que não tendo eu nunca dado para a imprensa nem um til, nem uma charada, nem um necrologio, em summa, não tendo, por essa parte, o diabo por onde me arme carrapata, nem de venialidade, vie-

[1] De A. F. de Castilho.
[2] A. da Silva Tullio.

ram-me pela primeira vez aos sessenta e dois annos feitos e desfeitos, titilações de ver idéas minhas em tinta de breu, e expô-las aos fogachos dos senhores folhetinistas.

Remetto-vos pois, como que a tentar vau, essa imitação que fiz de um apologo de Bailly, que não sei se é bom se mau poeta; esses senhores d'ahi que o decidam. Se a imprimirdes signal é de que vos não desagradou; n'esse caso continuarei a enviar-vos mais alguma parte do recheio dos meus dois gavetões de ineditos, *delicta juventutis;* aliás ficâmos amigos como d'antes, que nunca nos vimos, nem nos conhecemos; nem vós tereis perdido cousa alguma, nem eu.

Pelo que toca a janotas, posto haja n'esta cidade um botequim, que dizem ser hoje de mais tom que os de Lisboa; um theatro, que de certo não é peior que essa sanzala lyrica da capital; e um chuveiro de bailes de mascaras, sem fallar nos mascarados de todo o anno, que não bailam, confesso-vos, com a minha sinceridade de roupêta encanecido, que ainda não caí bem no que tal nome de *janota* signifique. O meu amigo, que me veiu tentar com o vosso programma, ou o diabo por elle, pedindo-lhe eu a definição e etymologia de tão esquipatico termo, que a mim me parecia quadrar melhor que a nenhuma outra cousa, a um gebo, a um jarreta, a um cepo, a um tartaruga, a um chorina como eu, me disse: que janota designava hoje o que em diversos tempos se chamára: peralvilho, taful, petimetre, casquilho, pimpão, peralta, quebra-esquinas, namorador, coraçãosinho de alcorce, cavalheiro servente, chichisbeu, maricas, espanadinho, alfanado, cãosinho de regaço, almiscarado, menino, meninó, França, francelho, faceira, loireiro, loiraça, amoladinho, pintalegrete, maricas macha, neutrinho, perna-tesa, trasgo, bule-bule, boneco enfeitado, etc., etc., etc.

Se assim é, vou atirar já para o monte o meu busca-pés. Se fosse elle á busca de cabeças não vos pedira que o esperdiçaceis.

A vossa correspondente do congresso das modas morreu? Terei pena, que engraçava com ella. Se não fossem os meus sessenta passados, havia de começar a galantea-la, mesmo no

vosso jornal. Perguntae-lhe vós se ella é pelos janotas, ou se gosta de velhos sisudos, mas que ainda não têem o coração desgastado—eu bem sei porque o pergunto.

Até mais.

Porto, 14 de fevereiro de 1851.

Vosso, como ella, constante leitor.

AS METAMORPHOSES DO MACACO

Jacó, flor das raças monas,
e alumno de um piemontez,
fazia entre mil gaifonas
cousas que o démo não fez.

Quanto via, arremedava
por modo tão natural,
que o piemontez lhe chamava
«Daguerreótypo animal.»

Se fallasse, assombraria;
porém, mesmo sem fallar,
em toda a macacaria
era um bichinho sem par.

Um dia, em certa barraca
de uma feira, onde brilhou,
com arte mais que velhaca
lustroso espelho empalmou.

Viu-se, e pasmou. — «Que diabo!!
«pois eu tenho a cara assim?!
«ó bruxas, de mim dae cabo,
«ou condoei-vos de mim!

«Machuchas mestras de tretas,
«se cabe em vós pio dó,
«deixae-me o don das caretas,
«no mais transformae Jacó.» —

Bruxinha de genio gaio
despachou-lhe a petição:
Eis o mono papagaio!
eis nova consumição!

— «O meu fallar é mui rico!
«Quanto ás pennas guapo estou!
«Mas este bico!... este bico!!
«Quem tal ratice inventou?

«Bruxa honrada! eu t'o aconselho.
«vá nova transformação.» —
Diz, torna a encarar o espelho,
vê-se estrellado pavão!

Espaneja-se garboso!
Ama-se; está como um dez.
Senão quando... ai desditoso!
Repara... que horrendos pés!

Novo rogo impertinente:
— «Por esta vez, e não mais» —
diz a velha impaciente
— «quero ceder aos teus ais;

«do que tu mesmo approvaste
«nas tres fórmas que te dei,
«para teu consolo baste,
«que esta final te armarei:

«Terás as visagens ricas,
«o papagaial palrar,
«do pavão as galas ricas:
«pegar no espelho! mirar!» —

Mira-se, exulta. Só nota
perfeições no todo seu.
Hoje chamam-lhe «janota»,
bicho incognito a Linneu.

TRADUCÇÃOSINHA

DEDICADA AO MEU VIZINHO DA ESQUINA

QUE FAZ CRITICAS

Varios animaes, um dia,
estando a pataratar,
acertaram de fallar
no bicho que a seda fia.

—«Que prenda! que habilidade!
—Dizia o clamor geral,—
«que estame tão fino e igual!
«que lustro! que suavidade!

«Os reis, os deuses e as damas
«não querem d'outro trajar!»—
Lagarta velha a amolar
ouvia emtanto essas famas:

Interrompia os louvores
com *más,* com *ses;* tanto fez,
que apanhou d'aquella vez
uma lição das melhores.

De tanta asneira já farta,
disse a raposa: — «Não vêm!
«é que a senhora lagarta
«é fiandeira tambem.» —

ARTE DE SER FELIZ

FILHO Meu pae, haverá receita
para um homem ser feliz?
PAE A philosophia diz,
que é ir estrada direita.

dar á patria e á humanidade
tudo quanto houver em nós.
FILHO Foi moda de bisavós:
já não se usa em nossa idade.

PAE Então recorrer á ronha...
FILHO Não me posso a tal domar:
quero a fortuna apanhar
sem lidas, mas sem vergonha.

PAE Para isso ha facil meio,
filho do meu coração;
faze-te parvo; os que o são,
são sempre os que a dão em cheio.

A INVENÇÃO DA AZENHA

(Traducção de um antigo epigramma grego)

Pobres moças condemnadas
em continua, atroz fadiga,
a moer a loura espiga
que em pó alvo o pão nos dá;

d'ora ávante as alvoradas
deixae lá cantar o gallo;
que dos somnos o regallo
já ninguem vos quebrará.

Toca ás Nayades agora,
Ceres mesma é quem lh'o envida,
libertando-vos da lida
vosso encargo preencher.

Ve-las saltam na sonora
roda leve e espadanada,
cujo eixo a mó pesada
faz em vortice volver!

Volta emfim a humanidade
á suavissima existencia
que nas eras de innocencia
disfructavam seus avós.

A tj, próspera deidade,
que estes ocios nos conferes,
sobre o altar da mesa, ó Ceres,
libaremos todos nós!

A INVENÇÃO DO CÁLAMO

(Traducção de um antigo epigramma grego)

Colmo fui, fui planta brava,
que não dava
pomo, ou figo, ou cacho; não;
virgem, como o côro Aonio,
como a elle no Heliconio,
me encantava a solidão.

Um passante em mim repara,
pensa, pára;
uma idéa lhe inspirei:
chega, corta-me, e eu silvestre,
aparado por tal mestre,
mestre ao mundo me tornei.

Bebi lagrimas d'aurora,
bebo agora
negra tinta e folgo mais;
tenho voz, eu que era mudo,
nada sei e ensino tudo,
torno os homens immortaes.

VERSOS

FEITOS PARA A ABERTURA DO ASYLO

DE

VIANNA DO CASTELLO

Voz

Dêem os céus perpetuas bençãos
aos que assim nos dão carinhos!
ao porvir, novos caminhos
nos conduzem sem terror.

Côro

Caridade! oh! sê bemdita,
que assim dás á infancia afflicta
lar, sustento, ensino, amor!

Voz

Avesitas engeitadas
esvoaçavamos perdidas;
nossas lastimas sentidas,
acolheu-as o Senhor!

Côro

Caridade! oh! sê bemdita,
que assim dás á infancia afflicta
lar, sustento, ensino, amor!

Voz

Fomos orphãos; somos filhos;
mães e paes depois seremos;
a lição que em bens colhemos,
vae ser de outros em favor.

Côro

Caridade! oh! sê bemdita,
que assim dás á infancia afflicta
lar, sustento, ensino, amor!

Voz

Ser pobre, innocente e infante,
diz que são tres c'rôas bellas;
era espinhos uma d'ellas;
nem já essa está sem flor.

Côro

Caridade! oh! sê bemdita,
que assim dás á infancia afflicta
lar, sustento, ensino, amor!

Voz

Das lições que recebemos
n'este asylo da orphandade,
é a amavel caridade
a lição de mais valor!

Côro

Caridade! oh! sê bemdita,
que assim dás á infancia afflicta
lar, sustento, ensino, amor!

CANTIGA

DE

GIRALDO SEM-PAVOR Á MOURA

FILHA DO GUARDADOR DA TORRE DE EVORA[1]

Viva Allah, foi meu padre um bom mouro,
moura madre me deu de mamar,
moura fada fadou-me um thesouro,
moura virgem m'o tem de entregar.

Honra a Allah que o porvir nos decreta
quando os olhos abrimos á luz!
tu és gloria aos fieis do Propheta,
eu horror aos de Affonso e da Cruz.

Manda Allah que eu te colha a meus laços,
Phenix rara, em teu proprio jardim,
e que só ao sentir-te em meus braços,
virgem moura, os meus males dêm fim.

Voto a Allah, meu laúde cansado,
se consigo esta flor das huris,
que has de em Meca pender marçhetado
d'oiro e perlas, de prata e rubis.

[1] Dos *Quadros historicos de Portugal.*

Allah bom, Allah forte, Allah grande,
lá do setimo céu me ouça já;
e um pelo outro a descanso nos mande
cedo, ó virgem mimosa d'Allah.

A TOMADA DE COIMBRA[1]

(Chacara)

I

Caminhavam frades bentos
do mosteiro de Lorvão,
quando acharam D. Fernando
no meio de Carrião:
era D. Fernando o Rei,
e seu reino era Leão.

— « D. Fernando, D. Fernando,
« novas de consolação!
« cavalleiros não nos ouçam,
« manda saír quantos são.
« Deus te nos manda dizer
« que tens Coimbra na mão.

« Descuidados estão mouros
« do poderío christão:
« d'elles o havemos sabido
« por sua conversação,
« quando nos vem de Coimbra
« a montear em Lorvão.

1 Dos *Quadros historicos de Portugal.*

«Fingimos uma romagem
«por livrar de suspeição,
«e viemos dar-te aviso,
«Gran Rei, senhor de Leão.
«Manda logo fazer prestes
«todo o ginete e peão.» —

Como tres mezes passaram,
era por janeiro então,
El-Rei é sobre Coimbra,
e os de dentro em confusão:
mas val o muro á cidade,
que é mui boa defensão.

Em que traz muitos vassallos
de caldeira e de pendão,
em que traz o Cid Ruy Dias
mais forte que quantos são,
não acaba de a tomar,
sete mezes já lá vão.

II

Já do cêrco de Coimbra
se quer El-Rei abalar,
por ser a cidade forte
que não na póde tomar,
e á gente que traz comsigo
falta com que a sustentar.

Mil triste, mil assombrado
vê-se Lorvão todo estar:
temem-se os frades dos mouros
mal que El-Rei os descercar:
tocam sinos no mosteiro,
vão-se os monges ajuntar.

Chorosos dão despedida
ao seu côro e ao seu altar,
ás cellas e sepulturas,
aos troncos do seu pomar,
aos montes dos arredores,
ás pedras, tambem ao ar.

Cruz alçada se partiam,
sem ousarem de se olhar,
que aquelles sinos que soam
não se ouvirão mais soar;
vão cantando *Miserere,*
mui de dentro é seu cantar.

Era El-Rei em Almafala;
lá lhe foram entregar,
quanto havia no mosteiro,
sem nada ali lhe faltar,
bois, cabras, porcos, ovelhas,
que se não podem contar;

pão e vinho sem medida
de sua eira e lagar,
legumes das hortas grandes,
fructas do rico pomar,
cousas todas que de muito
tinham andado a ajuntar.

Tudo El-Rei lhe agradecia
com amor mui singular,
e orações lhe encommendava
para a victoria alcançar;
e vendo a gente abastada,
continuou de cercar.

III

Á casa de Santiago
em devota romaria
chegára um bispo de Grecia,
Astiano se dizia,
que ouviu contar das batalhas
em que o Santo apparecia.

Dado que fosse este bispo,
bom o mais que ser podia,
disse aos romeiros: — « Senhores,
« tenho essa fé por sandia;
« pescador foi Santiago,
« nanja de cavallaria. » —

Recolhido á sua cama,
o Santo lhe apparecia,
armado de ponto em branco,
com mui muita galhardia,
e duas chaves doiradas
que na sua mão trazia.

— « As chaves são de Coimbra
« onde o Senhor Deus me envia;
« vou-me abrir a D. Fernando
« as portas da mouraria,
« ámanhã terei lá missa,
« que é ámanhã o meu dia.

« Fui pescador algum tempo,
« mas sou guerreiro á porfia,
« açoute de sarracenos,
« escudo da monarchia;
« quantos se a mim soccorrerem
« têm certa a minha valia. » —

Dizendo aquestas palavras
n'um cavallo se assubia
fanfarrão e corpolento,
alvo, de gran bizarria;
deu de esporas, largou redeas,
logo desapparecia.

IV

Vinte e cinco são de julho,
dia de grande prazer;
lá na Sé de Compostella
vae festa mui para ver,
que é dia de Santiago,
Santo de grande poder.

Orando estão peregrinos
lhes queira sempre valer,
mas Santiago está longe,
que a outros foi soccorrer;
batalham christãos e mouros
batalha de gran temer.

Aguas claras do Mondego
já se vêm sangue correr,
portas altas de Almedina
não se vêm estremecer;
pelo muro da Couraça
anda a batalha a ferver.

Cercadores e cercados
todos votam não ceder,
mas é mais a gente moura
da que se póde vencer;
tem lá mulheres e filhos,
quem na haverá de render?

Morrei, martyres de Christo,
que vos não podeis valer;
foge, foge, D. Fernando,
se não quéres perecer;
foge, que os teus cavalleiros
já fogem de arremetter.

A lua á tarde, em nascendo,
tristes cousas ha de ver;
mal ousará n'estas veigas,
tão suas, resplandecer;
christãos em lagos de sangue,
quaes mortos, quaes a morrer!

V

— «Santiago, Santiago,
— soa por todo o arraial, —
«salvação aos leonezes,
«e á gente de Portugal.» —
Vê-lo campea esgrimindo
sobre um cavallo real!

Santiago, Santiago!
vêde o rosto angelical;
vêde as armas que reluzem,
como se foram crystal;
a côr leite do cavallo,
nunca se viu outra igual!

Opa da côr do martyrio
que lhe vem mui natural,
bordada de oiro mui fino
que é das virtudes, não d'al,
barrada de pedraria
de lustre celestial;

seu olhar como de estrellas
mui sereno e imperial:
co'a lança de largo ferro
acena a todo o arraial,
e arremette contra a porta,
que nada contra elle val.

Aberta jaz a cidade
pela porta principal;
o cavalleiro remonta
á patria celestial;
o Rei co'as chaves em punho
entrou co'os seus em geral.

Christãos, ganhastes Coimbra,
mais que joia oriental;
mais tu, Coimbra, ganhaste,
que tens fonte baptismal,
e a tua mesquita grande
verás logo em cathedral.

Dar meia cidade aos monges
queria o Rei liberal,
mas os monges só quizeram
uma casa monacal;
contentes com Lorvão santo,
seu paraizo terreal.

Foi-se El-Rei a Compostella
com sua gente leal:
de atabales e trombetas
sôa estrondo festival,
abrem-se as portas do templo
bem armado e triumphal.

Todos co'o joelho em terra,
como cumpre em caso tal,
diziam de agradecidos
ao valedor immortal:
— « Santiago, Santiago,
« salvaste o nosso arraial;
« salva sempre os leonezes,
« e a gente de Portugal. » —

VERSOS

NO

PAVILHÃO MANDADO ARMAR NO CAES DO TERREIRO DO PAÇO

PELA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

PARA O FESTIVO DESEMBARQUE DE SUA MAGESTADE

A SENHORA DONA MARIA PIA DE SABOYA

Do lado do mar

Da bella Italia Estrella Soberana,
sejas bemvinda á Praia Lusitana!

Do lado da terra

Filha de Reis Heroes, de Reis Heroes Origem,
em nova Italia os céus throno de amor te erigem.

INSCRIPÇÕES

NO

ARCO TRIUMPHAL ERECTO NA RUA DIREITA DO SACRAMENTO

PARA SOLEMNISAÇÃO DO REAL CONSORCIO

EM 6 DE OUTUBRO DE 1862

De um lado

Filha, copia, e brasão d'uma Rainha Santa,
que entre anjos lá do Empyreo ao teu amor sorri!
por arcos triumphaes que o povo te levanta,
ao solio ascende. O solio altar lhe é já por ti.

Do outro

Os seraphins do amor em torno á Magestade
cantem da Italia ao Anjo hosanas triumphaes;
aqui se abraça ao pobre, a santa caridade,
que no geral festim não quer se escutem ais.

O AMOR

IMITADO DO HESPANHOL

DE

RODRIGO COTA

(Foi posto em musica pela Sr.ª D. Carolina Smith Rozier)

Vista cega, luz escura;
gloria triste, e morte em vida;
na ventura a desventura;
ocio duro, e branda lida;

choro alegre, incerto riso;
mel que amarga, e fel gostoso;
um martyrio em paraizo;
n'um inferno o maior goso;

confusão de paz e guerra;
bem supremo, e summo horror:
eis o pae, o algoz da terra:
o demonio, o Déus: o Amor.

VERSOS

CANTADOS NA COMEDIA

O CAVALHEIRO S. JORGE

REPRESENTADA

NO THEATRO DAS LARANJEIRAS EM 1847

POUCO TEMPO DEPOIS NO DE DONA MARIA SEGUNDA

E EM 1855 NO DE S. JOÃO DO PORTO

INTROITO DO ACTO I

Côro dos monteiros

Lá vae á saude das nossas proezas!
tremei, ó veados, por essas devezas!
que Baccho fervente, que as bravas matilhas,
em postas e estilhas vos vão lacerar.

Carregue, carregue, não seja mesquinho,
as armas de balas, o peito de vinho,
quem tenta brioso co'as feras brigar.

Côro de caçadores e monteiros

Viva amor, viva a folia!
quem o mundo soffreria
semsabor,
sem folia, e sem amor?

Côro de caçadores e monteiros

Lá soa a busina
que os peitos inflamma!
Á caça nos chama
seu rijo clamor;

corceis relinchando,
sabujos ladrando,
me estão redobrando
mavorcio furor.

Côro de caçadores

Toca, toca, bom monteiro;
trombeteiro
canta, canta a nossa gloria:
da victoria
canta o hymno ao vencedor.

DO ACTO II

Côro de cavalheiros e damas

Nuncio de mago jubilo,
de encanto festival,
soa do baile esplendido
o vívido signal.

Da bella em torno agite-se
cardume admirador,
como os desejos sofregos
em torno á mãe d'amor.

Côro de damas e cavalheiros

Que doce melodia!
que assombros de harmonia!
que estylo! que poesia!
que amor! que triumphar!

Italia, Italia, ó fada
dos musicos prestigios,
da França hoje os prodigios
bem podes invejar.

Côro de damas e cavalheiros

Que bella companhia!
folia e mais folia!
dansar, dansar, dansar,
é um prazer sem par.

Cantiga creoula do preto

Vi nascer florinha branca,
e eu não tinha a sua côr;
vi-a sorrir-me alva e franca,
não lhe pude rir de amor.

Ceguei-me na sua alvura,
respirei-a e endoudeci!...
adeus, florinha alva e pura,
vou morrer longe de ti.

Se o teu preto, o teu captivo,
te lembrar alguma vez,
pelos ais que te deu vivo,
morto, é bem que um ai lhe dês.

Que sonhos que eu tinha
de tanto prazer!...
adeus, iáiásinha,
perder-te é morrer.

O ALMANACH DE LEMBRANÇAS

Esta obrinha, tão popular e bemquista desde a sua primeira apparição em 1851, conta já hoje os seus treze volumes, e dá todos os signaes de boa vida para largos annos; oxalá que lhe não saiam fallidos! é um repositoriosinho encyclopedico tão util como agradavel, e um estimulo permanente ao gosto da leitura; louvor não pequeno, se bem se repara na seria utilidade que se deve esperar para o nosso povo de o afazer e affeiçoar a occupações intellectuaes.

Boas escolas elementares por toda a parte, gratuitas e obrigatorias, e logo depois, ou a par, abundancia de opusculos que se deixem ler, e que vão a pouco e pouco desbastando a ignorancia, e com ella a impericia, a preguiça e a immoralidade, eis o grave ponto a que devem tender hoje em dia as diligencias de todos os homens de alma e coração, illustrados, liberaes e progressivos; em civilisar o povo é que está a primeira politica, a sincera, a boa, a digna d'este seculo.

Pelo menos assim o acreditava, e assim o repetia nos seus prologos e nas suas conversações, o auctor do *Almanach de Lembranças;* e assim o entendia tambem eu, que, ao mesmo tempo que elle dava annualmente aos milhares e milhares es-

tas faceis leituras para toda a gente, me cansava sem descansar para que o ensino primario se facilitasse por todos os modos, e se convertesse de sevicia esteril em amenidade proveitosa.

Lidou elle até ao seu derradeiro bocejo, litteralmente fallando, no cumprimento do seu empenho, e deixou-o por sua morte recommendado como testemunho de affecto patriotico a quem podia succeder-lhe. Eu, por minha parte, ainda tambem não desanimei na minha tarefa, se bem que muito mais espinhosa, e incomparavelmente mais contrariada do que a sua.

Na contumacia do amor ao nosso povo fizera-nos Deus tão irmãos como no sangue.

Pelo que pertence ao titulo *Almanach de Lembranças*, claramente o explicou o auctor no prefacio do seu primeiro volume.

Duas rasões o induziram a chamar-lhe assim: a primeira foi o conterem-se n'aquellas paginas muitas noções de prestimo que importava andarem presentes aos que não cultivam de proposito as sciencias; a segunda era que, levando cada uma d'essas paginas a parte inferior em branco ou devoluto, o leitor curioso fosse ahi registando de dia a dia os apontamentos do que houvesse feito e pensado, ou do que tivesse para fazer, do que lhe adviria porventura algum proveito e de mais de um genero. Ficava sendo para cada qual um livrinho particular de saudades gostosas, de arrependimentos instructivos, uns fastos do coração, um annuario economico, historico, encyclopedico e intimo; era metter a caminho pratico aquella idéa tão convictamente proposta pelo sabio educador Marco Antonio Jullien, chamado *de París*.

Nos primeiros dois annos ainda o *Almanach de Lembranças* saiu com este seu album convidativo; mas convencido logo pela experiencia de que ninguem semeava para si n'aquelle campinho a todos franco, passou a occupa-lo de ahi ávante com a sua propria lavra, consciencioso systema em que ainda se conserva.

Logo direi o para que trago tudo isto; agora permitta-se-me fazer uma dolorosa interrupção.

Aqui está o que eu lançava nas primeiras paginas do duo-

decimo tomo do *Almanach de Lembranças: (Outono* é quadra de folhas caidas; não lhe destoam estas memorias.)

« Levava-lhe eu tres annos de dianteira na vida, e aqui estou agora registando o seu nome no livro das lembranças do passado; n'este proprio livro que elle fundára com tanto amor para sua filha, e que a ambos sobreviveu.

Que de luctos! e quão pesados! em menos de um anno! Sobrinha, irmão e mãe! A mais nova, anjo de dezoito primaveras, partiu primeiro, a 20 de maio[1].

N'esse mez tambem, a 23, o pae com cincoenta e seis annos.

A 1 de agosto, finalmente, nossa pobre mãe, com oitenta e seis.

A morte a escarnecer dos calculos e confianças da idade!

Agora que pela duodecima vez sáe á luz este opusculo, annual como as saudades, com quem a tantos respeitos se apparenta, pediu-me o coração lhe tomasse alguma pagina para depositar n'ella entre flores e lagrimas a memoria do que até hontem o escrevia, tão amavel e tão popular.

Não lhe faço a biographia, menos o elogio funebre. Biographia não, que me doêra muito renovar por miudo, aindaque o podesse, todos os successos de uma existencia devolvida por cima de mais espinhos que relvados; elogio funebre ainda menos, porque onde é verdadeiro o sentimento mal cabem pompas de eloquencia.

Conversarei apenas dois instantes com os leitores ácerca do espirito e da indole d'este homem, a quem eu quiz como irmão a irmão, e elles todos como bons amigos a bom amigo. Os que bem o conheceram confessarão que me não illudem vaidades do parentesco, nem preoccupações do bemquerer.

Era o nosso Alexandre um d'aquelles pouquissimos homens que a natureza temperou por igual do positivo e do phantasioso, de entendimento e de poesia; similhante, se me é licito dize-lo, a certas montanhas que em diversas alturas inculcam

[1] 1860.

estações diversas, aqui floridas, ali fructiferas, depois espinhosas, mais acima nubladas e scismadoras; com amenidades nos reconcavos assoalhados, com trevas e echos nas cavernas, com thesouros e mananciaes nas entranhas.

Quem o via tão pontual em suas variadissimas e innumeraveis occupações, dando rasão tão cabal de cada uma, como se essa unica o absorvesse, nunca poderia suspeitar, se o não visse, que ao saír d'ali apparecia igualmente completo e exclusivo, não só nos ocios da familia, que são ainda occupações, e as melhores de todas, mas nas palestras litterarias, em que elle como ninguem amenisava o saber, nas conversações leves e fortuitas das salas, dos bailes, dos theatros e dos passeios, creança com as creanças, com os mancebos mancebo, grave e de conselho com os anciãos.

Não se abalisava o seu espirito (deve-se dizer tudo) por uma grande profundez scientifica, se bem houvesse cursado as sciencias com aproveitamento e até lustre; o seu talento era alado; ora abelha, ora borboleta: borboleta, saía de fiar cazulo de seda para beber ar alegre e raios do sol, boiando entre terra e céu; abelha, saltava de trabalhar na penumbra do cortiço, para ir colhendo á toa mel do seio de todas as flores. A sua philosophia, philosophia sem nome, consistia toda em refugir por natural instincto das alturas nevoentas e precipitosas da meditação sem utilidade; das cavernas e catacumbas dos cuidados sem rasão, com que o viver se incurta e se mallogra.

Inter utrumque, era a sua divisa: no uso do entendimento, no repartir e applicar dos affectos, na politica, na convivencia, na lida e no repouso, na vivenda, na mesa, no trajar, no escrever, em tudo — *inter utrumque.* Se em alguma cousa saía do seu meio termo para excesso, se excesso se póde dizer, era no extremo e fineza para com aquelles a quem chegára a apertar a mão como a amigos, ou com quem o sangue e o costume o enlaçavam. Nunca houve melhor filho, melhor irmão, melhor marido, nem, e sobre tudo, melhor pae. Pela vida de cada uma de suas filhas daria cem vezes a sua com alvoroço, e sobreviveu a todas, e viveu, e pôde parecer consolado!

Mas esse dilapidar-se do coração lá no fundo do peito, e a sós, esse chorar sob o sorriso, ou sob a serenidade do semblante, esse sacrificio continuo de si ás exigencias do mundo e ao commodo da sociedade, foram-lhe a pouco e pouco desgastando as forças, que aos que notavam a sua actividade pareciam inexhauriveis, até que deram a final na terrivel consumpção que tinha de o prostrar, destruir e perder para a sua familia, para os seus amigos, para a sua terra e para as letras.

Dois largos annos durou a sua incomportavel agonia; e quando esta palavra emprégo não poderá taxar-me de exagerado quem n'ella o viu e o admirou.

Sentindo claramente que a enfermidade o andava por dentro derrocando, vendo já no espelho um cadaver, sequestrado a todos os prazeres, elle que tanto lhes quizera sempre, despedindo-se da luz como pela ultima vez a cada pôr do sol, tres cousas unicamente pareciam ainda então n'elle indestructiveis, e floresciam e fructificavam porque tinham a raiz na mais heroica paciencia que eu nunca vi: a benevolencia, seu *ultimum moriens;* o furor do trabalho, necessidade da sua organisação, e mais forte que ella; e o espirito ameno, quasi jovial, e que só debaixo do cypreste se podia esvaecer.

Desejava, desejava sinceramente acabar a vida para se pôr emfim ponto em dores sem allivio e sem esperança; mas á espera da hora do livramento, os seus costumados, que elle quiz ver em roda de si emquanto podesse ver alguma cousa, tiveram o espectaculo doloroso e unico de um homem ainda a gracejar nos trances do supplicio; a repartir-lhes consolações, com que elle não ficava; com a penna a cair-lhe já dos dedos, e a escrever ainda para os seus innumeraveis leitores, e a corrigir as provas d'este mesmo livro, que elle estava certissimo de não folhear.

Despenou-o finalmente o Pae commum, com quem se entendia pelo amor, e em quem por isso tivera sempre a mais certa confiança; despenou-o chamando-o para si, entre muitas lagrimas de todos, pelas seis horas da manhã do dia 23 de maio.

O pouquissimo que a enfermidade deixou do seu corpo, des-

causa no cemiterio do alto de S. João, para onde foi acompanhado por um sequito numeroso e visivelmente penalisado.

Se alem-mundo se póde curar do que se faz cá em baixo ao espolio e ao nome que largámos, gloria accidental lhe deve ter sido no céu o affecto com que tantas corôas têem cingido o seu tumulo, tantos brados da imprensa lhe deram o sentido *vale*, e em tantissimas casas se chorou a sua partida, como de um socio que todos os annos lhes levava as boas estreias, e cujo humor sympathico, folgazão e inoffensivo tanto recreava a mulheres e a homens, a meninos, a mancebos e a idosos.

Não é só em Portugal que esta perda está magoando; é em toda a parte onde se lê e falla a nossa formosa lingua; no Brazil sobre tudo.

Na Barra do Rio de Velhas, á frente dos homens o dr. Luiz Francisco Otto, e das senhoras algumas das principaes damas, suffragaram em officios funebres a alma de nosso irmão e de sua filha; discursos sentidos, poesias saudosas, flores e corôas á eça, se misturaram com as orações, as lagrimas e os suspiros d'alma. Iguaes testemunhos se observavam pouco depois ali ao saber-se do fallecimento de nossa mãe.

Eis o que a nosso irmão José Feliciano escrevia o reverendo parocho João Francisco da Mota:

«Communico a v. , e por sua via a todos os da sua casa, particularmente ao sr. Antonio Feliciano de Castilho, que hoje celebrei na parochia exequias funebres pelo eterno repouso da alma da sr.ª D. Domicilia Maxima de Castilho, em presença de numerosa assembléa de cavalheiros e senhoras, todos trajados de lucto fechado, proferindo o nosso bom amigo o sr. dr. Luiz Francisco Otto uma oração, que commoveu a quantos o escutaram.

«Digne-se v. aceitar e levar ao conhecimento de toda a familia Castilho a homenagem da minha pura sympathia.

«Em 27 de setembro de 1860.=O vigario collado, *João Francisco da Mota.*»

E o sr. dr. Otto! Impressionára com uma sentida oração a escolhida assembléa que affluíra a tão piedoso acto, e tres dias depois escrevia ao mesmo nosso irmão:

«Engano! Meu nobre amigo, tão dolorosamente ferido pelo anno bissexto! Engano! A mãe dos Castilhos não morreu. Refugiae-vos no reino dos espiritos, que sempre lhes está aberto; sêde grande como a vossa magoa.

«V. conhece de certo a sublime poesia do nosso Schiller:

«*Para as grandes almas ha a dor universal como orvalho consolador.*»

Boas e santas obras! Eis a carta com que respondemos ás damas e cavalheiros da Barra do Rio de Velhas:

«Senhoras e senhores:—Com a mais entranhada gratidão, e com o internecimento mais profundo, nos constou que vós, lá tão longe, n'outro mundo, debaixo de outro céu, vos reunireis a nós em espirito na casa de Deus para deplorar as nossas tantas, tão recentes e tão dolorosas orphandades do coração.

«Bem hajaes, irmãs e irmãos, a quem não conheciamos, com quem nos abraçâmos, e que assim viestes generosamente ajoelhar-vos a orar á sombra do nosso lucto! Pague-vos Deus no centuplo o bem que fizestes aos nossos queridos finados, e a nós mesmos; porque não ha melhor balsamo para estas feridas de quem sobrevive do que as lagrimas alheias, que nos acodem espontaneas e inesperadas.

«Eramos ainda ha pouco uma familia das mais unidas pelo amor, e que se viu tremendamente rareada a subitas! Graças a vós, sem recobrarmos, pois se não recobra cá em baixo o que nos fugiu para o céu, graças a vós, repetimos, vêmo-la hoje, esta mesma familia, acrescentada de tamanho numero de parentas e parentes, quantas e quantos vós sois, senhoras e senhores.

«Não nos unia o sangue, não nos pertenciamos pela casualidade do nascimento; não nos viramos, não nos tratáramos

jamais, mas a nossa dor e a vossa piedade vos fizeram nossos! Sentimos consolação, sentimos quasi orgulho com este pensamento!

« Aceitae o nosso abraço fraternal, e permitti-nos assignarmo-nos,

« Vossos para a vida e para a morte—Amicissimos e obrigadissimos irmãs e irmãos.

« Lisboa, 28 de fevereiro de 1861. »

Firmavam esta carta as assignaturas de toda a familia.

Iguaes obsequios nos foram liberalisados por outras partes do imperio, e designadamente na cidade de Santos, quando lá constaram as nossas perdas.

Concorreram a um *libera-me* carregados de lucto todos os numerosos signatarios da mensagem que d'ali foi enviada com uma penna de oiro a nosso irmão José Feliciano de Castilho pelos seus patrioticos, espontaneos e desinteressados serviços em favor de Portugal.

Outra carta nossa ao nosso conterraneo José Joaquim de Sousa Ayrão Martins, que suppomos haver sido o promotor d'essas demonstrações, lhe testemunhava a gratidão de uma familia commovida e confusa de tantos favores.

Aos agradecidos chamavam os romanos lembrados; tudo isto competia pois de direito ao *Almanach de Lembranças*.

Enthesourou-se mais de um exemplo nobre e proveitoso.

Ao escrevermos estas linhas uma voz interior nos diz que entrámos no coração e secundámos as intenções do fundador d'esta bibliothecasinha popular. »

Uma noite em 1851 conversando meu irmão Alexandre e eu ácerca do seu *Almanach de Lembranças*, cujo segundo volume se andava preparando, desejou elle que eu lhe pozesse em versos dirigidos a sua filha Emilia, depois sua collaboradora, e agora sua companheira no sepulchro, um sentimento bem paternal e bem seu, ácerca dos espaços reservados em branco para uso privativo dos leitores do seu opusculo; foi isso

o que executei como interprete na seguinte poesia, que havia de apparecer no segundo tomo, mas cujo manuscripto se estraviou na viagem de meu irmão para Paris, onde esse volume foi impresso; aqui lhe restituo agora o seu pensamento; e com isto cerrarei o meu *Outono*.

A mim me desfolham annos;
a ti annos dobram flor;
que enganos e desenganos!
que lições, meu doce amor!

Cada dia que vae findo,
gera remorso ou prazer;
e um Deus bom, meu anjo lindo,
no-l'os permitte escolher.

Imita os que dia a dia
seu porvir dourando vão;
sê de teus paes a alegria,
filhá do meu coração.

Traze este livro em teu peito;
n'elle a folha e folha tens
no escripto, bens que se hão feito;
no branco, onde escrevas bens.

Possam no tempo vindouro,
cara filha, os olhos teus
ver n'este livro um thesouro,
e uma gloria os olhos meus.

FIM DO OUTONO

INDICE

PAG.

A Sua Magestade Fidelissima o Senhor D. Luiz—Carta-dedicatoria v
Advertencia XXXIII
Novo anjo—Elegia no sentidissimo fallecimento de Sua Alteza Imperial a Senhora Princeza D. Amelia de Bragança 1
No transito do Senhor Rei D. Pedro V 5
A Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando II 19
A Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz 21
Vaticinio 23
Deprecação—Epistola a Sua Magestade a Senhora Imperatriz do Brazil D. Thereza 33
Agradecimento—Epistola 2.ª a Sua Magestade a Senhora Imperatriz do Brazil D. Thereza 43
Carta a Sua Magestade o Senhor D. Pedro II, Imperador do Brazil, enviando-lhe a precedente epistola 53
Carta aos portuguezes residentes em Porto Alegre, no imperio do Brazil, agradecendo-lhes uma rica penna de oiro por elles offerecida ao auctor depois de impetrado o indulto imperial que na epistola a pagina 33 se havia solicitado 57
Adriana Lecouvreur—Opera em quatro actos, traduzida do italiano do sr. Achilles de Lauzières:
A m^me^ Fortunata Tedesco di Franco—Versos a toda a pressa 61
Preambulo do traductor na edição do libretto, de 1858 69
Argumento da opera 74
Opera 80
Letreiro posto por baixo de um retrato de m^me^ Fortunata Tedesco, prima-dona do real theatro de S. Carlos de Lisboa 113
Á cantora Ersilia Agostini, executando o papel de Julieta na opera «I Capuleti e Montechi» no real theatro de S. Carlos de Lisboa a 18 de abril de 1853, noite do seu beneficio—Soneto 115
Á prima-dona Margarida Bernardi no seu beneficio no real theatro de S. Carlos de Lisboa em 8 de abril de 1858 117
Despedida cantada pela prima-dona Margarida Bernardi ao publico lisbonense no real theatro de S. Carlos, em 27 de maio de 1858 119
Despedida ao publico lisbonense cantada por Pietro Neri-Baraldi no real theatro de S. Carlos, na noite de 19 de março de 1859 121
Despedida posta, com o retrato do auctor, no album da prima-dona do real theatro de S. Carlos de Lisboa, m^me^ Marietta Gazzaniga Malaspina, em 23 de março de 1861 123
Felicitação da companhia lyrica italiana do real theatro de S. Carlos de Lisboa ao compositor portuguez Migone pela sua opera «San-Piero» – Soneto 125

PAG.
Os porteiros do real theatro de S. Carlos de Lisboa aos frequentadores das platéas, pela festa do Natal de 1860 127
Monologo para ser recitado pela actriz Emilia das Neves e Sousa n'uma projectada festa theatral em beneficio da associação promotora da educação popular 129
Moreto—Traducção de um poema attribuido a Virgilio, offerecida ao ex.mo conselheiro Antonio José d'Avila 139
A Senhora da Nazareth—Chacara 153
O Natal sueco—Extracto de uma viagem de Arndt pela Suecia, inserto no *Penning Magazin* dinamarquez, e traduzido pela sr.ª D. A. C. Vidal de Castilho 173
O Natal do pobresinho 179
Lenda dos bailarins 187
O rapto de Europa, vertido de Moscho e dedicado ao helenista insigne, e insigne poeta portuguez Antonio José Viale 193
A invenção dos jardins—Imitação de Gessner 201
A primavera no mar 211
A constancia aldeã 217
O rapaz dos burros 221
Carta (de A. F. de Castilho) ao director do periodico lisbonense *A Semana* (A. da Silva Tullio) supposta haver-se-lhe enviado do Porto com a firma I. I. M. P. de A. E. S., publicada no mesmo semanario em 14 de fevereiro de 1851 225
As metamorphoses do macaco 227
Traducçãosinha dedicada ao meu vizinho da esquina, que faz criticas 231
Arte de ser feliz 233
A invenção da azenha—Traducção de um antigo epigramma grego 235
A invenção do cálamo—Traducção de um antigo epigramma grego 237
Versos feitos para a abertura do asylo de Vianna do Castello 239
Cantiga de Giraldo Sem-Pavor á moura, filha do guardador da torre de Evora 243
A tomada de Coimbra—Chacara 245
Versos no pavilhão mandado armar no caes do Terreiro do Paço pela camara municipal de Lisboa, para o festivo desembarque de Sua Magestade a Senhora D. Maria Pia de Saboya 253
Inscripções no arco triumphal erecto na rua direita do Sacramento para solemnisação do real consorcio em 6 de outubro de 1862.. 255
O amor—Imitado do hespanhol de Rodrigo Cota 257
Versos cantados na comedia «O cavalheiro S. Jorge», representada no theatro das Laranjeiras em 1847, pouco tempo depois no de D. Maria II, e em 1855 no de S. João do Porto 259
O *Almanach de Lembranças* 263

81523308

Geeder da Silva.
30-3.82